

OS MÉDICOS DO ESPAÇO

Luiz da Rocha Lima
e o Lar de Frei Luiz

Foto do espírito materializado do
médico Frederick von Stein

Ronie Lima

Prefácio de Ronaldo Gazolla

6ª edição

Frei Luiz

Mauad X

Rocha Lima, fundador
do Lar de Frei Luiz

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site:www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

OS MÉDICOS DO ESPAÇO

Luiz da Rocha Lima
e o Lar de Frei Luiz

Ronie Lima
Prefácio de Ronaldo Gazolla

6ª EDIÇÃO

Mauad X

Copyright @ by Ronie Lima, 2000

6ª edição: 2013

ronielima@br.inter.net

Direitos desta edição reservados à

MAUAD Editora Ltda

Rua Joaquim Silva, 98, 5º andar - Lapa

CEP 20241-110 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (021) 3479.7422 Fax: (21) 3479.7400

www.mauad.com.br

Capa:

Trama Criação de Arte

Fotos da Capa e Caderno de Fotos:

Agradecimentos do autor e da editora
ao Lar de Frei Luiz pela cessão das fotos

CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

DEPARTAMENTO NACIONAL DO LIVRO

L732m

Lima, Ronie, 1957-

Os Médicos do Espaço: Luiz da Rocha Lima e o
Lar de Frei Luiz / Ronie Lima. – Rio de Janeiro:
Mauad, 2000; 6ª Edição, 2013.

ISBN 978-85-7478-527-1

Inclui bibliografia

1.Lima, Luiz da Rocha. 2. Educandário Social
Lar de Frei Luiz. 3. Cura pela fé e espiritismo.
I. Título.

CDD – 133.9

À minha amada Célia, a Kellis

ÍNDICE

Agradecimentos

Prefácio — Ronaldo Luiz Gazolla

Capítulo 1 — Seres de Luz

- Almas Gêmeas
- Uma Nova Vida
- Santo de Petrópolis
- Encontro Marcado

Capítulo 2 — Metaciência

- Grupo de Pesquisa
- Século 21
- Desegoificação
- Antigoécia
- Abstinência Sexual
- Ecumenismo
- Força Interior

Capítulo 3 — Criando Matéria

- Materialização de Espíritos
- Ectoplasma
- Fenômenos Astrais
- Frederick von Stein
- Medicina do Futuro
- Enxerto Celular
- Cura Integral
- Centro Holístico
- Lauro e Armando
- Pelo Telefone

Caderno de Fotos

Capítulo 4 — Cidade do Amor

- Semente do Amanhã
- Pela Infância
- Grande Investidor
- Missão Cármica

Posfácio

Bibliografia

Agradecimentos

Este livro não dependeu apenas de um esforço de pesquisa e da inspiração do autor. Existiu por trás todo um trabalho de pessoas e de seres extrafísicos que colaboraram para que fosse criada a ambiência necessária ao bom andamento do texto.

Os Médicos do Espaço não seria possível sem o estimulante debate de ideias sobre questões espirituais com a psicoterapeuta de vidas passadas Célia Resende, minha companheira de jornada universal.

Agradeço em especial ao meu fraterno amigo Carlos Augusto Rezende Lopes e a sua mulher, Elian Friaça Lopes, que me acolheram em sua maravilhosa residência em Bicas (MG), onde morou Frei Luiz, o que possibilitou que eu escrevesse este livro, na virada de fevereiro para março de 1999. A minha amiga Vera Patury, a gratidão por ter me ajudado a definir os nomes de alguns capítulos, durante a redação da versão final de *Os Médicos do Espaço*, em sua casa em Itaipava, em julho de 1999.

Gostaria também de agradecer a todos os colaboradores do Lar de Frei Luiz que deram seus depoimentos sobre Luiz da Rocha Lima e sobre detalhes da instituição – em especial a Paulo Ruy Portella, que leu os originais do livro e fez importantes observações que me ajudaram a corrigir inúmeras imprecisões, e ao saudoso presidente do Lar, Ronaldo Luiz Gazolla, que concordou em escrever o prefácio desta obra. Um abraço especial para o meu amigo Paulo Ignácio de Almeida Filho, que sugeriu que eu escrevesse este livro.

Deixo também um carinhoso beijo para Olga Lima, minha querida mãe, que fez o árduo trabalho de transcrever as fitas gravadas das entrevistas e colocou questões fundamentais que me ajudaram a precisar a minha visão sobre fenômenos extrafísicos.

Por fim, o óbvio: independentemente das críticas e observações dos que leram os originais, o texto final de *Os Médicos do Espaço*, com seus erros e acertos, é de minha inteira responsabilidade.

Ronie Lima

Prefácio de
Ronaldo Luiz Gazolla (1935-2002)
Ex-presidente do Lar de Frei Luiz e
ex-secretário municipal de Saúde do Rio de Janeiro

Muitas pessoas, ao falar em nome do mestre, fazem até prodígios. Mas, se formos a fundo, numa análise racional, vemos que algumas não passam de falsos profetas, usando as coisas de Deus muito mais para os seus ganhos próprios – não só materiais, como egoísticos. O livro *Os Médicos do Espaço* não entra no rol das publicações que, ao invés de trazer grandes benefícios, incentivam os falsos profetas, a idolatria. Seu autor, o jornalista e escritor Ronie Lima, não envereda pelo caminho do maravilhoso, das questões míticas.

Este livro vai abrir a mente das pessoas para uma visão mais racional sobre o mundo da espiritualidade, que passe pelo crivo da razão. Em seus capítulos, se discute muito a questão das curas feitas através das ações dos médiuns, desmistificando-a. O autor traz esse tema para uma dimensão mais real, mostrando que a cura mais importante – e acho que isso é um exemplo muito grande para aqueles que enveredam por esse caminho – é a cura do espírito. De acréscimo, é que vem a cura da matéria.

Um dos grandes erros que muitos médiuns cometem, quando não têm uma base doutrinária firme, é exatamente querer curar aquilo que o indivíduo ainda não está em condições de receber, que é a cura da doença material. Muitas vezes, esses médiuns não conseguem perceber a relação de causa e efeito da doença, sem entender que o indivíduo deve ter ganhos cármicos para se colocar em condições de, materialmente, receber a cura.

Para todos os que desejam saber um pouco mais sobre essa importante obra social e espiritual, principalmente para os que estão chegando e também àqueles que lá já estão, mas numa fase de iniciação, o livro aborda muito bem toda a experiência do Dr. Luiz da Rocha Lima, fundador do Lar de Frei Luiz.

Os Médicos do Espaço mostra todo um ciclo de evolução daquela obra, fecha muito bem isso. Ao fazer uma síntese de toda a experiência de vida do Dr. Rocha Lima, reúne fragmentos de cada um dos livros que ele escreveu, como *Forças do Espírito*, *Medicina dos Espíritos* e *Memórias de um Presidente de Trabalhos*.

Outra coisa muito importante em *Os Médicos do Espaço* são os depoimentos colhidos de várias pessoas, que mostram o quanto está impresso em todos nós aquilo que o fundador do Lar de Frei Luiz pregou e praticou. Isso é uma coisa fantástica. Deu frutos.

O Dr. Rocha Lima procurou escrever uma linha de pensamento em seus livros em que conceitua uma série de questões dentro da doutrina espírita. Ele se preocupou mais, porém, em narrar a sua experiência pessoal. E foram tempos muito difíceis. Mas ele veio construindo a obra, junto com um grande número de irmãos, e sempre nos apontou – e aponta ainda hoje, quando conversa conosco em espírito, materializado ou não – que, para fechar o ciclo, nós ainda temos uma construção fundamental: o Centro de Terapia Holística Dr. Lauro Neiva.

Com a unidade pronta, a obra atinge um de seus grandes objetivos, que é unir as duas medicinas – a medicina espiritual e a convencional, praticada pelos médicos, os profissionais de saúde. O Dr. Rocha Lima mostra a diversidade das duas medicinas e também seus grandes pontos de união. Elas são completamente diferentes, mas, talvez por essa grande diferença, têm uma complementariedade, se tocam num ponto principal, que é o benefício do ser humano.

O fundador da obra sabia que haveria um momento em que desencarnaria. Por isso, tinha que deixar alguma coisa muito bem construída e sólida, para que, ainda que sob a orientação dele e de Frei Luiz no espaço, essa obra não fenecesse, não desaparecesse. Então, ele tomou em seus livros o cuidado de fazer uma narrativa de toda essa experiência.

Além disso, quando se ouvem as mensagens que o Dr. Rocha Lima deixou gravadas, de suas palestras, que são quase mil, nos damos conta de um homem com um conteúdo e um conhecimento da doutrina e das coisas da vida e de Deus numa dimensão inimaginável.

Mas ele também sempre dizia para todos nós – e às vezes não entendíamos – que era uma pessoa imperfeita, muito endividada carnalmente. Ora, se era imperfeito e muito endividado, tinha a consciência do ego que ainda existia nele. Esse homem, portanto, não viveu a ilusão, não viveu o maya dos hindus. Sempre viveu a realidade, e teve muito cuidado para que o seu ego não estivesse presente no que deixou. Se o ego dele estivesse muito presente nos seus escritos, por exemplo, não sei se estes teriam força para a continuidade, para a credibilidade dos que os leem e seguem seus ensinamentos.

Agora vem o autor de *Os Médicos do Espaço* e entrevista várias pessoas do Lar de Frei Luiz, o que nos possibilita ter uma ideia mais atualizada da obra, inclusive avaliando os resultados do que o Dr. Rocha Lima plantou, se realmente está dando frutos. Com essas entrevistas, temos uma oportunidade muito grande de ver se estamos assimilando aquilo que ele nos passou e se estamos realmente integrados, fiéis aos seus ensinamentos e sacrifícios. E nesses depoimentos existem algumas coisas que, às vezes, não percebíamos nem tínhamos a sua real dimensão.

Os Médicos do Espaço vai ser muito importante para essas gerações novas que lá estão – principalmente os médiuns em desenvolvimento e também aquela multidão ávida de conhecer o Lar de Frei Luiz – terem a noção de que o trabalho do fundador da obra evoluiu. Como pretendemos reeditar os livros do Dr. Rocha Lima, vai ser também uma motivação para aqueles que querem ir mais a fundo em suas pesquisas, passando a ler o conteúdo de cada texto escrito por ele.

Muitos esperavam que o Dr. Rocha Lima escrevesse livros conceituais, comentando a doutrina. Alguns inclusive não consideravam tão bons seus livros publicados. Mas ele não foi por esse caminho, que é o caminho do ego. Ele era muito inteligente, muito bem intuído e teve uma visão de curto, médio e longo prazos. E o Lar está começando a dar frutos, porque na Bahia e mais em um ou dois lugares já existem centros de Frei Luiz.

O grupo de Frei Luiz é uma verdade e pode se multiplicar, aliás deve se multiplicar. É preciso se ter humildade para entender isso, porque o que é de Deus não é exclusivo de ninguém, o que é verdade não precisa ficar cerceado, tem que estar ao conhecimento de todos.

CAPÍTULO 1

SERES DE LUZ

Almas Gêmeas

Quis o destino que se cruzassem os caminhos do químico industrial Luiz da Rocha Lima e do franciscano Frei Luiz. Com o encontro dos dois em uma reunião espírita, em 1947, quando o frade – falecido dez anos antes – comunicaria que a missão principal de Rocha Lima seria criar um grupo kardecista para ajudar crianças carentes e órfãs, se desenvolveria, na cidade do Rio de Janeiro, um maravilhoso trabalho social e de cura.

Nordestino de Alagoas, morador do subúrbio carioca, Rocha Lima materializou com muito sofrimento e luta o seu sonho e o do seu mentor espiritual, Frei Luiz – frade alemão que, radicado na cidade de Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, na primeira metade do século 20, se notabilizou por sua dedicação à caridade. Construído em um terreno de 92 mil m², no bairro de Jacarepaguá, o Educandário Social Lar de Frei Luiz se transformaria, na virada dos séculos 20 e 21, na prova viva da força de um homem humilde e perseverante em prol do benefício e do amor ao próximo.

Com suas sessões semanais para o tratamento de doenças, frequentadas por milhares de pessoas de diferentes níveis sociais e obtendo repercussão nacional e internacional, com matérias na mídia e a visita de pesquisadores de vários países, o Lar angariava recursos para manter 200 crianças e 30 idosos. Mas, ao deixar este mundo material, em 23 de outubro de 1995, aos 94 anos, Rocha Lima legou muito mais do que reuniões ecumênicas de base kardecista que, ao misturar ensinamentos do espiritismo, da umbanda, do hinduísmo e do budismo, entre outros, produzem fenômenos sublimes – como a materialização de objetos e de pessoas desencarnadas. Ele ensinou que a construção de uma sociedade justa depende, antes de tudo, da solidariedade e do investimento no futuro das crianças, dando-lhes base educacional e profissional.

Em que pese as reuniões luminares promovidas no Lar, com a cura até mesmo de doentes terminais, o químico e seu colaboradores mais diretos sempre lutaram muito para manter acesa essa chama do

Amor Universal. Desde o início da caminhada do grupo, no final dos anos 1940, quando menos de dez pessoas participavam dos encontros, os sacrifícios foram enormes. Em seu livro *Forças do Espírito*, Rocha Lima relembra quando, “para não deixar esmorecer” o entusiasmo pela construção de um educandário para crianças, decidiu criar um Livro de Ouro para coletar contribuições para a construção de sua sede. Ele notava então que, não obstante “todo esse maior interesse dos irmãos do grupo” pelos trabalhos do centro espiritual, “não havia o entusiasmo de alguns deles” pela construção de um lar dedicado a crianças.

No entanto, desde uma das primeiras sessões espíritas do início do grupo, em 29 de junho de 1947, com apenas sete pessoas, ficou claro que sua missão básica era de ajuda à infância desamparada. Os trabalhos espirituais serviram apenas como apoio, para se angariarem recursos e outros tipos de assistência para as crianças. Em mensagem psicografada pelo médium Honório Maciel, o próprio Frei Luiz anunciava:

– Nossa finalidade é a construção de um lar para criancinhas órfãs, desamparadas! Esta obra já se acha estereotipada no espaço, tendo vocês e outros irmãos, que virão integrar-se ao grupo, assumido esta grande responsabilidade de realizá-la, como resgate de suas dívidas passadas. Esperem e confiem em Deus. Vocês ainda a verão realizada. Ela está amparada pelo Pai e por Jesus!

Curiosamente, o escolhido para cuidar de crianças carentes não teve filhos naturais. Casado desde 1926 com Astéria da Rocha Lima, que desencarnaria aos 76 anos de idade, Luiz da Rocha Lima encontrou na mulher o apoio necessário para a construção do seu projeto maior de vida.

– Não exigia compensações, não experimentava ciúme, não era exclusivista. Rogava somente a felicidade do objeto amado, com a qual se satisfazia. Era mansa como as pombas e prudente como as serpentes. Sempre leal, sincera, amorosa, comedida e possuidora de autodomínio – escreveu ele após a sua morte, em 14 de janeiro de 1982, em decorrência de problemas circulatórios, no livro *Memórias de um Presidente de Trabalhos*. – Entre nós dois existia, como elo inquebrável, a amizade e a gratidão. Eu a assisti em todos os momentos, e por empatia recebi todas as suas aflições.

Os dois, que se tratavam carinhosamente como Luiz e Astéria, não puderam ter filhos, mas, mesmo antes de adotar uma imensa família de crianças e de velhinhos, sempre deram provas de que tinham no coração um sincero amor de pais dedicados. Recém-nascida, Maria Helena dos Santos Alves da Cunha (1935-2003), a Marilene, foi adotada pelo casal. Na verdade, era sobrinha de Astéria, filha de sua irmã Carlota Freitas dos Santos. O pai de Marilene morrera quando ela tinha meses de vida. “Então, Rocha Lima achou por bem nós irmos morar com ele, para me educar, para ajudar minha mãe na minha criação”, diz ela, demonstrando eterna gratidão.

Apesar de uma vida apertada, Rocha Lima acabaria adotando uma grande família. Foram morar com o casal não só Marilene, mas outros quatro irmãos de Astéria: Carlota, Helena, Renato e Zeca. “Ele carregou a família da mulher a tiracolo”, enfatiza Marilene, que tratava Rocha Lima como “padrinho”. Emocionada, recorda o pai adotivo, muito terno, dando-lhe comida na boca e levando-a ao cinema, para ver filmes de Tarzan. Ao chegar cansado do trabalho, chamava Marilene e pedia: “Vem, minha filha, vem cá. Seu pai está cansado, vem tirar meu sapato”. Depois, vinham as aparições de um pai que, mesmo com poucos recursos, procurava evitar que faltassem coisas em casa para todos. “Aí ele me beijava, me pegava no colo, me trazia chocolate. Ele foi muito para mim.”

Rocha Lima foi muito para muita gente. Ao lado de Astéria, conseguiu o apoio necessário para enfrentar a árdua tarefa de manter um centro espírita e construir um educandário para cuidar de crianças necessitadas. Ao cumprir sua missão, fornecendo uma rígida formação moral a filhos de famílias com sérios desajustes de toda a ordem, o casal pôde tirar muitas pessoas do descaminho. Um pai que morreu ou abandonou sua casa, deixando a mãe à mingua de recursos, uma mãe indolente e alcoólatra que só sabe bater e explorar os filhos nas ruas, um pai bêbado e violento – de tudo um pouco, sempre passaram pelo lar meninos e meninas com problemas pessoais e sociais seriíssimos. A todos, Rocha Lima e Astéria procuraram dar o exemplo de um casal de pais voltados para o bem.

O nome Educandário Social Lar de Frei Luiz – cujo primeiro núcleo só seria inaugurado em 20 de setembro de 1964, numa casa

reformada na Estrada do Rio Grande, em Jacarepaguá – não veio à toa. Além do seu sentido de fornecer uma base educacional para crianças, Rocha Lima jamais aceitaria batizá-lo de orfanato, pois detestava tratar seus meninos e meninas como órfãos, mesmo que parte não tivesse mesmo pelo menos a mãe ou o pai.

– Ele nunca gostou que nós disséssemos que isso aqui era um orfanato – lembra o médium de efeitos físicos Ivan Ferreira de Castro (1933-2004). – Ele não admitia, falava assim: “Orfanato não, educandário. As crianças não são órfãs, nós somos os pais, as mães, temos tudo aqui dentro. Então, elas não são órfãs”.

Até que conseguissem adquirir com a ajuda de doações, em 1962, um terreno com uma casa velha, onde dois anos depois seria inaugurado o primeiro educandário, Rocha Lima e Astéria se desdobrariam ao extremo para conseguir os recursos necessários para cuidar de suas criancinhas. Uma luta que, na verdade, nunca terminaria. A partir de 1950, logo no começo dos trabalhos do inicialmente chamado Centro Espírita Irmãos de Frei Luiz, o casal perderia suas horas de lazer extraindo nomes da lista telefônica e enviando cartas com pedidos de apoio financeiro para a obra do educandário.

– Era um trabalho insano e exaustivo, mas necessário e urgente, que exigia de Astéria e de mim qualquer sacrifício, até o das despesas com a correspondência que, às vezes, atingia cerca de 80 cartas em cada remessa postal – lembrou Rocha Lima em suas memórias. – O pior de tudo é que as respostas, quando chegavam, eram desanimadoras. E isso arrefecia não o nosso entusiasmo, mas o nosso trabalho pela via postal.

Para tentar engrossar os recursos para o educandário, passaram também a vender produtos por comissão. Os dois fizeram então um pacto: jamais tocar naqueles recursos para as constantes necessidades pessoais. “Deus, amanhã, nos dará mais”, afirmava Astéria. Este lado desprendido, humilde, da mulher sempre cativou Rocha Lima. “Astéria não tinha mania de grandezas, não aspirava riquezas materiais, contentando-se com o que possuía”, dizia. “Ela destruía a falsa divisão entre trabalho material e trabalho espiritual. ‘Todo trabalho é purificador, se se realiza com motivo são e puro!’ É assim que ela sempre procedia! Tendo amor verdadeiro, era sincera; jamais esperava recompensas.”

– Ela era um doce de pessoa. Boa, nunca abriu a boca para reclamar. Ele enchia a casa de gente, ela estava sempre alegre, sempre satisfeita. Era uma criatura formidável. Fazia comida para o pessoal, agradava a todos – relembra a médium do Lar e amiga Eulina Bello Guedes. Mulher de hábitos simples, criada à moda antiga, só foi comprar e usar a sua primeira calça comprida já idosa, por insistência de algumas amigas.

O marido revela, em suas memórias, que a mulher gostava de ir ao teatro, ao cinema, de fazer passeios pela natureza. “Mas de todos esses gozos mundanos se privou, por questão de mera economia, para iniciarmos juntos o Lar de Frei Luiz.” Os que conviveram de perto com o casal atestam essa opção preferencial pela caridade. “Há anos que ele prometia levá-la num restaurante, mas nunca ia. O único acontecimento social que o Rocha Lima costumava ir era o aniversário do Luiz Francisco, o filho da Marilene”, recorda a amiga Marina Flesca, que foi médium do Lar.

Em nome das crianças desamparadas, Astéria chegava a vender em praça pública produtos da Fábrica Vixoid, como inseticidas, desinfetantes, ceras, limpadores para várias finalidades e embalagens plásticas. Montada no início dos anos 1960, por Rocha Lima e mais três sócios, a fabriqueta serviria por três décadas para gerar preciosos fundos para o Lar.

– Íamos sábados e domingos vender produtos da Vixoid – lembra o médium e amigo Eduardo Frutuoso. – Eu, ele, Astéria, Maura e Orlando Arruda. Armávamos uma barraca, na praça Seca, na Quinta da Boa Vista, no Campo de Santana, com a cantora lírica Kleusa Pennafort, que tinha uma voz boa. Os vendedores éramos nós. O Rocha Lima não aparecia como vendedor, não aparecia de frente. Ficava ali apoiando. Astéria também ficava vendendo, participava muito.

A ideia de criação da Vixoid, batizada de “Fábrica do Amor”, surgiu para o químico em um sonho, em dezembro de 1957. Segundo ele, foi “o primeiro grande lampejo” de que os prognósticos das entidades que frequentavam o centro espírita começariam a dar certo.

– Veio-me através de uma visão onírica. Era um quadro que me dava a visão de um químico de estatura alta e corpulenta, que não me

mostrava o rosto, mas que me dava a intuição de ser alemão. Simultaneamente, como se fosse uma fita cinematográfica, apareceu-me, com plena nitidez, o nome de um produto químico e tudo quanto, com tal produto, eu poderia fazer e conseguir. E no meio de uma azáfama industrial, uma voz bradava imperiosa e doce: “Pesquise! Com isso, você poderá construir o Lar de Frei Luiz!”.

Uma Nova Vida

Esse amor pelas crianças acabou unindo duas pessoas que, enquanto vivas na Terra – Frei Luiz em Petrópolis e Rocha Lima no Rio de Janeiro –, jamais se conheceram, mas deram provas seguidas de sua dedicação pelos desamparados e pela busca de um mundo mais harmônico e de paz. Em suas vidas simples, o frade e o químico procuraram não só falar, ensinar, mas – tarefa tão difícil neste mundo povoado de “intelectuais” e “profetas” de todos os tipos – praticar aquilo que defendiam.

Sem que pudesse saber, ao passar a se comunicar com Frei Luiz e toda a sua falange de desencarnados, Rocha Lima estaria mudando radicalmente a sua existência, aos 46 anos de idade. Até então, sofria por não contar com recursos suficientes para viver bem, com um emprego de químico que mal dava para cobrir as necessidades da família. Não que tenha alterado o seu padrão social, após o encontro com Frei Luiz, pois continuaria o mesmo homem simples, morador de uma casa confortável, mas sem grandes luxos, no subúrbio carioca do Méier. O que mudou realmente foi ter ganho um sentido novo para a vida.

– Ele usava roupas simplérrimas, camisas largas, de cor clara ou azul. Usava um sapato até meio surradinho. Era um homem de uma simplicidade enorme – diz o empresário Agenor Afonso do Amaral, um dos diretores do Lar de Frei Luiz.

– O Rocha Lima praticava tudo o que falava, não era da boca pra fora. Era um homem de vida ilibada, retíssimo, honestíssimo, desligado das coisas materiais, com dedicação total à obra. Ele cuidava das crianças como se fossem seus filhos – acrescenta o médium e coronel-aviador da reserva Paulo Ruy Portella, a quem o químico tratava como se fosse um filho. Marina Flesca lembra o carinho especial que Rocha Lima dedicava a qualquer criança. “Ele era muito meigo, muito brando com as crianças.”

Até o encontro com Frei Luiz, esse homem simples e honesto andava carente de um sentido para a existência. Ele não gostava muito de falar de si, mas recorda em *Forças do Espírito* esses tempos difíceis:

“Naquele já recuado ano de 1947, minha vida era de lutas e, às vezes, até de desesperanças. Era um trabalho insano, dia e noite, sem que eu experimentasse momentos de proveitoso repouso. Parecia ter-se desvanecido em minha alma, pelo desânimo e pelo desassossego, a semente da formação católica que minha amada mãe ali procurara cultivar”.

Rocha Lima não revela em nenhum dos oito livros que escreveu, e nem tampouco contou para a filha Marilene, que passou tanto aperto que, num momento em que estava desempregado, chegou a pensar em se suicidar. A revelação seria feita, anos depois, para alguns amigos, como Hugo Manoel Pisani e o psiquiatra Lauro Neiva. “O Rocha Lima e a Astéria andavam muito desanimados da vida. Estavam sem parentes, sem emprego, o dinheiro acabando. Então, uma vez ele pensou no suicídio”, confirma Alvacoeli de Castro Neiva (1914-2012), a Celinha, viúva de Lauro Neiva.

– Ele teve uma vida muito difícil. Ignorante ainda das coisas espirituais, chegou a pensar, com dona Astéria, até em suicídio. Foi quando saiu pela cidade com a intenção de comprar um revólver – acrescenta Paulo Ruy. Como tudo na vida, porém, há males que vêm para o bem. Segundo ele, ao vagar desesperado por ruas do Rio, viu na vitrine de uma livraria espírita um livro com o relato da dolorosa experiência que passam desencarnados após se suicidar. “Ele comprou o livro e aí começou a despertar para o espiritismo. Ele tomou conhecimento do que era e começou a procurar com amigos um centro espírita para ir.” Para Celinha, “o livro é que os salvou, por terem visto o que era a vida depois do suicídio. Aí resolveram continuar.”

As agruras materiais de Rocha Lima o acompanharam desde a infância. Filho do comerciante Manoel da Rocha Lima e da professora pública Maria da Paz Lima, o pequeno Luiz nasceu em 9 de janeiro de 1901 na vila de Boca da Mata, em Alagoas. Dois anos depois, morreria o pai, aos 33 anos, deixando viúva e dois filhos.

Rocha Lima conta em suas memórias o que seria o seu primeiro contato com o espiritismo, relatado pela própria mãe. Embora católica, Maria da Paz falou para o filho que, no dia de sua morte, o marido Manoel incorporou em um médium em uma sessão espírita em Maceió. Participava da reunião o pai de Maria da Paz. O médium psicografou então uma mensagem, com a letra de Manoel, avisando sobre a sua

passagem para outro mundo e o “esplendor da vida espiritual”. No dia seguinte, chegava a Maceió o telegrama da viúva comunicando aos pais o falecimento do marido.

Poucos anos depois, o próprio Rocha Lima teria, embora ainda sem consciência, sua primeira manifestação mediúnica, de clarividência, ao ver em seu quarto de criança o pai orando de joelhos e depois vindo ao seu encontro, para beijá-lo. Ele recorda que gritou, “com todas as forças”, o apelido carinhoso pelo qual o conhecia: “Papai Cané!”

Seguiriam-se tempos de muitas necessidades. Rocha Lima lembra, em seu livro *Mensagens dos Espíritos pelo Telefone*, que, aos oito anos, chegou a ser mandado pela mãe a Maceió para conseguir dinheiro emprestado com o tio Hipólito Paurilio, para que pudessem comprar mantimentos. “Mãe era professora pública no bairro pobre de Jatobá, da cidade de União dos Palmares, também chamada de Imperatriz. Seus parcos vencimentos atrasaram dois anos”, relata, continuando: “A dispensa, que ela sempre conservou abundante, estava vazia de gêneros... Mas ela não se afligia nem se desesperava”.

As lembranças que ele tinha da mãe revelam uma mulher dedicada não só aos dois filhos, mas a outras pessoas da comunidade. Embora muito católica, era “uma médium dotada de grande sensibilidade”, pois tinha visões e premonições, costumando visitar, com amigas, pessoas enfermas, vítimas da varíola, para cuidar e orar por elas. Essas visitas e rezas marcaram a imagem que teria da mãe. A amiga Marina conta que, a exemplo de Maria da Paz, Rocha Lima lembrava-se sempre da oração Ave Maria. Ele dizia para a médium: “Olha, minha filha, não se esqueça da importância da oração da Ave Maria, às seis da tarde. Minha mãe nos tratava assim”.

Mãe dedicada, preocupada com o futuro dos filhos, Maria da Paz fez questão de colocar Rocha Lima no colégio secundário, em Maceió, e depois no Liceu Alagoano, para que terminasse os preparatórios para a faculdade. Mas como naquele tempo não havia curso superior em Maceió e com as dificuldades crescentes da mãe para que o filho estudasse fora, Rocha Lima decidiu optar pela carreira militar. “Tínhamos 14 anos e o curso secundário terminado. Menino pobre, não poderíamos mais sacrificar nossa mãe”, afirma em suas memórias.

Em 1915, partiria então de navio para o Rio Grande do Sul, para morar com um tio do Exército. Seria a última vez que veria a mãe com vida – pelo menos encarnada, já que, muitos anos depois, teria a emocionante experiência de reencontrá-la em reuniões de incorporações mediúnicas e também de materializações espirituais. Sua mãe morreria em janeiro de 1929.

Apesar da intenção inicial de seguir a carreira militar, Rocha Lima acabaria vindo para o Rio de Janeiro, então capital da República, um ano depois de deixar a terra natal, para estudar química industrial na Escola Politécnica. Embora não tivesse se tornado militar, carregaria por toda a vida um senso de disciplina de dar inveja a qualquer bom oficial, acordando cedo, por volta das 5 horas, e sempre cobrando com rigor o cumprimento das orientações para o desenvolvimento das atividades do Lar de Frei Luiz.

Por outro lado, naqueles anos 20, não pareceu tocado, como estudante, pelo germe das lutas políticas que sacudiam o país, com o início de movimentos militares e civis pela queda da carcomida estrutura da República Velha. Amigos que o acompanharam na segunda etapa da vida, quando despertou para o espiritismo, o descrevem como alguém que tinha uma visão do Brasil, mas sem grande interesse por discutir o dia a dia da política, as consideradas importantes questões nacionais.

– O único programa de televisão que gostava de ver era o jornal, depois ia dormir – recorda Paulo Ruy. – Ele não gostava de política. Espírita e cristão, sempre olhava as pessoas pelo lado cristão da coisa. Ele nunca se meteu em política, nunca fez pregação política, mas falava, tinha posições como cidadão do Brasil. Não tinha nada nem de esquerda nem de direita. Era cristão, seguia o Evangelho. Lia jornais, estava sempre por dentro da situação nacional e internacional, e analisava espiritualmente a situação do país, sempre analisando pelo lado espiritual. Nas votações, votava naquele que achava que estava mais próximo do destino espiritual do país.

Mesmo sem nunca ter demonstrado qualquer pendor para o socialismo ou outros “ismos”, chegou a afirmar, em uma de suas inúmeras palestras como presidente do Lar de Frei Luiz, que Jesus Cristo praticou o verdadeiro socialismo na Terra.

No entanto, embora não tenha revelado uma visão mais politizada sobre a necessidade de se mudarem as estruturas e relações de poder da sociedade, um dos requisitos para se construir um país mais justo, Rocha Lima ensinou, com seu exemplo de vida, algo fundamental, base de qualquer transformação: devemos, desde agora, plantar o amanhã.

Ficar só falando e teorizando, à espera de um mundo melhor, é muito pouco. Uma mudança cultural e social profunda, demonstrava ele, só será alcançada se, no presente, mesmo diante de todas as dificuldades, praticarmos uma reforma interna, ética e moral – abrindo nosso coração para aceitar e respeitar a diferença nos outros, em busca da harmonia, da cooperação e da ajuda ao próximo.

– O que a humanidade de hoje necessita, mais do que tudo, é de santos da rua, santos da praça pública, santos dos escritórios, santos das fábricas, da política, homens que se guiem por um código absoluto de honestidade, homens que possuam a visão clara do Eterno, a experiência do Infinito, a permanente comunhão com Deus, e, ao mesmo tempo, vivam a vida normal do homem comum, interessando-se vivamente por tudo que pertence à vida normalmente vivida – escreveu em *Frei Luiz, o Operário do Brasil*.

Em seu livro *Mensagens dos Espíritos pelo Telefone*, no capítulo Paz e Amor, ele deixaria pistas do que compreendia sobre a luta que devemos empreender para ajudar a construir uma sociedade mais equilibrada e igualitária, ao reproduzir citação do escritor Raul Montandon em seu livro *La Paix et la Protection des Animauro*:

– O problema da Paz – nunca se dirá o bastante – trata-se mais de um problema moral e espiritual do que de um problema econômico e político. São menos as instituições humanas que precisamos mudar, senão o coração mesmo dos homens! A causa do mal, eu a vejo neste egoísmo profundo que – quase todos – trazemos ao nascer e que nos faz apressadamente encarar todas as coisas de um ponto de vista pessoal. Em virtude disso, é preciso lutar – e lutar sem cessar – contra o mal essencial, a fim de substituí-lo pelo seu antídoto: o Amor.

São palavras que denotam a formação cristã de Rocha Lima e podem causar ojeriza a qualquer um que se ache um intelectual de esquerda, avesso a discursos “religiosos”. Mas uma boa leitura, sem

preconceitos, revela algo essencial, em geral menosprezado pelos ditos “pensadores”: a importância de as pessoas viverem com simplicidade, humildade, sem arrogância, combatendo a vaidade, para provar – não só com fáceis discursos, mas na prática – que são capazes de transformar radicalmente o seu dia a dia e, só assim, o mundo.

Essa foi uma das lições de Rocha Lima. Talvez um dia, sem os preconceitos que só atrasam a construção de uma nova ordem social no planeta, a maioria entenda a profundidade de demonstrar em atos um ensinamento filosófico que, à primeira vista, pode parecer simplório:

NÃO FAÇA AOS OUTROS AQUILO QUE NÃO DESEJA QUE FAÇAM A VOCÊ!

Essa busca do equilíbrio pessoal e social, que passa pelo que se chama de Amor Universal, começaria a ser despertada no coração de Rocha Lima por volta dos seus 20 anos, numa época em que não encontrava mais sentido em sua antiga formação católica familiar. Pessoas que conviveriam com ele no Lar de Frei Luiz, como o médico e médium José Carlos Martins, contam que o então estudante de química havia se tornado agnóstico. Em 1923, porém, começaria a ser plantada a semente de sua futura entrega aos fenômenos do chamado mundo espiritual.

Em 9 de agosto daquele ano, quando fazia experiências na escola, Rocha Lima foi vítima de uma explosão, queimando-se gravemente. Ainda sem ter consciência, mas já demonstrando capacidades mediúnicas, ele recorda, no livro *Forças do Espírito*, que na véspera do acidente tivera um pressentimento de que “algo de grave” lhe aconteceria no dia seguinte.

Em seu relato, ele relembra os “meses de sofrimento, na solidão da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro”, durante os quais, algumas vezes, se indagava: que misteriosa paciência seria aquela, de se portar bravamente “diante do infortúnio e da dor”, em se tratando de alguém que “se mostrava tão cético ante o destino”? Em meio a tantas reflexões, começaria “a imaginar que a vida teria liames com a morte; que uma e outra talvez fossem fases de um processo cósmico

e eterno de imortalidade das criaturas na perpetuação dos seres pela vontade do Criador!”.

No entanto, aflito, angustiado com toda aquela situação, se questionava: “Mas quem me demonstraria? Quem me convenceria disso?”

Essa “indagação nova e torturante” em sua vida só seria respondida mais de 20 anos depois, em 1947, quando se encontrou com Frei Luiz.

Santo de Petrópolis

Embora tenha passado a maior parte de sua vida no mundo material carregando um sentido em seu coração, Frei Luiz também enfrentou momentos difíceis. No livro *Frei Luiz, o Operário do Brasil*, Rocha Lima recupera inúmeras passagens da vida do frade, desde que chegou ao Brasil, vindo da Alemanha, em 10 de julho de 1894. Seu exemplo de vida marcou época em Petrópolis, cidade serrana a 70 quilômetros da então capital federal, para onde acabou sendo enviado por seus superiores.

São relatos colhidos com pessoas que conviveram de perto com o frade, em Petrópolis, ou retirados da biografia *Frei Luiz*, escrita pelo amigo Américo de Castro (editada em 1942 pela editora Vozes), e do livro de memórias *Oito Décadas* (José Olimpyo Editora), da escritora Carolina Nabuco.

Seus contemporâneos falam de uma vida humilde, de dedicação ao próximo, seja rico ou pobre, e enfrentando muitos problemas, como inveja, ciúme, de seus pares da Igreja. “Durante quase 30 anos, gozei de sua amizade carinhosa. Habituei-me a vê-lo sempre correndo pelas ruas, apressando-se em atender a um qualquer chamado, sempre em buscas de dores para aliviar”, escreveu Carolina, afirmando que Petrópolis tinha-o no coração, do “veranista mais ilustre até o último rústico dos morros”.

Encravada em uma região montanhosa de clima agradável, essa cidade também conquistou o coração do frade. Ainda na Alemanha, ele havia sonhado com uma localidade onde iria morar grande parte de sua vida. Ao chegar em Petrópolis, ficou encantado, percebendo que suas montanhas correspondiam à cidade com a qual sonhara.

Dotado de capacidades mediúnicas, como premonições e poder curativo (de dores de cabeça e de outros males, com a aplicação de passes), Frei Luiz era castigado por colegas de batina, que o acusavam de “espírita”. No entanto, ao morrer em 8 de abril de 1937, aos 64 anos, o frade arrastou uma multidão ao seu velório e enterro, numa demonstração clara do quanto era querido pela população da cidade.

Nascido em Marinfeld, aldeia da Westfalia, na antiga Prússia, em 29 de junho de 1872, Frei Luiz se chamava Teodoro Henrique Reinke.

Com a morte do pai, um mês após o seu nascimento, o pequeno Teodoro passou a ser cuidado pela irmã mais velha, Gertrude. Autoritária, gostava de manter a disciplina do irmão à base de cruéis varadas. Ao se decidir pela vida religiosa e receber o hábito de franciscano e seu novo nome, Frei Luiz foi mandado para o Brasil com mais 51 frades, aportando na Bahia em 1894.

Dois anos depois, por pouco não morre, ao contrair febre amarela, depois beriberi e, em seguida, tuberculose. Relata Rocha Lima que um velhinho entrou então no Convento de São Francisco, em Salvador, e deu-lhe um frasco com um líquido esbranquiçado, afastando-se em seguida. Surpreso, imediatamente Frei Luiz o procurou para mais esclarecimentos. Mas aquele homem, cuja entrada ninguém registrara no convento, havia desaparecido. O frade bebeu aquele estranho remédio e se curou.

Talvez viesse desse episódio o seu posterior interesse por ervas medicinais. Estudioso da flora brasileira, junto a matutos e fazendeiros, Frei Luiz costumava curar alguns males do corpo com ervas, raízes diversas e capins, como o cidreira, que ele batizou de capim de Santo Antônio.

Curado, Frei Luiz ainda faria uma breve passagem por Olinda, em Pernambuco, para acabar chegando, em 2 de janeiro de 1900, ao Rio de Janeiro. Em 4 de março, já em Petrópolis, realizaria o grande sonho de sua vida religiosa: celebrar a sua primeira missa, o que ocorreu na Igreja do Sagrado Coração de Jesus. “Realmente, o dia 4 de março foi e será o dia mais feliz de toda a minha vida”, escreveu em uma carta para parentes. “O que é tudo neste mundo em comparação ao sacerdócio? Nada, realmente nada.”

Na chamada cidade imperial, finalmente criaria raízes, sendo adorado por inúmeros fiéis católicos, a quem costumava tratar de “filhinhos” e “filhinhas”. No entanto, por pequeno período, de cerca de um ano, ainda sairia de sua amada Petrópolis. Enquanto, em outro canto do país, o bebê Rocha Lima nem tinha aprendido a caminhar, Frei Luiz seria escolhido, em janeiro de 1902, vigário da freguesia de Bicas, no Estado de Minas Gerais.

Então uma importante região produtora de café, Bicas acolheu Frei Luiz na residência do casal Octaviano Pinto de Rezende e Ro-

salina Moreira de Rezende, onde moraria num simpático quarto com janela para a rua principal do vilarejo. Ali, muito querido por todos, chegaria a ser tratado como um integrante da família, possuindo até mesmo xícara de café com seu nome gravado. Naquela casa, no início do século 21, Frei Luiz ainda marca presença, em fotos e comentários sobre a sua estadia.

É curioso como a vida dá voltas, possibilitando encontros inesperados. Quando em Bicas, Frei Luiz batizou a pequena Célia Moreira de Rezende, filha do comerciante de café em grãos Octaviano e de Rosalina. Muito tempo depois, já nos anos 1960, o marido de Célia, o engenheiro Armando Ramos e Silva, viria a se tornar um dos principais médiuns de efeitos físicos do Lar de Frei Luiz.

Para os espíritas, não existem coincidências. Há uma série de pessoas encarnadas e desencarnadas que formam uma grande teia e vivem a se encontrar em diferentes encarnações, em situações boas ou más. Mas sempre numa caminhada visando ao aprimoramento moral e ao equilíbrio energético de cada um.

Ao retornar de vez para Petrópolis, como secretário do bispo Dom João Braga, Frei Luiz se notabilizaria pelo seu jeito manso de falar, sua caridade extrema com os mais necessitados, seu amor pelas crianças e – a exemplo de Francisco de Assis – pelos animais. Gostava de fumar charutos e costumava escrever artigos para jornais. Em 1911, sob o pseudônimo de *Lyrio do Valle*, traduziria do alemão o romance *Josefina*, de Franz von Seeburg. Escreveria ainda o livro *A Vida e o Culto de Santo Antônio*, sobre a obra do seu protetor espiritual, Santo Antônio de Pádua.

No púlpito, orava com dificuldade, devido a um grave acidente de carro em 1914, que o deixara com uma cicatriz na testa, uma pequena deformação no nariz e dentes quebrados. Condescendente, longe do radicalismo de muitos clérigos, tinha uma visão aberta das pessoas. Uma senhora que o conheceu, identificada por Rocha Lima como F.V.P., declarou em entrevista que, a certa altura, confessou para o frade que se tornara espírita. Com seu olhar penetrante, Frei Luiz respondeu: “Não faz mal, minha filha! Tudo é bom diante de Deus, quando só colimamos a verdade e a caridade”.

Aliás, esse seu lado, digamos assim, ecumênico, foi motivo de perseguições. Essa mesma senhora conta que, certa vez, Frei Luiz visitou uma mulher que vivia atacada por um espírito. Até que um dia o frade esteve com ela e, numa sessão de exorcismo, falando “com sua brandura, muito amor e humildade”, doutrinou a entidade amargurada. Tratava-se de um avô da mulher, que disse não estar em paz porque escondera, atrás de um quadro na sala, seus contos de réis, que queria que fossem distribuídos entre os pobres. O frade encontrou o dinheiro e a mulher se acalmou. Mais tarde, sabendo daquele encontro inusitado para os padrões conservadores da Igreja, Frei Luiz acabaria colocado a pão e água pelo seu superior no Convento do Sagrado Coração de Jesus.

Outra mulher, conhecida como Zita, afirmou que era muito difícil chegar até Frei Luiz no convento, já que os frades cerceavam as visitas. Ali, ele “era maltratado, perseguido e invejado”. Outro amigo, A. G., confirma que os frades, acusando-o de espírita, dificultavam o seu convívio com os que o procuravam. Frei Luiz tinha se tornado famoso por suas premonições, e isso não podia ser admitido pela hierarquia católica. Segundo A. G. relatou a Rocha Lima, sua irmã Iracema Grunvald encontrou-se um dia, ocasionalmente, com Frei Luiz, pedindo a sua bênção. Sem pestanejar, o frade lhe disse: “Você está sofrendo de terríveis dores de cabeça. Vou curá-la para toda a vida”. Aplicou-lhe então passes na cabeça – como fazem médiuns em centros espíritas – e a dor misteriosa desapareceu.

Há outros relatos sobre situações em que Frei Luiz aparecia, inesperadamente, para confortar pessoas que naquele momento precisavam de apoio, de conforto espiritual. A escritora Carolina Nabuco recorda em suas memórias que o frade era “uma figura de caridade heroica e de magnetismo incomum”. Segundo ela, o amigo “tinha antenas pra receber misteriosamente não só o sentir alheio, mas acontecimentos por telepatia”. Foi o que aconteceu, por exemplo, quando chegou sem avisar a uma casa onde havia uma pessoa morrendo, afirmando: “Senti que as filhinhas estavam aflitas e precisavam de mim”. Caso parecido, acrescenta a amiga, foi “o de um caçador ferido e caído em lugar ermo. Ansiava pela presença de um sacerdote, quando Frei Luiz surgiu a seu lado”.

Contam também alguns contemporâneos que provocava dissabores no convento a sua mania de distribuir entre os pobres as gordas esmolas que recebia. Numa manhã chuvosa, passava em frente a uma sapataria com suas alpargatas velhas, corroídas. Ao olhar para os pés encharcados do frade, o comerciante lhe deu um par de sapatos novos. Logo depois, ao encontrar um conhecido pobre com os sapatos velhos, os dedos saindo para fora, Frei Luiz de pronto lhe presenteou o novo par que acabara de ganhar.

Apesar dos contratempos, era incapaz de tomar atitudes negativas, de perseguição contra qualquer um que fosse. Em 11 de dezembro de 1931, na porta do convento, Frei Luiz sofreu um atentado a bala. Antônio Mário Hansen disparou um tiro à queima-roupa nas suas costas. Conta o biógrafo Américo de Castro que, ao ser levado para o hospital em estado grave, o frade recomendou: “Compaixão para o facinora”.

Dizia-se na época que Antônio Mário frequentava sessões de quimbanda. Para Rocha Lima, como Frei Luiz combatia as bruxarias – reuniões que alguns chamam de baixo espiritismo –, é provável que o criminoso o tenha atacado por estar “atormentado por obsessores espirituais”. De fato, muito tempo depois, já desencarnado, o espírito de Frei Luiz transmitiria mensagem, em 23 de junho de 1986, confirmando ter sido vítima de um trabalho de bruxaria.

Não há o que estranhar nessa visão. As pessoas que lidam com trabalhos espirituais sabem muito bem que, a exemplo de nossa vida aqui na Terra, é constante a luta das forças do mal contra aqueles que querem o bem, o amor, a interação fraterna e comunitária. Em diferentes dimensões energéticas que cercam o planeta e também em nosso mundo material, seres extrafísicos vibrando em sintonia energética negativa estão sempre procurando meios para separar, criar conflitos.

Assim, nada mais natural do que pessoas encarnadas que lutam pelo bem, pela solidariedade humana, como Frei Luiz, sejam vítimas de ataques de entidades espirituais pouco esclarecidas. Ataques que, como veremos mais adiante, podem ser “invisíveis”, até mesmo com a produção de doenças no corpo físico, ou mesmo diretos, utilizando pessoas desavisadas, que passam a ser controladas por espíritos obsessores. E muito mais atacados são aqueles que, a exemplo do frade, desenvolvem suas capacidades mediúnicas, usando-as para ajudar a

construir um mundo mais harmonioso – e que por isso mesmo passam a contar com mais proteção espiritual.

Se, por um lado, o biógrafo oficial do frade relata que ele combatia com tenacidade os espíritas – sem aparentemente diferenciar as graduações dos que participam de vários tipos de reuniões, o que é um erro comum dos leigos no assunto –, o mesmo Américo de Castro cita um episódio que revelaria de vez o lado mediúnicos do amigo. Frei Luiz não só predizia “a hora exata de certos falecimentos” como foi avisado do momento de sua própria morte.

– No momento solene em que celebrava o Santo Sacrifício, revelou-lhe o Senhor a data escolhida para o término de seu apostolado terrestre – sustenta o biógrafo. Segundo ele, Frei Luiz guardou reserva sobre essa revelação, mas os que o visitavam com mais frequência notavam que “ele lhes falava com maior ternura e emoção do que de costume”. Algo que parecia até natural, pois sofria do coração e, cada vez mais cansado e andando com dificuldades, era visível o progresso da doença.

O biógrafo afirma que, poucos dias antes de morrer, uma senhora abordou Frei Luiz na rua e pediu que ele fosse até a sua casa, em 9 de abril, para “a entronização do Sagrado Coração de Jesus”. Com um sorriso triste, o frade respondeu, sem maiores explicações, que seria impossível atender ao seu desejo. Após a senhora pedir ao chofer para seguir com o automóvel, ele se sentiu angustiado, por parecer que havia faltado à caridade, e acabou revelando porque não poderia comparecer: “Neste dia serei enterrado!”

No sábado 10 de abril, o tradicional jornal da cidade *Tribuna de Petrópolis* estampava em manchete de primeira página: “Foi uma perda irreparável a que vimos de sofrer, pois somente Frei Luiz sabia fazer o que fazia em benefício do próximo”. Com o coração cada vez mais fraco, o frade desencarnou à meia-noite do dia 8 de abril. Diferentes relatos falam que de duas mil a cinco mil pessoas acompanharam o velório e o enterro do amado frade.

Respeitado em Petrópolis por anônimos e poderosos, Frei Luiz acabou tornando-se nome de rua. Mas sua obra maior ainda estava por vir: ao passar para o plano astral, começaria a pavimentar a construção do Lar de Frei Luiz.

Encontro Marcado

Após a morte do franciscano, transcorreria ainda uma década até que o químico industrial Luiz da Rocha Lima estivesse preparado para receber a importante missão de continuar, no mundo material, a obra de Frei Luiz. Corria o primeiro semestre de 1947. Ganhando pouco, com dificuldades para cuidar da família, um dia Rocha Lima recebeu o telefonema do tio com o qual havia morado no Sul do país, o general de exército Otaviano Silva. Embora de formação católica, o general acreditava no espiritismo e falou para o sobrinho que, “possivelmente, haveria algo de estranho, do plano espiritual”, que entravava a sua prosperidade.

O tio disse então que, naquela noite, um amigo iria até a casa do sobrinho, para procurar ajudá-lo “espiritualmente a vencer na vida material!” Rocha Lima conta, no livro *Forças do Espírito*, ter retrucado que, se “o espiritismo tivesse essa finalidade sem nobreza, de resolver os problemas materiais, contingentes, efêmeros”, essa ajuda não o interessava. “O único auxílio que eu poderia aceitar seria o que me trouxesse esclarecimentos sobre a imortalidade da alma, a razão da dor e do destino do homem.”

Foi o que aconteceu. Naquela noite, dois homens apareceram na casa do químico, que morava de aluguel na Rua Magalhães Couto, no Méier, zona norte do Rio. Os dois presenciaram então a primeira incorporação do médium Rocha Lima por um ser desencarnado. “Algo de extraordinário se passou comigo que causou estupefação nos circunstantes, quando minha fisionomia se transfigurou diante deles, ao mesmo tempo que eu sentia a pressão de uma força espiritual querendo dominar todo o meu ser.”

Tinha sido apenas uma semi-incorporação, pois ele não ficara totalmente fora de sua consciência. Embora os dois visitantes tentassem socorrê-lo com passes, sua mão direita batia muito forte, com se quisesse psicografar alguma mensagem espiritual. “O que me acalmou foram as preces que eu aprendera com minha mãe, desde a infância”, recorda. Rocha Lima havia incorporado o

primo Carlos Paurilio, poeta e jornalista que havia morrido jovem, doente dos rins.

No dia seguinte, Rocha Lima começaria a comprar as obras do professor francês Allan Kardec (1804-1869), estudioso que codificou o que hoje é conhecido como os ensinamentos básicos do espiritismo, em publicações como *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. De posse desse manancial de informações, o químico afirmou ter descoberto “o mestre” que elucidaria grandes questões que o atormentavam, como a “indagação sobre a imortalidade da alma”.

Kardec lhe daria as primeiras grandes lições que buscava, como a de que “o espiritismo não tem escopo de resolver os problemas materiais”. Ficava então claro para ele que a missão do espiritismo é a do “aprimoramento das virtudes evangélicas do amor ao próximo, da caridade, do altruísmo, da humildade, da renúncia às frivolidades do mundo”. Bem como o “aperfeiçoamento moral da criatura humana, em face da família, da sociedade e de si mesma; tudo visando à harmonia e ao equilíbrio das relações entre os homens; tudo preparando esses homens para a sua ascese espiritual!”

Essa visão filosófica viria ao encontro das ideias que então cultivava de si e do mundo. De gênio enérgico, buscando valer, sem maiores discussões, a visão que Frei Luiz lhe transmitia sobre os caminhos da obra social e espiritual erigida, Rocha Lima dava mostras, para amigos e conhecidos, do quanto buscava praticar aquilo que pregava. Nas poucas vezes que se dispunha a falar de si, deixava claro que, se o fazia, era porque se sentia um transmissor dos ideais de Frei Luiz, e que, assim, poderia realçar lições que ajudariam os trabalhos do grupo.

No livro *Forças do Espírito*, reconhece que possuía “a alma” preparada para receber ensinamentos do espiritismo, “pois sentia que tinha as virtudes da humildade, do altruísmo, da compaixão fácil e do desejo de servir ao próximo, além das qualidades morais do cumprimento do dever e da honestidade intransigente”. Os companheiros que o acompanharam no Lar de Frei Luiz reconhecem essas qualidades.

É verdade que, embora de índole dócil, algumas vezes, quando achava que alguém estava atrapalhando o bom andamento dos traba-

lhos, dava vazão a um lado durão, meio ríspido, acabando por provocar conflitos com médiuns do Lar. Mas um fato parece inegável: em sua simplicidade, com um dia a dia até muito sem graça, de acordo com os padrões da nossa podre sociedade consumista, numa vida que se limitava em geral a um vai e vem a sua casa e ao Lar de Frei Luiz, Rocha Lima demonstrou ter aberto mão da frivolidade em prol de um projeto maior para a sua existência.

Sim, ele chegou a admitir, em *Forças do Espírito*, que sentiu “uma certa ufanía de ter sido escolhido pelo Alto como modesto pastor de alminhas infantis carentes de amor paterno e de espíritos adultos afervorados na fraternidade evangélica”. Mas tratava-se de uma ufanía moldada por sentimento nobre de ajuda ao próximo. Seus colaboradores mais próximos confirmam jamais o terem visto tomando atitudes que denotassem qualquer sentimento de presunção em relação a essa escolha.

Após sua primeira incorporação como médium e a compra das obras de Kardec, Rocha Lima ficaria surpreso quando, numa segunda sessão espírita de que participou, levado pelos amigos do tio general, foi lhe comunicado, por uma entidade espiritual, que havia sido escolhido como o novo guia daquele grupo. Surpreso, ainda tentaria se desfazer da tarefa, por não acreditar que um neófito como ele no espiritismo poderia assumir missão de tão grande responsabilidade. Mas numa terceira reunião, já em sua residência na Rua Magalhães Couto, 41, ficou patente para todos que ele desenvolvera capacidade mediúnica suficiente para tocar os trabalhos espirituais. Inconsciente, como algumas vezes ficam médiuns quando incorporam entidades espirituais, Rocha Lima não se recordou do que ocorrera. Mas os participantes da reunião contaram-lhe depois, extasiados, que no meio dos trabalhos ele foi tomado por “uma força extraordinária”, que dominou sua mente.

A expressão de sua fisionomia mudou, fazendo com que tufo de matéria gelatinosa (que mais tarde ele aprenderia se tratar do elemento vital chamado ectoplasma) fossem expelidos de suas narinas. Ao dar voz a um espírito que se identificou como um frade que fora conhecido como Frei Luiz, quando encarnado, Luiz da Rocha Lima falou sem parar por quase uma hora, discorrendo sobre questões pertinentes ao espiritismo. “Foi uma pregação maravilhosa essa de Frei Luiz, feita

por seu intermédio”, contou um dos presentes. “Foi pena não termos um gravador para deixá-la perpetuada!”

Assim, a partir de 7 de junho de 1947, na residência de Rocha Lima, começariam as reuniões mediúnicas semanais que, inicialmente com apenas seis pessoas, iriam transformar radicalmente a vida desse homem simples e de tantos outros nessa jornada de auxílio aos desvalidos e aos chamados doentes da alma.

Luiz da Rocha Lima havia se transformado no presidente dos trabalhos do que seria conhecido como o Lar de Frei Luiz.

CAPÍTULO 2

METACIÊNCIA

Grupo de Pesquisa

Comandar um centro espírita não é tarefa fácil. Nem mesmo para Rocha Lima, que, além de lidar com a vaidade humana e o despreparo de médiuns, precisava arregimentar forças para conter os seres extrafísicos que procuravam – e ainda procuram –, a todo momento, derrubar as realizações do grupo. Mais do que ninguém na obra, ele sofreu ataques terríveis de forças astrais negativas. Foram incontáveis as vezes que teve que ser operado, por médicos do espaço, para se curar de tumores, entupimentos coronários, tecidos necrosados e outras doenças provocadas por entidades que tentavam destruir o seu trabalho em prol da caridade, da saúde, do amor.

De olho no objetivo maior de fundar um educandário para crianças carentes, Rocha Lima ainda tinha que driblar as agruras financeiras de um modesto emprego de químico industrial. Muitos outros que estiveram com ele desistiram, principalmente no início, quando a missão de construir um educandário parecia algo impossível. Mas com muita disciplina e ajuda constante de seres protetores de outras dimensões – os chamados espíritos de luz –, ele conseguiu ir em frente, persistente, atraindo sempre novos colaboradores e concretizando a sua bandeira de vida.

Tudo, porém, começou pequeno. Bem pequeno. No final dos anos 1940, Rocha Lima sequer podia contar com um local fixo e adequado para as reuniões. Despejado da casa do Méier, porque o proprietário queria o imóvel para outro uso, conseguiu alugar outra residência, na Rua Leopoldina, 264, no subúrbio de Piedade, onde pelo menos conseguiria manter, por bom tempo, as reuniões mediúnicas semanais do grupo.

Nessa época, as sessões eram apenas de incorporações de entidades e para discussões da doutrina espírita, com o objetivo de melhor preparar os integrantes para as difíceis tarefas de um centro espiritual. O bom preparo dos médiuns que trabalhavam com ele foi sempre uma exigência. E Rocha Lima sabia cobrar duro. Enquanto esteve à frente

dos trabalhos do centro, não deixava passar em branco qualquer falha que percebia na conduta das pessoas.

Alguns membros do grupo tinham até receio de falar-lhe quando achavam que iriam contrariá-lo. “Ele era muito enérgico. Mas uma energia, se você pode me entender, com amor”, define o empresário e médium Agenor Afonso do Amaral. Se percebia algo fora do contexto, seja com a esposa ou quem quer que fosse, “ele chamava a atenção, ia consertar aquela situação que não estava correta”.

Se o assunto era disciplina, rigidez nos horários, Rocha Lima não titubeava. O médium Gilberto Arruda, a quem também tratava como se fosse um filho, lembra que ele não agredia ninguém, mas “falava às vezes alto, de dedo na cara e tudo”. Ele lembra que seu pai, Orlando Arruda, por anos a fio levou o amigo de carro para o Lar de Frei Luiz. Mas se o pai chegasse meia hora atrasado em sua casa, era uma reprimenda certa. “Ele dava bronca, era terrível. O Rocha Lima não era brincadeira.”

O técnico em prótese dentária e médium de efeitos físicos Ivan Ferreira de Castro, também considerado pelo químico como um filho, lembra que ele não se preocupava se iria “melindrar” alguém, sendo incisivo quando achava que precisava chamar a atenção sobre algo errado. “O Rocha Lima era uma criatura que não tinha esse negócio de meias palavras. Se você tivesse alguma coisa interferindo, ele era o primeiro a chamar a atenção e dizer: ‘Olha, cuidado, você está sendo seduzido por alguma entidade, você não está bem sintonizado’. Então, ele não admitia isso.”

– Ele era enérgico. Agora, prepotente, não – acrescenta Eulina Bello Guedes. – Ele falava alto quando tinha que falar. Tem médium que quer ficar num lugar, numa cadeira, e vai. Olha, ele era uma pessoa boníssima, mas se um médium sentasse na mesa de uma reunião para trabalhar sem ele mandar, ele mandava retirar. Ele dizia: “Você aí, sai”. Não era por maldade, era para manter a ordem. Ele chamava a atenção de quem fosse, nem a dona Astéria ele poupava. Ela não tinha privilégio não. Nem ele usufruía de privilégios.

Esse sentido de responsabilidade pelo andamento de um bom trabalho incentivou Rocha Lima a deixar para a posteridade oito livros.

Humilde ao extremo, achava que escrever livros seria se entregar aos sentimentos de vaidade que tanto combatia. Mas, depois de muita resistência, acabou convencido, pela insistência de colaboradores e mensagens de Frei Luiz e de outras entidades extrafísicas que frequentavam a obra. Legou assim para outras gerações um testemunho importante, de bases científicas, sobre a experiência de construção de um centro espírita e de um lar social.

– Ele não queria escrever, achava que era uma exaltação de sua personalidade falar de si mesmo, falar das suas lutas. Ele não queria, relutou muito. Frei Luiz ficou batalhando pelo menos uns cinco anos para que ele escrevesse o primeiro livro – conta o médium Paulo Ruy Portella.

Mesmo assim, ele só lançaria o primeiro livro sobre o Lar a quatro mãos. Com o amigo fraterno Lauro Neiva, psiquiatra renomado, publicaria *Forças do Espírito* em 1972. À época, os autores conseguiram publicar notas sobre o lançamento na grande imprensa carioca, em geral refratária a esse tipo de assunto. Jornais como *O Globo* e *O Dia* publicaram comentários favoráveis. Já os extintos *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã*, com os títulos respectivos de “Um livro terrível” e “Fantasmas ao vivo”, tentaram dar uma conotação fantasmagórica, sobrenatural, ao conteúdo da publicação. “Quem quiser levar um susto, adquira um livro dantesco”, publicou o *Diário*. “Já se encontra nas livrarias um livro medonho”, assinalou o *Correio*.

Depois da primeira edição de *Forças do Espírito*, Rocha Lima continuaria resistindo a escrever mais. Em uma reunião de materialização, o espírito de Frei Luiz chegou a ser incisivo, diante de um Rocha Lima ainda arredio em continuar os escritos: “Meu filho, é necessário! É preciso falar de você para que outros possam seguir este caminho. A humildade exige esse sacrifício”. Apenas em seu último livro, *Frei Luiz, o Operário do Brasil*, que começou a escrever em agosto de 1986, ele finalmente assinalaria estar convencido da importância de deixar registrado um pouco de sua jornada na Terra: “O meu desejo é que tanto trabalho permita que também outros compartilhem destes benefícios, dos quais, por ter trilhado sempre este caminho, possamos nós todos prosseguir leal e sinceramente a Frei Luiz e ao nosso divino mestre Jesus, o Cristo!”.

Sem ser um escritor nato, Rocha Lima acabaria publicando livros com texto pesado, de leitura difícil. Mas suas publicações valem muito pelo conteúdo das ricas experiências que vivenciou, trazendo lições profundas sobre fenômenos e princípios que devem reger os chamados trabalhos do mundo da espiritualidade. Na verdade, com o auxílio de gravações, anotações, documentos e fotografias, em que registrava não só as sessões de cura, mas toda uma série de falas e ensinamentos de seres de luz, ele deixaria como herança uma importante fonte de informações para pesquisas de qualquer estudioso sério.

Químico industrial por formação, Rocha Lima possuía uma mente científica. Ele se preocupou em gravar inúmeras sessões de curas espirituais em que seres desencarnados incorporavam em médiuns ou se materializavam, sob condições especialíssimas de ambiência, para realizar operações médicas, infelizmente ainda não aceitas pela ciência oficial. Além disso, estudava muito, escrevendo tudo à mão. “Ele só vivia com um livro na mão. Noite e dia”, lembra Marilene. Parte do que escrevia, fazia intuído por seres desencarnados. “Ele recebia instruções das entidades. Às vezes, pedia que o deixassem em silêncio, e ia captando”, conta a médium Eulina.

Para se concentrar melhor no trabalho, gostava de se isolar durante o Carnaval no sítio de Eulina e do marido, José Pinto Guedes, em Nova Friburgo, na região serrana do Rio. “O ambiente ali era muito tranquilo. Ele ficava quase o dia todo escrevendo, só levantava para fazer as refeições, descansar um pouquinho”, afirma Eulina, lembrando que, às vezes, dava umas voltas pela vizinhança verde, voltando em seguida para a escrivanhinha de trabalho. Levantava, aproximadamente, às sete, oito horas da manhã. Tomava café e sentava para escrever. Parava às seis da tarde, para rezar a Ave Maria. Ia jantar e depois continuava a escrita. Dizia então: “Agora, só vou dormir quando acabar aqui”.

Se, por um lado, Rocha Lima não era um exímio escritor, por outro tinha o poder da oratória, com discursos claros e diretos. Deixou, assim, um impressionante acervo com mais de 800 fitas gravadas com discursos que fazia nas reuniões espirituais. Cuidadas por Amílcar Ferreira, essas gravações servirão como base para que, no futuro, outros livros do fundador do Lar possam ser publicados. Nas reuniões públicas, Rocha Lima discursava muito por intuição, mas a partir de

estudo cuidadoso. “Ele pesquisava muito, não era nada assim de improvisado. Eu já o vi com pilhas e pilhas de livros, preparando-se para uma reunião”, confirma a médium Marina Flesca.

Passava as reuniões sentado, mas, na hora da preleção, falava de pé, horas a fio. O médium Eduardo Frutuoso diz que o presidente do Lar era dotado de vários dotes mediúnicos, inclusive o de transmitir o que determinada entidade lhe soprava. “Ele tinha uma clarividência, uma intuição, uma vidência... ele tinha todas as mediunidades, principalmente a psicofônica. Falava duas horas, fazendo citações bíblicas, filosóficas. Não é possível que um homem tenha tudo isso na cabeça, falando duas horas de pé, e já com mais de 70 anos.”

Mesmo no fim da vida, sempre teve uma energia de ferro. Marina recorda-se de um dia de sol escaldante, quando da inauguração de uma das casas da sede do Lar de Frei Luiz, na Estrada da Boiuna, em Jacarepaguá. “Eu me lembro que um irmão chegou pra mim e disse: ‘Incrível, o homem está falando há 40 minutos debaixo do sol’. Ele já tinha idade, e nós, que estávamos ouvindo, não tínhamos mais estrutura pra aguentar aquele calor. Ele falava sem perder o rumo, sem perder nada. As palestras dele eram muito boas.”

Em seus discursos e livros, um dos assuntos mais recorrentes é a importância de os médiuns se prepararem para os trabalhos, para se criar uma ambiência favorável à ocorrência dos fenômenos espirituais. Isso porque, na medida em que se embrenhava em textos e ensinamentos de entidades extrafísicas, Rocha Lima ia constatando a complexidade de campos de energia que interpenetram diferentes dimensões astrais e a importância de o grupo estar afinado para poder lidar com esses fenômenos.

Século 21

Não estamos tratando aqui de supertições ou de ficção científica, mas de toda uma fenomenologia que, no futuro, terá que ser aceita pela ciência oficial. Estamos falando de fenômenos que envolvem interações de partículas/ondas eletromagnéticas, materializações e desmaterializações atômicas, pacotes de campos de energia que, atuando para além do tempo e do espaço que conhecemos, driblando até mesmo a força da gravidade, são capazes de dar forma a objetos e corpos de seres extrafísicos, antes invisíveis para nós.

À luz dos conhecimentos da mecânica quântica, que trata do comportamento das partículas atômicas e subatômicas, chega a ser pueril quando alguém, com a arrogância típica dos “intelectuais” racionalistas, rejeita inclusive a possibilidade teórica da ocorrência de fenômenos como a telepatia, a premonição ou a materialização de objetos e de seres. Afinal, a despeito das crenças envelhecidas da ciência ortodoxa, cada nova descoberta da física moderna vai pouco a pouco jogando por terra a visão cartesiana que ainda domina o mundo, reforçando as evidências da existência de outros mundos e dimensões.

No início do século 20, Albert Einstein foi um dos grandes demolidores da física clássica, ao provar matematicamente – o que depois seria comprovado em laboratório – que as nossas noções lineares de espaço e tempo não se sustentam, sendo sempre relativas à posição do observador. Mostrou também que energia e matéria são faces da mesma moeda, uma se transformando na outra, num processo infinito.

Sua Teoria Geral da Relatividade demonstrou que o espaço e o tempo são conceitos interligados, e que ambos se curvam sob a força da gravidade. Quanto maior a densidade de um corpo celeste, mais o espaço se curva sobre ele, até chegar ao ponto de “engolir” tudo a sua volta, inclusive a luz. Quanto maior o campo gravitacional, mais os átomos se mexem lentamente, diminuindo a marcha do tempo.

Em outras palavras, isto quer dizer que, em relação aos parâmetros terrestres, um astronauta enviado a Júpiter, planeta muito maior do que o nosso, terá o seu relógio biológico (batimentos cardíacos, fluxo sanguíneo, ondas cerebrais, etc.) andando mais devagar. Segundo a física da relatividade, do seu ponto de vista tudo parecerá igual, mas, ao retornar à Terra, perceberá que seu envelhecimento foi retardado. A velocidade de sua viagem interplanetária também influenciará nesse processo, pois quanto mais um objeto se aproxima da velocidade da luz, mais devagar passa o fluxo do tempo em relação a ele e encolhe o espaço através do qual se movimenta.

Essas noções relativas de tempo e espaço – já provadas, por exemplo, em laboratórios de aceleradores de partículas subatômicas – abrem, para qualquer mente mais aberta, a perspectiva – nem que seja apenas teórica – de viagens através de diferentes dimensões temporais e energéticas.

Nessa linha de raciocínio, com a ajuda de novos conhecimentos que surgem da física quântica, cientistas de vanguarda em vários países já estão pesquisando as bases teóricas para que possamos, um dia, entender melhor como ocorrem fenômenos como o da telepatia – em que um pensamento é transmitido a distância para outra pessoa – e o da premonição – em que se conseguem vislumbrar alguns acontecimentos futuros.

O próprio Einstein rejeitou os fundamentos da física quântica. Mas, ao contrário do que achava esse genial pesquisador, os conhecimentos da mecânica quântica, no final do século 20, já indicavam a probabilidade da existência de velocidades que superam a da luz, como nos casos das comunicações envolvidas na telepatia ou em outros fenômenos correlacionados ao comportamento subatômico – o que se chama de descontinuidade quântica.

A física demonstra que elétrons, ao pular de uma órbita para outra em volta do núcleo atômico, dão “saltos quânticos”, desaparecendo instantaneamente, sem deixar rastro, para emergir novamente já em outra posição. Nessas mudanças de níveis, em que são liberadas ou absorvidas energias, como fótons de luz, se escondem segredos sobre a formação de moléculas, da vida, da matéria.

Em outros experimentos, fótons são capazes de se comunicar entre si sem qualquer sinal local. Essa ainda misteriosa descontinui-

dade quântica, em que partículas de energia se comunicam sem deixar rastro, demonstra a possibilidade de a humanidade construir, no futuro, aparelhos para realizar o que já ocorre no Lar de Frei Luiz e em outros grupos de pesquisa de fenômenos extrafísicos: o transporte de objetos, com sua desmaterialização atômica e rematerialização em outro lugar.

Em laboratórios científicos, já se consegue transportar a propriedade de polarização de um fóton – a partícula elementar da luz – para outro fóton correlacionado, separados por até dez quilômetros de distância. Os fótons entrelaçados têm seu eixo de polarização (um plano de vibração energética) ao longo da mesma linha. Se, num experimento controlado, a polarização de um passa a ser perpendicular a esse eixo, o outro fóton começa a vibrar na mesma direção.

Nenhum fóton viaja pelo espaço, mas esse par de partículas da luz é capaz de funcionar de forma entrelaçada. Ou seja: sem qualquer troca de sinal local, em princípio superando-se a barreira do tempo e do espaço terrestre, o comportamento de um fóton é transportado imediatamente para o seu parceiro.

Assim como a luz são pacotes de partículas/ondas eletromagnéticas que podem se transformar em matéria/massa, a ciência oficial terá um dia que admitir que um objeto pode muito bem se desmaterializar, tornando-se energia, para viajar instantaneamente e se materializar, novamente, em outro ponto do planeta ou até em outra dimensão espacial.

Muitos cientistas perdem horas e horas de estudo pesquisando a origem do universo. Fórmulas matemáticas complexas são elaboradas para se tentar entender o que ocorreu no Big Bang – o modelo mais aceito hoje em dia para se explicar a origem do universo. Mas são teorias, pois a humanidade não tem conhecimentos para retroceder no tempo e verificar o que de fato ocorreu.

Por outro lado, baseando-se em modelos matemáticos sobre a origem dos buracos negros – corpos celestes de tal magnitude de densidade que “engolem” o tempo e o espaço ao seu redor, inclusive a luz –, há físicos que questionam se haveria não só um universo, mas outros – e outros e outros, de forma infinita. Com a descoberta da antimatéria, especula-se também se existiriam universos e corpos paralelos invisíveis aos nossos olhos.

Enfim, são questões complexas, difíceis de “provar” em laboratórios. Mas se o mundo fosse outro, se outra fosse a ciência cartesiana, muitos pesquisadores poderiam encorpar seus conhecimentos dedicando-se a decifrar os fenômenos extrafísicos, de materialização e desmaterialização atômica, que ocorrem nos laboratórios de uma nova ciência – a ciência da espiritualidade.

Existe hoje uma fenomenologia incrível à espera de um corpo teórico revolucionário. Uma teoria que, exercida em sua plenitude, trará luzes preciosas para entendermos melhor a relação matéria/energia e a origem do(s) universo(s).

Os fenômenos espirituais andam na frente da ciência, mas o ideal é que cheguem, quem sabe um dia, a andar de mãos dadas.

Esta foi uma das grandes lutas de Rocha Lima, sempre buscando um diálogo fecundo entre os conhecimentos da Terra e os de diferentes dimensões astrais. Para ele, os alicerces dessa nova ciência haviam sido estabelecidos em meados do século 19, na França, a pátria do espiritismo kardecista. Embora o mundo racionalista rejeite seus estudos, por considerá-los fruto de superstições religiosas, o francês Allan Kardec lançou uma das pedras fundamentais do que hoje é conhecido no Ocidente como o movimento da Nova Era – uma corrente humana formada por aqueles que procuram unir o conhecimento racional ao intuitivo.

Pesquisadores de ponta mostram que a boa ciência pode – e deve – dialogar com os princípios filosóficos fundamentais presentes em pensamentos religiosos milenares e em outras concepções espiritualistas, em busca do aprimoramento do chamado ser universal. Esses ensinamentos indicam uma nova abordagem científica para apreendermos a fenomenologia do extrafísico.

De formação católica, Kardec foi contra a cultura materialista que começava a ganhar força na Europa no século 19, considerando como factíveis de comprovação as incorporações mediúnicas e os deslocamentos de objetos. Imbuído de uma missão cultural, colheu informações em vários países sobre fenômenos semelhantes, produzidos em cerca de mil centros espiritualistas de toda a ordem. Ao cruzar esses dados e interpretá-los à luz da razão, realizou o trabalho de qualquer cientista de boa-fé. Afinal, se pode haver a produção controlada

de experimentos, que se repetem sob determinadas condições, está se fazendo ciência.

Em vez de analisar a realidade de outras dimensões a partir de uma rígida dialética científica, como se a sua existência só pudesse vir a ser comprovada em laboratórios com instrumentos de alta precisão, precisamos abrir os olhos para uma forma de produção experiencial mais ampla e sutil. Como Kardec assinalou em seu livro *O Evangelho segundo o Espiritismo*, a doutrina espírita conseguiu se expandir pelo mundo, sem que fosse derrotada pelas teorias de seus detratores e caluniadores, porque experimentos diversos entravam em concordância com seus ensinamentos básicos.

A exemplo de um ser encarnado, um desencarnado pode errar, falando besteiras, limitado que está pela sua consciência evolutiva e esfera dimensional onde habita. Além disso, um médium pode, com seus pensamentos, intencionalmente ou não, interferir, macular uma comunicação de uma entidade. Ou mesmo, por falta de preparo, captar um ser não muito desenvolvido que queira aparecer dizendo coisas belas que, no fundo, representam visões errôneas ou imprecisas de um determinado assunto.

Mas quando as comunicações são checadas umas com as outras, há condições de se montar uma base coerente de ensinamentos. Científica.

– A única garantia segura do ensino dos espíritos está na concordância das revelações feitas espontaneamente, através de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros, e em diversos lugares – frisou Kardec.

Assim, por mais que racionalistas de toda a ordem rejeitem o lado religioso do espiritismo, com seu linguajar “contaminado” de citações tiradas dos Evangelhos, Kardec estava certo ao se considerar um cientista. Pode-se até questionar a aliança que fez entre ciência e religião, codificando uma doutrina que se propõe a ser a continuidade do cristianismo, de uma forma mais elaborada, complexa, reunindo revelações não aceitas pela Igreja Católica, como o processo evolutivo e a reencarnação. Mas não teria sido essa uma boa maneira escolhida por entidades extrafísicas para que seus ensinamentos fossem melhor

entendidos pela cultura ocidental de uma época? Por que então Kardec silencia em relação ao budismo e a outras filosofias religiosas orientais que, em sua essência, falam dos mesmos ensinamentos morais contidos nos Evangelhos cristãos, como fazer o bem e viver em harmonia, em busca do Amor Universal?

Talvez de olho no seu público alvo e intuído por seres de luz, ele não tenha entrado na discussão sobre ensinamentos de outras culturas. Mas, mesmo assim, edificou um corpo doutrinário fundamentado em conceitos universais aceitos por lideranças e seguidores espirituais de todas as partes do planeta. Afinal, para o espiritismo, Jesus não é o Filho de Deus – esse frágil dogma da Igreja que iguala uma pessoa a uma divindade, apesar de separá-los pela relação pai/filho. Tampouco o espiritismo se preocupa com a forma como Jesus morreu, na cruz, supostamente para redimir os pecados da humanidade. No caso, para a doutrina espírita, Jesus é apenas um enviado de Deus, embora o mais iluminado, o administrador astral do planeta Terra, que encarnou aqui para passar a mensagem suprema de evolução para a humanidade, seguindo a Lei Universal.

Dessa forma, o espiritismo está preocupado não com milagres, profecias, atos comuns da vida de Cristo ou palavras que sirvam para o estabelecimento de dogmas pueris da Igreja. Como Kardec ressalta em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, a doutrina espírita está preocupada, sim, é com “o ensino moral” contido nos Evangelhos. Consequentemente, podemos afirmar que essa doutrina está preocupada com o que deveria ser básico no relacionamento humano e social proposto por qualquer pensamento mais evoluído – seja religioso ou não.

Muitos preconceitos antirreligiosos talvez comecem a ser superados se nos abstrairmos, por exemplo, do uso da palavra Deus ao questionarmos sobre a origem do(s) universo(s), da vida – substituindo-a, dentro de nossa crença filosófica ou religiosa, por termos como uma força suprema criadora ou até mesmo, como no budismo tradicional, como uma força criadora, sem começo, sem fim e incomensurável, que não há como se definir.

Não havendo respostas que satisfaçam a todos sobre a questão se existiu ou não uma força ou inteligência superiora que criou o

cosmo, pelo menos, à luz da física contemporânea, podemos chegar a um consenso: o universo — tendo sempre existido ou não — é feito de energia em movimento que, eventualmente, se condensa, formando matéria. Mais densas ou não.

Dessa forma, sem preconceitos teóricos que só atravancam o desenvolvimento filosófico, científico e social da humanidade, podemos nos basear, a exemplo de Rocha Lima, no campo de estudos aberto por Kardec para, à luz de uma nova ciência, produzir ensinamentos e revelações sobre outras dimensões espaciais.

Desegoificação

Consciente de que os fenômenos extrafísicos existem, cabendo a nós explicá-los – e não rejeitá-los feito crianças amedrontadas, sob a capa de pessoas racionais e superiores –, Rocha Lima colocou todo o seu esforço físico e intelectual para que os médiuns que trabalhassem com essas energias superiores soubessem se adequar aos seus padrões vibratórios. Como lembrou em *Memórias de um Presidente de Trabalhos*, quando um médium está em transe, cercado por entidades espirituais de toda a ordem, “capta o que corresponde ao comprimento de onda de sua receptividade, e a ambiência fornece-lhe o clima favorável”. Ou seja: se carrega pensamentos e/ou sentimentos negativos, pode deixar fluir seres que vibram no mesmo padrão energético, prejudicando a sua saúde e o trabalho espiritual.

O presidente do Lar se via como um canal de uma vontade superior, que classificava como divina. E lutava para que os médiuns da obra pensassem assim também. Para ele, qualquer um que estivesse ali deveria se sentir como parte de um grupo, um instrumento de uma vontade cósmica, um todo maior. Nada mais do que isso.

Ao recordar os primeiros anos das reuniões espirituais, em *Forças do Espírito*, Rocha Lima dizia combater no nascedouro qualquer culto a sua personalidade. Sabedor que a vaidade e o orgulho são sentimentos que, descontrolados, inibem o trabalho coletivo e, portanto, espiritual, tentava evitar que um médium “se sentisse melhor do que o outro”. Pelo contrário, ensinava, todos deveriam ter “o mesmo sentido de humildade e anonimato na grande obra do Amor e da Caridade”, única razão de existência do grupo.

Um médium conscientizado como ele sabe que a pior coisa para a execução de um bom trabalho espiritual é a interferência do ego de cada um. Quando o médium não está bem harmonizado, seus pensamentos podem interferir na comunicação do astral. A nossa personalidade (ego) é limitada a este mundo material, prisioneira de sentimentos paralisantes como a vaidade. A entidade extrafísica, em espírito, vê mais longe, atua em outras dimensões espaciais. Assim, na falta de uma harmonização

adequada, ao invés de o médium receber livremente essa comunicação direta de esferas astrais, ele acaba interferindo, contaminando-a com seus conceitos e pensamentos. Ou seja: é o médium que acaba falando pela entidade extrafísica.

Por outro lado, pela baixa vibração do médium, pode ocorrer de ele atrair seres com pouca evolução e que queiram se exibir com pensamentos complexos que, na verdade, não dominam. A verdade é que nem aqui na Terra nem em outras esferas do espaço existe o dom da onisciência. Espíritos podem errar, fornecer dados imprecisos, como qualquer ser encarnado. Mesmo que seja uma entidade de luz, que atua para o bem.

É o caso do médico alemão Frederick von Stein, com atuação marcante no Lar de Frei Luiz, curando doenças gravíssimas, mas que já teve registrada uma previsão errônea, ao afirmar, em 1983, incorporado no médium Gilberto Arruda, que pouco faltava para que o câncer fosse vencido na Terra. “A Rússia já conhece o método e o apresentará dentro de quatro ou cinco anos.” Sustentaria ainda que uma nova doença estava se manifestando no mundo – a Aids – e que não era específica dos homossexuais, pois em breve se alastraria.

De fato, errou em relação ao câncer e acertou sobre a Aids. Poderia ter havido uma interferência do pensamento do médium e mecânico de carros Gilberto? – o que é conhecido como interferência anímica. Talvez não, já que o próprio Rocha Lima, que já tinha sensibilidade suficiente para detectar casos de interferência indevida, ao registrar essa fala de Frederick, no livro *Medicina dos Espíritos*, afirmou que o espírito do médico alemão estava “encarnado” no médium. O presidente do lar usava esse termo – e não “incorporado”, como em geral é utilizado nos casos de entidades que agem e falam através de alguém – quando tinha certeza de que era a própria entidade que falava, sem interferência do pensamento do médium.

Rocha Lima sempre esteve muito atento a essas interferências indesejadas provocadas por médiuns despreparados. Ele vivia ensinando que todas as comunicações de entidades do astral deveriam passar, antes de tudo, pelo crivo da razão de cada um que lidasse com elas. Por isso, cobrava com seriedade a educação mediúnica de todos.

Na base desse processo educacional está o combate ao ego exagerado. Trata-se de ensinamento milenar, presente já nas grandes práticas religiosas e de meditação orientais. Uma luta difícil, essa de conseguir que o seu ego, a sua vontade, não entre em choque com o desejo de outras pessoas. Mas não há meio termo: sempre que surgirem sentimentos provenientes desse choque, como o egoísmo e o ciúme, estará aberta a porta para a entrada de energias negativas, perturbadoras.

Claro que esse alto grau de desenvolvimento psíquico é impossível no mundo de hoje. Mas, aqui, está colocada a necessidade de que, pelo menos, os excessos do ego sejam combatidos. O médico e médium Ronaldo Luiz Gazolla, que foi presidente do Lar de Frei Luiz, chamava esse importante embate contra os excessos do ego de “desegoificação”. Foi isso que Rocha Lima tentou fazer durante o seu comando do Lar. Em suas palestras e livros publicados, eram recorrentes os ensinamentos nesse sentido e os puxões de orelhas nos médiuns que, por vaidade, colocavam-se como seres superiores perante os outros.

Essa idolatria, pouco condizente com a proposta de um trabalho espiritual equilibrado, sempre foi motivo de crises, mais graves ou não, nesse e em outros centros espíritas e espiritualistas. E continuará sendo, até que homens e mulheres possam – se é que poderão algum dia – viver em harmonia com seus semelhantes, impregnados por um sentimento muito forte de solidariedade social.

Ciente dessa deficiência humana, Rocha Lima dava uma grande importância ao processo de autoanálise, para que fizéssemos uma introspecção diária do nosso egoísmo, orgulho, vaidade, da nossa necessidade de sofrer para aprender com a dor. Como assinala no livro *Frei Luiz, o Operário do Brasil*, com a humildade no coração, fazendo esse autoexame, “abrimos uma porta, temos a nossa disposição um verdadeiro telefone onde os espíritos de luz vêm nos ajudar, nas horas difíceis, e se comunicam conosco”.

Muitos não entendem a profundidade desse pensamento, achando ser impossível deixar de lado o egoísmo, o orgulho, a vaidade. Mas não leva a lugar nenhum ficarmos questionando se algum dia a humanidade conseguirá se ver livre desses sentimentos negativos. O problema não é propriamente sermos vaidosos, orgulhosos, egoístas – desde que, no momento em que sejamos engolfados por sentimentos menos nobres,

possamos, por autoanálise, detectar imediatamente a sua presença. Com humildade, seremos então levados a combatê-los, diminuindo seus efeitos negativos.

Por saber que a humanidade ainda está num estágio muito atrasado de evolução, Rocha Lima tomava certos cuidados ao comandar o Lar de Frei Luiz. Ele procurava, por exemplo, não julgar as pessoas, e não aceitava que fizessem fofoca de alguém perto dele. Quando isso ocorria, botava as partes em conflito frente a frente, para que esclarecessem suas divergências.

– Ele era rígido. Era um homem que não permitia que se trouxesse para ele qualquer tipo de fofoca. Não compactuava com isso – explica Gazolla. Segundo ele, Rocha Lima não julgava as pessoas, aceitando-as como eram, o que evitava a criação de facções dentro do lar. “Se um presidente de trabalhos começa a ter facções, começa a ter preferências, a julgar e a tomar uma série de decisões que contrariam outras, e com isto vai perdendo automaticamente a confiança de todas as pessoas.”

Pode parecer um cuidado excessivo, mas não é, ainda mais em se tratando de um centro espírita onde, para que seja criada uma boa ambiência de trabalho, seus frequentadores precisam, a todo momento, ficar atentos para vibrar na mesma sintonia positiva. É claro que, em se tratando do gênero humano, esse ideal é impossível de ser alcançado em toda a sua plenitude. Basta ver que até no Lar de Frei Luiz, com seu ambiente em geral bastante equilibrado, existem casos como o de uma mulher que foi acusada de estar bajulando um médium porque ia levar-lhe um copo de água depois das sessões. Tinha gente que, enciumada, acusava-a de esquecer os outros médiuns da sala.

São pequenas situações assim que, não combatidas, acabam provocando distúrbios indesejáveis. Se um equilíbrio total de energias e pensamentos ainda não é possível, pelo menos os médiuns devem lutar para se aprimorar e chegar perto desse ideal de relacionamento fraterno. Ao compreender que cada um tem o seu nível de desenvolvimento moral, em princípio Rocha Lima procurava não cobrar determinados comportamentos, deixando simplesmente aquele caso de lado. “Com muitos que ali chegavam, ele não insistia, não dava a atenção que dava para outros, porque não ia perder tempo com aqueles que não estavam prontos”, diz Gazolla.

No entanto, mesmo que procurasse não julgar as pessoas, agindo quando possível pelo seu aprimoramento, se alguém se transformasse, como classifica Gazolla, “numa laranja podre”, não se adequando à boa disciplina dos trabalhos, Rocha Lima acabava tirando-a da obra. Era raro isso acontecer, mas ele sabia agir com rigor, como no caso de um médium que, vencido pela vaidade, começou a se achar o tal, que podia curar qualquer doente que aparecesse na sua frente. Ciente de que isto é uma balela, um mito, que o milagre da cura total não existe, Rocha Lima convidou-o a sair do Lar.

– Ele tirava da obra. Chegava, conversava e dizia pra pessoa que a conduta não estava adequada, que ela não tinha entendido a disciplina da obra, e que ali dentro não podia haver vontade própria, porque era necessário esse ato de humildade, para fazer essa ligação e aceitar a vontade de Frei Luiz. E pedia que a pessoa não ficasse. Mas raramente eu o vi tirar alguém – conta Gazolla.

Por outro lado, quando alguém saía, Rocha Lima estava pronto a recebê-lo de volta, se houvesse um entendimento mútuo. “Alguns irmãos se afastaram do grupo. E ele mandava chamar. Alguns, ele chamou várias vezes, mandava telefonar. Mas conheci vários que cortou definitivamente”, afirma o médium vidente Eduardo.

Pessoas como Eduardo Frutuoso não nutrem sentimentos de ódio, vingança pessoal. Por isso, não tem interesse em dar nomes. Cada um que siga o seu caminho. Mas, provavelmente, ele fala de pessoas como as que magoaram Rocha Lima de tal maneira que ele, normalmente arredio a esses comentários, deixou impresso nas páginas de suas memórias um episódio marcante em sua vida, no início de 1975, quando integrantes abandonaram o grupo por rejeitar a sua decisão – após ouvir Frei Luiz – de fazer do médico Joaquim Vicente de Almeida o seu sucessor, quando desencarnasse. Era um momento difícil para o presidente, pois o Lar assumira dívidas para a construção do novo Santuário de Frei Luiz, na Estrada da Boiuna, para a realização das reuniões de materialização.

– Todos nós combinamos de entrar com determinada importância, dividida entre todos, mensalmente. Assinamos promissórias – afirmou. – Alguns se revoltaram contra a indicação de Frei Luiz, em

mensagem de voz direta nomeando meu substituto, em caso da minha desencarnação, o Dr. Joaquim.

Como de costume, Rocha Lima e Astéria foram passar o Carnaval daquele ano em Friburgo, na casa de José e Eulina Guedes. “Bem inspirado”, o presidente do grupo aproveitou para escrever a primeira parte do seu livro *Medicina dos Espíritos*. Ele conta, porém, que, ao chegar nessa cidade serrana, passaria “a receber cartas de irmãos justificando o abandono do grupo”.

– Ninguém me procurou pessoalmente. Devolveram-me o pacote de promissórias assinadas para pagamento do Santuário de Frei Luiz. Abandonaram os encargos. Nunca vi tanta hipocrisia de mãos dadas à felonía! Juntamente, recebi três cartas anônimas dirigidas a mim. A terceira caluniava vilmente nosso irmão Dr. Joaquim. – O autor destas sinistras cartas foi uma só pessoa que eu tive logo a intuição do nome. Em lágrimas de fogo o perdoei, rogando que Jesus o amparasse na sua desdita!

Problemas de brigas e abandonos, comuns em qualquer atividade coletiva, sempre atormentaram Rocha Lima. Segundo Eulina, ele costumava reagir calado, orando para que o problema fosse superado: “A gente às vezes notava que ele estava assim meio triste, mas ele não era de falar. Ele sofria calado, aguentava. Ele sofreu muito pra levar a obra adiante, porque aquilo foi feito do nada”.

Desde o início dos trabalhos mediúnicos do Lar, Rocha Lima dava mostras de que estaria disposto a contornar as desavenças – pelo menos as não tão graves. Em seu primeiro livro, *Forças do Espírito*, assinalou na introdução em que narra o início das atividades do grupo:

– Muitos achavam-me severo demais na observância dos princípios doutrinários, criticavam-me, comentavam desairosamente a meu respeito. Mas eu pairava acima das diatribes, perdoava a todos, fingia que não ouvia ou que nada sabia. Era esse o exercício espiritual a que me submetia porque, mais experiente e mais vivido do que meus irmãozinhos trãs-fugas, compreendia o despreparo deles, a imaturidade que demonstravam no êxodo de nossas hostes. E minha atitude era a vitoriosa porque, não tardava muito, os irmãozinhos voltavam, e ao voltarem, não mais se ausentavam e permaneciam firmes e dedicados, como muitos com que o grupo conta até hoje.

Por mais questionável que seja para alguns, essa rigidez disciplinar, essa centralização dos trabalhos nas mãos de um único homem, teve a sua razão de ser. Infelizmente, fala-se muito, da boca para a fora, em democracia, em poder descentralizado. Poucos, porém, muito poucos mesmo, estão preparados para ser coerentes em ambientes mais abertos, mantendo uma disciplina natural, dentro de uma relação de fraterna e responsável solidariedade.

Na verdade, com egos à flor da pele, a maioria necessita é de alguém em seus calcanhares, para fazer algo de proveitoso, de forma disciplinada. Isto não significa uma defesa do autoritarismo. Pelo contrário. Trata-se apenas do reconhecimento de que a humanidade ainda está em um estágio inferior, em que homens e mulheres, em geral, ainda precisam de uma autoridade mais enérgica para conseguir viver em grupo com um mínimo de harmonia.

No Frei Luiz também funciona assim. O próprio Rocha Lima, como lembra Gazolla, recomendava que o ideal, para a continuidade dos trabalhos da obra, seria que apenas duas, no máximo três pessoas, assumissem funções de comando. “Ele nos recomendou: ‘Olha, o ideal nessa obra são dois dirigindo. No máximo mais um, porque nós não estamos preparados para muitas pessoas mandarem. Nós não estamos ainda preparados, não temos evolução’.”

De fato, próximo da morte de Rocha Lima, que ficou alguns anos desligado do mundo, deitado em uma cama, aparentemente inconsciente, gestou-se uma crise que, por pouco, não coloca abaixo tudo o que fora construído. Alguns não aceitavam a liderança do médico Luiz Augusto de Queiroz, escolhido pelo próprio Rocha Lima para sucedê-lo, depois da crise em torno do nome de Joaquim Vicente de Almeida. Principalmente após a morte de Rocha Lima, em outubro de 95, foi desencadeada uma onda de fofocas, brigas, intrigas subterrâneas. Mais uma vez, entidades trevosas se aproveitaram de pequenas desavenças para criar uma tempestade e tentar derrubar a obra. O próprio Luiz Augusto foi vítima de perturbações, aumentando o curto-circuito. Finalmente, embora querido por muitos ali dentro, acabou saindo do lar, só retornando anos depois.

O risco de uma possível derrocada de todo um trabalho de décadas foi superado quando Gazolla aceitou assumir a presidência do

Lar de Frei Luiz, em outubro de 1995. Qualidades para isso não lhe faltaram. Respeitado cirurgião-geral, com um currículo de mais de 20 mil operações, tinha experiência mais do que suficiente para administrar egos inflamados. Além de ter se tornado um dos mais próximos colaboradores de Rocha Lima, desde que entrou no lar, em 1980, ao longo da década de 90 ocuparia, por três administrações sucessivas, o cargo de Secretário Municipal de Saúde do Rio de Janeiro.

Mais do que ninguém no Lar, Rocha Lima sentiu na própria carne os problemas enfrentados por quem comanda uma obra voltada para o bem em meio a um mundo material e extrafísico de forças perversas, negativas, que só querem dividir. Em livros escritos pelo químico, está registrado o quanto ele sofreu fisicamente para se manter vivo em meio à tormenta. Contam-se em dezenas os casos em que foi acometido por ataques de entidades malignas, alguns provocando doenças graves, como tecidos necrosados, problemas coronários e tumores cancerígenos. Sua mulher, Astéria, também foi muito assediada. Mas na medida em que os ataques se sucediam, os médicos do espaço corriam para ajudar os dois, curando-os dos males – até quando foi possível, pois cada ser humano tem seus limites.

O exemplo mais claro da atuação feroz desses seres desencarnados do mal ocorreu em curto espaço de tempo, em 1973. Em 25 de agosto, o médico do espaço Frederick, incorporado no médium Gilberto, retirou, sem ajuda de instrumentos, apenas usando os dedos para cortar a pele da paciente, dois tumores cancerosos do pâncreas de Astéria. Em 15 de setembro, seria a vez de Rocha Lima. Novamente incorporado no médium Gilberto, Frederick retirou um grande tumor do seu intestino grosso. Depois, fez a recomposição de vasos esclerosados do coração e ainda uma pequena curetagem em sua bexiga, para a extração de matérias orgânicas em estado de decomposição. Foi uma operação tão violenta que o presidente do Lar teve que voltar para casa carregado numa maca. Deve-se levar em conta que, em operações mediúnicas, normalmente o paciente sai andando depois da intervenção.

Mas os ataques violentos não tinham ainda terminado. Uma semana depois, em 22 de setembro daquele ano, ao chegar em casa, Rocha Lima encontrou a sua querida Astéria com a face, a perna e o braço direito paralisados. Fora vítima de um derrame, e nunca mais

se recuperaria. “Ela estava começando a almoçar, e quando foi levar o garfo à boca, não conseguiu”, relembra a sobrinha Marilene.

Até a sua desencarnação, em janeiro de 1982, continuaria participando dos trabalhos da obra ao lado do marido. Mas sempre precisando de ajuda para contornar os problemas de locomoção, e tendo grande dificuldade para falar. Foi a época em que, para cuidar melhor dela, Rocha Lima transferiu o seu escritório do andar térreo da casa, onde estudava e escrevia parte de seus livros, para o quarto do casal, que ficava no segundo piso.

Antigoécia

Parece coisa sobrenatural da Idade Média, bobagens de contos fantasmagóricos sobre feiticeiras para amedrontar criancinhas. Mas, infelizmente, o mau olhado, o trabalho de magia negra existem, podendo até causar a morte de uma pessoa. Do ponto de vista científico – pelo menos da boa ciência, aquela que se renova, que indaga, questionando o porquê de fenômenos existentes –, podemos tratar esse tema como sendo produto de cargas de energias negativas lançadas contra alguém.

Desde que começaram as atividades espirituais do grupo comandado por Rocha Lima, entidades de luz falavam da necessidade de os médiuns estarem atentos e preparados para se livrar de campos de forças negativas, produzidos por seres encarnados e desencarnados interessados na destruição da obra. Ao explicar a importância de serem organizadas reuniões para se desfazer esse tipo de trabalho, o espírito de Frei Luiz usou pela primeira vez a denominação antigoécia. Palavra de origem grega que significa contra goécia, ou seja, contra bruxaria.

Muitas das doenças surgidas em Rocha Lima ou em outros membros do grupo não foram produzidas por qualquer descuido do corpo físico ou por problemas advindos de outras encarnações – as chamadas doenças cármicas, tão bem explicadas pela terapia de vidas passadas. Foram, isso sim, doenças produzidas intencionalmente por desafetos encarnados do Lar e seres extrafísicos do mal, agindo diretamente sobre os pontos fracos que cada um traz de várias encarnações anteriores.

O corpo físico é apenas o invólucro material de realidades mais sublimes que constituem um determinado ser. Há diferentes denominações para caracterizar os níveis energéticos que formam uma pessoa, como o corpo astral. A medicina tradicional fecha os olhos para essa realidade, provocando atrasos incomensuráveis na cura de doenças. Mas o fato é que, antes de atingir o corpo físico, a doença começa no corpo astral, provocando bloqueios na circulação harmônica dos centros de energia presentes nos seres humanos encarnados.

É a partir desses conceitos, que um dia serão aceitos pela ciência oficial, com a ajuda do desenvolvimento do estudo da complexa reali-

dade subatômica, que poderemos entender melhor como se dá a ação dos trabalhos de magia negra – que lidam com os campos de energia que envolvem a Terra. Cargas negativas lançadas contra o corpo astral de uma pessoa, a partir de rituais de bruxaria, podem se transformar em sérios problemas psíquicos e físicos.

Isso explicaria, por exemplo, alguns problemas físicos enfrentados por Rocha Lima sem causa aparente. Um deles quase o levou à loucura, até que fosse devidamente tratado. Corria 1976, considerado por ele como um dos anos mais difíceis do seu trabalho à frente da obra. “Fui atacado durante o ano de 1976 ao paroxismo”, registrou, em suas memórias. Acometido de um enfraquecimento geral, passou a andar de cadeira de rodas. “Apesar de minha resistência, o estado caquético manifestava-se crescente.” Com insônia, ficava desesperado vendo o passar das horas. Quando, extenuado, conseguia tirar uma ligeira soneca, “uma miadura” tremenda de gatos impedia-o de dormir. “A miada era ensurdecedora.”

Esse fenômeno, sem que os gatos fossem identificados, continuou por noites seguidas, tirando cada vez mais suas já combalidas energias. Confiante na ação das entidades de luz, ele se recusava a tomar psicotrópicos, para não atrapalhar a influência dos campos de forças de energia positiva eventualmente enviados para o seu cérebro, pelos espíritos protetores. Chegou a se medicar com homeopatia, mas nada fazia efeito. Acabou aceitando o convite de uma funcionária do Hospital de Ipanema para realizar um exame geral, mas nada foi constatado.

Por fim, descobriu-se, em reuniões realizadas pelo grupo, que um dos médiuns estava frequentando sessões de macumba, e entidades mistificadoras, de baixa vibração energética, passaram a usá-lo, em rituais de magia negra, como ponte para atacar Rocha Lima e sua obra. E na medida em que um trabalho espiritual passou a ser feito para resgatar esse médium das forças negativas, o presidente do Lar foi se recuperando.

– Esta foi a fase mais crítica que o grupo passou, correndo um grande risco. Os irmãos deixaram-se envolver e eu recebi aqueles ataques – escreveu.

Consciente da força desses ataques extrafísicos, Rocha Lima procurava sempre realçar a importância de os médiuns atentarem para

as suas qualidades morais. Isto porque a qualidade dos pensamentos é ponte para o contato com seres extrafísicos afins.

– Os espíritos são atraídos pelas qualidades morais do médium. Por exemplo: o desprendimento das coisas mundanas, o amor ao próximo, a honestidade, a modéstia, a bondade, a humildade são as qualidades principais, afinam com os bons espíritos. Ao contrário, o sensualismo, a calúnia, a maledicência, a inveja, o ciúme, o ódio, o egoísmo, a cobiça e principalmente o orgulho são as impurezas que ligam os médiuns aos espíritos inferiores. Estas fraquezas morais abrem as portas aos espíritos maus – assinalou em *Memórias de um Presidente de Trabalhos*.

Para a produção dessa fenomenologia negativa, os envolvidos costumam não só aproveitar uma ambiência favorável, fazendo a ponte com pessoas com pensamentos negativos, como usam objetos e peças de roupas dos que querem atacar, por serem materiais que contêm, naturalmente, campos energéticos de seus donos. Determinadas vezes, Rocha Lima notava o sumiço de roupas suas e da mulher do varal de sua casa, surrupiadas por gente que frequentava as reuniões do grupo. As roupas eram encaminhadas para rituais macabros.

Em reuniões mensais de antigoécia promovidas no Lar por Rocha Lima, costumavam ser materializados objetos – pelo fenômeno de teletransporte – que, contendo a energia do dono, haviam sido usados em rituais de magia negra para os ataques criminosos. Com o auxílio de médiuns de efeitos físicos do Lar, esses objetos eram então desmaterializados a distância nos locais dos rituais, transportados e, instantaneamente, rematerializados nessas reuniões de antigoécia.

Alguns abrirão a boca para dizer, arrogantemente: “Quanta idiotice, quanta estupidez”. Mas, muita atenção: no final do século 20, até alguns físicos mais racionalistas já admitiam a possibilidade de, no futuro, serem criadas cabines de teletransporte para o envio de pessoas de um ponto a outro do planeta ou mesmo do universo, prescindindo-se dos aviões e naves espaciais. Essa hipótese passou a ser factível após físicos, nos anos 1970, desenvolverem os primeiros experimentos de transporte da propriedade de polarização de um fóton para outro; e, em 2002, teletransportarem um feixe de raio laser.

Alheio a concepções racionalistas em extremo, que só atravancam o desenvolvimento científico, Rocha Lima, para limpar o ambiente do Lar de Frei Luiz, instituiu, a cada última sexta-feira do mês, as reuniões de antigoécia. Há muitos anos, para levar à frente esses trabalhos de combate às bruxarias, ele designou o médium de efeitos físicos Ivan Ferreira de Castro.

Há vários tipos de mediunidade. Cada ser humano, sem o saber, tem capacidades mediúnicas – só que a maioria, por desconhecimento, descrença ou preconceito cultural, vira as costas a esse tipo de fenômenos. O médium não tem poderes próprios, apenas atributos que o tornam capaz de servir como canal de seres astrais, de comunicação entre as dimensões material e extrafísica. Alguns, por exemplo, desenvolvem a psicografia, a capacidade de escrever o que uma entidade lhes comunica. Outros, como Ivan, têm o dom de provocar a materialização de objetos e até de pessoas que já morreram.

Por suas apuradas qualidades de médium de efeitos físicos, Ivan foi escolhido para a importante missão de ajudar nos trabalhos de combate às bruxarias. A partir de muita concentração, com a ajuda de meditação, oração e a colaboração da corrente formada por outros médiuns, eram então materializados objetos usados em rituais de magia negra.

Para aquele racionalista que fecha o semblante ao ouvir falar a palavra oração, um lembrete: independentemente de qualquer conteúdo religioso, a oração serve para unir os presentes num discurso só ou, mais precisamente, em uma sintonia comum – criando um ambiente de união em prol de um objetivo. Isto ajuda a estabelecer um clima de harmonia, com pessoas atingindo – ou tentando atingir – uma mesma frequência mental.

Nas reuniões de antigoécia, costumava-se colocar um vaso de barro para a materialização dos objetos de magia negra. Rocha Lima sempre se preocupou em registrar essas reuniões – inclusive muitas delas com fotos e depoimentos assinados dos participantes. Numa dessas, por exemplo, em 31 de julho de 1969, ao se encerrarem os trabalhos, os participantes encontraram uma série de objetos materializados dentro do vaso, como um bonequinho pesado, com as palavras inscritas *Morte, Luiz e Astéria*, três charutos, um dente de alho esmagado e um pedaço de carvão. Os objetos foram queimados.

Inúmeros ataques foram produzidos contra a obra através de trabalhos realizados em terreiros de baixa espiritualidade ou no próprio terreno do Lar de Frei Luiz. Ainda em 1949, no início dos trabalhos do grupo, por pouco Rocha Lima não morre ou fica cego em uma explosão no laboratório da fábrica onde trabalhava. Na véspera do “acidente”, ele havia sido atacado por uma entidade trevosa, durante os trabalhos mediúnicos de desobsessão de uma professora amiga de sua cunhada Helena de Freitas. “Por meio de sacrifício de animais e derramamento de sangue” em um trabalho de quimbanda, assinalou ele em *Forças do Espírito*, a mulher “estava entregue às entidades animalizadas”. Ao atender no grupo a obsidiada, em uma de suas crises, a entidade incorporou num médium e ameaçou: “Ela me pertence. Amanhã eu te vou meter no fogo. Ficarás queimado e tudo isto aqui terminará”.

Rocha Lima recorda que, como já havia sido alvo de outras entidades do mal, em princípio não deu importância à ameaça. Mas, ainda de madrugada, antes de ir para o trabalho, ouviria em sua mente a voz do pai Cané, já desencarnado: “Luiz, Luiz, tenha muito cuidado, hoje!”. Ele se precaveu, mas um auxiliar de laboratório acabou acumulando, em uma pequena área – “certamente induzido pelas entidades trevasas” – vidros de vários solventes inflamáveis e diversos litros de éter. Mais tarde, quando Rocha Lima fazia uma análise química rotineira com um fogareiro blindado, tomando as precauções de segurança necessárias, houve inexplicavelmente “uma grande explosão”, que provocou quebra e estilhaços de vidros.

– Quando consegui abrir um dos olhos, com dificuldade, notei que duas bolas de fogo de cerca de um metro de diâmetro se dirigiam para a banquetta debaixo da qual estavam acumulados os vidros de inflamáveis que meu auxiliar arrumara. Diante do sinistro, pensei imediatamente em Deus! Agarrei o extintor, com uma tranquilidade que já não me pertencia, dada a sua extraordinária presença, e consegui estancar o rolo ígneo que avançava para os inflamáveis, evitando destarte um incêndio de proporções nefastas, porque a frente do laboratório era de madeira e, ao lado, estava o arquivo da fábrica. A partir dali, não pude mais abrir os olhos. Tateei como cego, mas não cessava de orar.

Socorrido por um operário, acabaria levado para um hospital, onde receberia curativos de emergência no rosto queimado. “Ele foi

se tratando, espiritualmente e materialmente, e superou tudo. Ficou com um pouco de manchas da queimadura, mas, graças a Deus, saiu tudo bem”, recorda Marilene. Com o passar dos anos, essas marcas desapareceriam, deixando alguns colaboradores impressionados com a juventude e a textura aveludada da pele do seu rosto.

No entanto, outros ataques viriam. Em novembro de 1972, por exemplo, Rocha Lima passou a sentir dores lancinantes na perna direita, principalmente na região do tornozelo. Em uma reunião de antigoécia, ficou livre das dores. Na véspera do encontro, o médium de efeitos físicos Gilberto Arruda incorporara o espírito do médico alemão Frederick. Após retirar sangue contaminado da perna do presidente do Lar, sugado através de poros de sua pele, o médico do espaço informou que “irmãos invejosos” haviam feito um trabalho de feitiçaria contra ele, em um terreiro da Bahia, usando uma pequena perna de cera onde cravaram alfinetes que, por sorte, ainda não estavam enferrujados.

Na manhã seguinte, durante a antigoécia, ouviram-se ruídos dentro da chamada cabine de materializações. Pancadas fortíssimas, gargalhadas debochadas, um bater de tambores no ritmo de terreiros de quimbanda. Quando os tambores se acalmaram, uma entidade pronunciou palavras em língua nagô. Com a ajuda de preces, foi formada uma forte corrente, para desfazer a feitiçaria. Os presentes passaram a entoar a *Canção a Frei Luiz*. A entidade finalmente se acalmou, sendo levada para tratamento espiritual em uma dimensão extrafísica.

De repente, surge materializado o espírito de Frederick, indo até onde estava deitado Rocha Lima, para entregar-lhe a perna de cera que havia sido transportada da Bahia, cheia de alfinetes presos e com o nome do presidente do Lar inscrito. Em seguida, o médico do espaço materializado produziu um forte fecho de luz, de um aparelho curativo que trazia na mão, que variou entre roxo, azul e vermelho, na perna e coxa do paciente. Conforme instrução do astral, o objeto foi depois amassado e jogado no mar. As dores sumiram.

Abstinência Sexual

Como demonstram as inúmeras experiências relatadas por Rocha Lima e por integrantes da obra, forças negativas que cercam o campo gravitacional da Terra sempre atuaram pesadamente contra os trabalhos ali realizados. Na medida em que se conscientizou de que seria o mais visado, como líder encarnado do Lar de Frei Luiz, Rocha Lima tomou uma decisão radical, de comum acordo com a mulher, Astéria. Para conseguirem sobreviver à tempestade e dar curso ao objetivo maior de ajudar crianças carentes, deixariam de praticar sexo.

Estudiosos de fenômenos de dimensões extrafísicas sabem que não foi qualquer preconceito moral que levou os dois a tomar tal atitude. Pelo contrário, Rocha Lima sempre considerou o sexo, praticado com amor, como um dos atos mais sublimes da humanidade. A decisão foi tomada para que, sem o descarrego energético provocado pelo ato sexual, os dois pudessem concentrar energias para enfrentar os duros embates que se avizinhavam.

Poucos do seu círculo de amigos souberam dessa decisão. O médium Ivan, que era um dos mais antigos do grupo, dizia que o casal aboliu o sexo quando ambos tinham entre 50 e 60 anos de idade – portanto, durante a primeira década de existência do centro espírita. “Ele fez uma abstinência completa nessa parte. Consciente, discutida com a esposa”, confirma o médium Gilberto, uma das pessoas mais próximas do presidente do Lar.

Não há dúvida, até para um incrédulo nas questões espirituais, de que sexo pode ser motor de desarmonia entre as pessoas. O ciúme – um dos lados perversos dessa questão – é capaz de provocar brigas ferozes e até morte. Só por aí, já é possível entender o que a prática sexual pode significar de prejuízo para o bom andamento de uma reunião espiritual equilibrada.

No entanto, embora sempre tivesse chamado a atenção de médiuns para que evitassem se envolver com intrigas e relações sexuais que não fossem baseadas em um sincero sentimento de amor, obviamente Rocha Lima não estava preocupado com problemas de desarmonia

conjugal, ao decidir com Astéria pela abstinência, para viverem apenas como, digamos assim, irmãos. É que a falta de sexo potencializa as energias humanas, servindo para dificultar os ataques de seres do mal.

Essa potencialização energética é procurada também por monges tibetanos, em exercícios que visam ao estímulo dos sete principais centros de energia do corpo – os chamados chacras, estudados desde a antiguidade por culturas orientais – para o rejuvenescimento físico. Segundo os tibetanos, uma boa parte da força vital que alimenta esses sete vórtices é canalizada para a energia reprodutiva. Com o gozo sexual, existe uma quantidade tão grande de energia dissipada, no primeiro chakra (na região sexual), que os outros seis pontos ficam carentes de uma potencialização máxima da força vital. Para os monges tibetanos, como assinala Peter Kelder, em seu livro *A Fonte da Juventude* (Editora Best Seller), que revela exercícios para se manter a forma, “essa poderosa força vital deve ser conservada e impulsionada para cima, de forma a poder ser utilizada por todos os vórtices, e mais particularmente pelo sétimo”.

Em se tratando de trabalho espiritual, isso faz sentido. Afinal, o sétimo chakra se localiza na altura do topo da cabeça, sendo através dele que se fazem as comunicações mais sublimes e diretas com seres de várias dimensões extrafísicas.

Com certeza, Rocha Lima buscava essa potencialização energética, para melhor enfrentar as forças do mal. Gazolla, a quem Rocha Lima revelou ter optado pela abstinência em sua plenitude sexual, avalia que ele tomou essa posição radical porque, no início dos trabalhos espirituais do grupo, ele “carregava o piano” praticamente sozinho, devido ao reduzido número de pessoas que o acompanhavam. “Isso foi necessário porque ele foi o desbravador. Ele esteve muito sozinho no início, tinha muito pouca gente na obra.”

Gazolla nunca soube, por Rocha Lima, o porquê dessa decisão, mas tem a impressão de que “era mais uma forma de purificação, para que ele pudesse ter o discernimento e a capacidade de enfrentar todas aquelas forças que atuaram para que a obra não se desenvolvesse”. Para ele, isso não significa que Rocha Lima achasse que sexo é um ato impuro:

– Não tem nada de impuro. Mas só que, para penetrar em determinados mundos, você não pode estar com essa vibração material. Porque é um ato material, você pode não ter o uso da razão. Ele queria ter a plenitude da sua energia. Então, ele abriu mão de um ato material para ter um gozo muito mais importante, que é a plenitude do espírito. Ele não fez com sacrifício, contra a vontade. Aquilo se desenvolveu naturalmente.

Tampouco se transformou em alguma profissão de fé de Rocha Lima contra o ato sexual praticado por médiuns da casa. Ele não fumava, não bebia, não comia carne vermelha nem de frango. Mas, com exceção das vésperas das reuniões espirituais, em que se devem evitar o fumo, o álcool e as carnes, com suas toxinas e sangue, o presidente do Lar jamais tentou fazer com que as pessoas a sua volta seguissem suas regras do dia a dia.

Gazolla lembra quando ia comer em sua casa. Rocha Lima, que adorava frutos do mar, tinha sempre uma garrafa de vinho à disposição dos amigos. “Você não pode, por exemplo, deixar de comer carne enquanto isso não for um ato espontâneo”, afirma o médium e médico Gazolla. “Quando ele botava aquela garrafa de vinho ali, aquilo pra mim era um símbolo. Ele sabia que só deixaríamos de beber vinho quando fosse um ato espontâneo.”

Com o sexo, era a mesma coisa. Rocha Lima podia até citar o seu caso pessoal como exemplo, mas apenas para mostrar que o autocontrole era necessário, em determinados momentos, para que os médiuns não se deixassem envolver com casos sexuais fortuitos que pudessem causar problemas em suas vidas afetivas e no trabalho espiritual.

Uma vez, já com seus oitenta anos, ao aconselhar um médium casado que, volta e meia, se metia com amantes eventuais, sendo então atacado por forças trevosas, Rocha Lima ponderou: “Meu filho, eu compreendo a sua parte, cada um é um. Eu fiz a minha abstinência, mas se eu quiser ter uma relação, tenho normalmente. Com essa idade, sou perfeito. Olha, meu filho, está bem, tudo bem, mas você tem que reagir, tem que orar, tem que vigiar”.

Ecumenismo

A rigidez disciplinar, a centralização dos trabalhos do Lar de Frei Luiz e decisões como a de deixar de fazer sexo podem sugerir um homem conservador, radical. Mas não parece ser esse o caso. Luiz da Rocha Lima deu mostras de ser uma pessoa aberta a várias questões. Para alguém nascido no início do século 20, por exemplo, pode surpreender a visão que tinha a respeito das personalidades feminina e masculina, entendendo que cada sexo deve possuir atributos do outro.

– Uma personalidade bem equilibrada é uma mistura do masculino e do feminino – disse em uma palestra em setembro de 1985. – Um homem deve ser 80% masculino e 20% feminino; uma mulher, 80% feminina e 20% masculina. A extroversão e a introversão extrema são igualmente desequilíbrios. Existe um equilíbrio agradável entre os dois que constitui um excelente estado de harmonia.

Em uma passagem de *Medicina dos Espíritos*, Rocha Lima critica o médico francês Maurice de Fleury, que na introdução de um livro criticou as mulheres, afirmando que elas, com raras exceções, jamais tiveram “parte nos progressos do espírito humano”, pois nem sempre possuem “o desejo humilde de melhorar”, julgando-se perfeitas e limitando-se ao uso de meios de sedução. O presidente do Lar rebateu: “É de lamentar a irreverência com que este escritor e médico materialista tratou nossas irmãs!”

Também no campo espiritual, em que passou a se sentir em casa depois de seus 46 anos, Rocha Lima mostrou ser uma pessoa aberta, não discriminatória. Ele nunca, por exemplo, discriminou a medicina oficial. Pelo contrário, achava que a medicina espiritual e material deveriam caminhar juntas, para um melhor entendimento da origem das doenças e dos seus tratamentos.

Desde o início, os trabalhos do futuro Lar de Frei Luiz seriam marcados por sua visão ecumênica de mundo. Mesmo antes das reuniões de materializações de espíritos, que só começariam nos anos 50, frequentadas por seres desencarnados de diversas origens, as primeiras sessões do centro eram visitadas não só por entidades cristãs, como

as que se identificavam como frei Leonardo e padre Leandro. Rocha Lima relembra, em *Forças do Espírito*, que “a partir da reunião de 13 de novembro de 1948, iria começar a manifestar-se, no grupo, uma enorme plêiade de monges do Tibete”. O primeiro a aparecer, através da mensagem psicografada, se identificou como o monge Hislah, que pertenceu à segunda ordem do Mosteiro do Tibete. “Compareci aqui para deixar uma palavra amiga de que somente a persistência e a meditação podem trazer as possibilidades de desvendar alguns dos segredos na natureza”, ditou. Mais tarde, seriam incorporados aos trabalhos, entre outros, uma legião de seres desencarnados de origem hindu, budista, indígena, árabe e até os nossos caboclos e pretos velhos, tão comuns nos rituais de umbanda.

– O Rocha Lima sempre teve um espírito ecumênico – assinala Paulo Ruy. – Lógico, ele começou dentro da doutrina espírita. Como o nome está dizendo, é uma doutrina que disciplinou, orientou, separou o joio do trigo, o que é e o que não é válido. Mas ele nunca foi sectário, nunca foi do tipo de achar que outras religiões não mereciam respeito. Tanto que ele aceitou lá os pretos velhos, os caboclos, os índios. Ele não rejeitava nada, o que ele não queria era ritual de umbanda.

Esse tipo de ritual, em que são alimentados hábitos materiais, como o uso de bebidas alcoólicas e charutos para atrair os pretos velhos, era rejeitado pelo presidente do Lar. Mas, como enfatiza a médium Eulina, sempre dentro do maior respeito pelas diversas entidades. Até porque compreendia que, para atingir certas dimensões, com suas respectivas frequências vibratórias, como no caso das reuniões de antigoécia, nada melhor do que recorrer a um preto velho.

– O preto velho é um espírito adiantado. Então, para vir a um tipo de reunião como a nossa, não precisa desse lado popular – analisa Eulina. – Ali sempre trabalharam caboclos, pretos velhos, ele recebia todos. O Joaquim, o Benedito, o Felipe, o João, ele aceitava todos, com o mesmo carinho, o mesmo respeito. Mas não precisava dos costumes que eles tinham. Até hoje, eles ajudam. Eu acho que o preto velho é imprescindível no centro, porque tem trabalhos que só ele sabe resolver, pois já tem aquele conhecimento. Num trabalho de desobsessão, de antigoécia, precisa ter um preto velho, um caboclo, porque existem lugares que só eles sabem onde vão penetrar. Cada um na sua função.

Essa frequência eclética assinala uma importante interação de várias dimensões extrafísicas estimulada no Lar de Frei Luiz. Não só pelas mensagens de pessoas desencarnadas, incorporadas em médiuns ou materializadas, mas também a partir de experimentos como os de terapia de vidas passadas e de projeções astrais – em que, ao meditar ou dormir, somos capazes de “voar” com o nosso corpo astral, visitando diferentes realidades –, ficamos sabendo que, com a morte do nosso corpo físico, nos encaminhamos para determinado plano astral afinado com a nossa realidade vibratória, com os nossos registros cármicos.

Para os incrédulos, o exercício de projeção astral é uma boa oportunidade para se checar como se pode viajar extrafísicamente por outras dimensões. Feito com boa orientação e disciplina, é um exercício com resultados de fácil comprovação. Basta, por exemplo, visitar astralmente a casa de um parente ou amigo e, posteriormente, perguntar o que ele estava fazendo naquele determinado momento. Com os dados checados, veremos então o quanto é possível a “caminhada” por outras realidades espaciais.

Nessas diversas dimensões, existem o que os espíritas costumam chamar de colônias espirituais, onde passamos a conviver astralmente – pelo menos até uma próxima encarnação ou mesmo uma ascensão para outra realidade extrafísica, mais compatível com o nosso novo desenvolvimento espiritual – com seres com os quais temos afinidades energéticas, morais, de conhecimento acumulado. Assim, se estamos em um momento de desenvolvimento “cultural” em que ensinamentos católicos, espíritas, budistas ou até materialistas são importantes para nós, para a nossa compreensão momentânea, limitada que seja, passaremos a conviver astralmente com desencarnados afins.

E quando seres desencarnados de várias “culturas” começam a trabalhar juntos em prol de um desenvolvimento mais harmonioso da nossa realidade material na Terra, é sinal de que algo importante foi colocado em marcha, em busca de um equilíbrio energético universal – que, na falta de outra definição, classificamos de Amor Universal.

Estudioso de várias culturas, muitos dos textos lendo em francês, Rocha Lima dedicava uma atenção especial a práticas religiosas do oriente, principalmente ao hinduísmo e ao budismo. Ele costumava dizer que os grandes livros de sabedoria da história eram os *Evangelhos* e a *Bhagavad-gita*.

Base milenar de grandes pensamentos religiosos do planeta, ao resgatar a essência das escrituras védicas, a *Gita* traz ensinamentos que sempre foram caros ao presidente do Lar de Frei Luiz, como o de que a felicidade está dentro de nós. Ou seja: nós, pelo nosso livre-arbítrio, a partir das decisões que tomamos aqui, construímos o nosso progresso espiritual.

– Trazes em ti próprio um amigo sublime que não conheces, pois Deus reside no interior de todo homem, porém poucos sabem achá-lo. Aquele que faz o sacrifício de seus desejos e de suas obras ao Ser de que precedem os princípios de todas as coisas obtém por tal sacrifício a perfeição, porque, quem acha em si mesmo sua felicidade, sua alegria, e também sua luz, é um com Deus. Ora, fica sabendo, a alma que encontrou Deus está livre do renascimento e da morte, da velhice e da dor, e bebe a água da imortalidade – sustenta a *Bhagavad-gita*.

Ao falar da Lei do Amor, em *Frei Luiz, o Operário do Brasil*, Rocha Lima assinalou o que esse sentimento universal significava não só para os cristãos, mas também para os hindus e budistas: “Paulo apóstolo disse: ‘A lei perfeita é o amor, porque o amor não faz mal a ninguém’. Este é o *Sâdhana* dos hindus, o sentido da vida que o grande Rabindranath Tagore viveu e nos ensinou, que é o diadema luminoso de Frei Luiz, da sua Sabedoria, de grande alma – *mahatma!*”, escreveu, continuando: “Buda a chama *Brahman viahara*, a alegria de viver em Brahman. Aquele que quiser alcançar este estado, de acordo com Buda, “não deve enganar, não deve manter nenhum ódio contra nada nem desejar nunca injuriar debaixo da paixão da ira. Deverá cultivar um amor sem limites a todas as criaturas, assim com uma mãe tem pelo seu único filho, a quem ampara com sua própria vida”.

A importância desse ecumenismo pode passar despercebida por muitos, mas, em se tratando de um centro que tem como base a doutrina espírita, representa um grande avanço em prol de um trabalho espiritual integrado, sem preconceitos. No Brasil, a cultura do senso comum costuma associar o espiritismo a práticas religiosas populares, principalmente à umbanda, como se tudo fosse a mesma coisa. Todas as práticas costumam ser empacotadas sob o nome de macumba. Nada mais errôneo. O espiritismo chegou ao Brasil na segunda metade do século 19, pelas mãos, principalmente, de pessoas cultas e influentes,

como médicos homeopatas que foram estudar na Europa e imigrantes franceses. Numa época em que a cultura francesa se tornara a principal referência para a intelectualidade brasileira, a prática espírita era, assim, essencialmente elitista.

No início do século 20, porém, alguns núcleos espíritas começaram a aceitar entidades comuns em cultos que mesclavam elementos das culturas africana e indígena. Dessa forma, o atendimento mediúnico e outros aspectos da doutrina espírita foram incorporados a esses cultos, dando origem aos primeiros centros de umbanda.

Os espíritas mais ortodoxos, porém, sempre torceram o nariz para qualquer contato com o que consideram ser práticas religiosas menores, de pessoas incultas. Portanto, pessoas de visão ecumênica como Rocha Lima foram fundamentais para que houvesse uma maior integração social, tornando o espiritismo mais popular. Mesmo assim, quando ele morreu, em 1995, ainda eram sentidos no Lar de Frei Luiz ranços desse conservadorismo, com alguns médiuns insatisfeitos com o que consideravam um desvirtuamento excessivo dos fundamentos da prática da doutrina espírita.

Da parte de Rocha Lima, porém, houve sempre resistência a essa visão estreita, reducionista. Ao tocar nesse ponto polêmico, em seu livro *Medicina dos Espíritos*, explicava a importância de se valorizarem os espíritos dos pretos velhos. Ao contrário do que poderia pensar a elite branca do espiritismo, ele sustentava – tendo como base suas comunicações mediúnicas com essas entidades desencarnadas – que os pretos velhos que visitavam o Lar haviam sido escravos que, em encarnações anteriores, ocuparam “elevadas posições sociais”, como médicos famosos e reis. Mas foram pessoas que se perderam pela vaidade, o orgulho, provocando males a seus contemporâneos. Por isso, arrependidos ao desencarnar, retornaram ao mundo material nascendo na África, vindos depois como escravos em levas para o Brasil, “onde através do sofrimento, resignação e paciência, adquiriram a humildade” necessária para o desenvolvimento de sua trajetória cármica.

O processo encarnatório, como demonstram cientificamente os trabalhos de criteriosos terapeutas de vidas passadas, serve para o aprimoramento dos seres humanos. Consciente da importância dessa trajetória espiritual, Rocha Lima sabia do erro de se menosprezar al-

guma entidade extrafísica só por causa do linguajar que resolvia adotar para se comunicar conosco. Uma linguagem, digamos assim, fora dos padrões da nossa cultura branca dominante. Para ele, essas entidades preferem se apresentar, em sessões espirituais, com sua “roupagem” de pretos velhos para assinalar o quão importante havia sido, para a sua evolução de ser universal, essa passagem como escravos pelo mundo material da Terra.

Nessa mesma linha de raciocínio, Rocha Lima jamais censurou qualquer entidade que procurasse participar dos trabalhos espirituais do Lar de Frei Luiz, desde que, obviamente, fossem espíritos de luz, com o propósito de fazer o bem, de pregar o Amor Universal.

É verdade que quem visitasse o Lar no final do século 20, quando da desencarnação do seu fundador, continuaria sentindo a forte presença da cultura cristã, com orações e falas em homenagem a São Francisco de Assis, a Maria, a Jesus. Não podia ser diferente. Afinal, vivemos num país que, com sua cultura cristã hegemônica, recebeu de braços abertos a doutrina espírita codificada por Kardec, que traz em seu bojo a forte influência do catolicismo francês e dos ensinamentos dos Evangelhos.

Mas é necessário, no caso, considerar algo muito importante: o discurso religioso tem a ver com o atual estágio de desenvolvimento cultural da humanidade. Por isso, para haver comunicação, entendimento entre um ser desencarnado e outro encarnado, é preciso, na maioria das vezes, o uso de determinadas palavras, símbolos, para que haja entendimento. Portanto, esse linguajar “religioso” serve para dar unidade, para criar uma corrente de equilíbrio.

No entanto, apesar dessa forte influência cristã nos trabalhos do Lar, quem fosse ali ouviria também ensinamentos de outras culturas religiosas, que estão de acordo com o Amor Universal, e encontraria retratos e livros sobre personalidades como o líder indiano da resistência pacífica Mahatma Gandhi e o iogue Parahansa Yogananda, que na primeira metade do século 20 ajudou a divulgar o hinduísmo nos EUA.

É provável mesmo chegar o dia em que, nas canalizações de seres extrafísicos, não serão mais utilizadas palavras comuns a determinado discurso religioso. Mas aí o desenvolvimento histórico da humanidade se encontrará em outro patamar.

Força Interior

A maioria das milhares de pessoas que frequentam semanalmente o Lar de Frei Luiz não tem noção da luta que Rocha Lima empreendeu para construí-lo, com a ajuda do trabalho gratuito de abnegados colaboradores, de doações financeiras e de materiais e dos seus limitados recursos de químico industrial. No início de tudo, no final da década de 1940, menos de dez pessoas participavam do primeiro núcleo do grupo, numa modesta casa do subúrbio da Piedade.

Houve tempo em que alguns colaboradores duvidavam de Rocha Lima quando, alertado por entidades como Frei Luiz, sustentava que o espaço para as reuniões espirituais seria pequeno diante de tanta gente – e que se faria necessária a instalação de alto-falantes para que as falas, pregações e orações do núcleo dirigente fossem ouvidas por todos. Esse dia chegou, mas não sem muita luta, sofrimento e disciplina.

Corria o ano de 1947 e Rocha Lima reclamava que seus “negócios continuavam desfavoráveis”. Vivendo de aluguel, o único bem que possuía era um carro velho, um Opel Kapitain, no qual transportava “os irmãos do grupo” para suas casas, após as reuniões mediúnicas. No entanto, como registrou em *Forças do Espírito*, começou a vislumbrar algo de melhor no horizonte. Com um “salário satisfatório”, conseguiu “um modesto lugar de químico” na The Sydney Ross Company. Finalmente, ao receber um novo ânimo para trabalhar e “sem grandes preocupações econômicas”, ele poderia então se dedicar mais ao espiritismo.

Como que recompensado, sentiu “uma extraordinária felicidade” na reunião de 3 de janeiro de 1948: em mensagem mediúnica psicografada “das mais sensacionais”, o médico desencarnado Cassiano de Albuquerque anunciava as futuras curas e operações em trabalhos de efeitos físicos conduzidos por médicos do espaço. Essas reuniões de materialização seriam destinadas à caridade e nunca à curiosidade de quem desejasse buscar provas da vida após a morte.

Este dado diferenciaria os trabalhos de cura espiritual realizados no Lar de Frei Luiz, onde as reuniões adquiriram um sentido

especial: elas não são feitas com o intuito de pesquisa ou para matar a curiosidade de alguém, mas para curar e ajudar a atrair doações para o objetivo maior da obra – a ajuda da infância carente e, também, de idosos desamparados.

Embora essas reuniões de materialização, que devem ser realizadas sob condições ambientais especialíssimas, só fossem começar efetivamente alguns anos depois, o núcleo inicial do Lar de Frei Luiz teria a oportunidade de presenciar pela primeira vez, numa sessão de janeiro de 48, o que mais tarde se tornaria corriqueiro. Enquanto Cassiano de Albuquerque ditava sua fala, começaram “fenômenos luminosos de efeitos físicos no plexo solar do médium, que, também, às vezes, da altura de seu braço, emitia uma fosforescente luz verde que se irradiava pela sala parcamente iluminada”.

Mas, apesar de experiência inicial tão impactante, o que mais impressionou Rocha Lima naquele ano foi a reunião de 3 de julho, quando um médium psicografou uma mensagem em alemão assinada por um desencarnado que se identificou como Günther. No dia seguinte, ao ler a mensagem, um colega de fábrica do presidente do grupo, o químico alemão Ernest Rathek, teve uma crise de choro. Segundo ele, tratava-se de mensagem de um amigo de juventude da Universidade Frederico Guilherme, em Berlim, que morrera na Segunda Guerra.

– Foi um momento de grande emoção para o Dr. Ernest que, a partir daquele momento, acabava de ser protagonista de uma experiência que o convenceria da sobrevivência do espírito, se já não estivesse convicto disso por outras razões valiosas – escreveu Rocha Lima.

Para Ernest, a prova maior viria na reunião de 28 de agosto, da qual participou com mais cinco integrantes do grupo: ao pedir em alemão uma prova de que Günther era realmente o seu amigo de Berlim, este fez a mão de Rocha Lima girar “em rotações bruscas e incontrolláveis”, que acabou escrevendo o sobrenome Bek. A prova estava dada.

Mas o ano de 1948 ainda guardava uma grata surpresa para o diminuto grupo, que fortaleceria em Rocha Lima o sentimento de que ele estava realmente no caminho apontado por Frei Luiz. Na reunião de 13 de novembro, já com sua capacidade de médium clarividente bastante desenvolvida, ele “veria” no ambiente o monge Hislah e um

frade franciscano que disse se chamar Frei Cassiano. Este avisou aos presentes que orassem e aguardassem boas surpresas para depois do Natal. Às sete horas da manhã de 25 de dezembro, Rocha Lima recebeu o telefonema de uma mulher, Maria de Paula Torres, pedindo que fosse procurá-la na Travessa Santa Martinha, 123, no bairro suburbano da Abolição. Paraguaia de origem, a mulher alegou que não tinha mais condições de dirigir o Centro Espírita Cristo Consolador, que funcionava naquele endereço, e surpreendeu Rocha Lima entregando-lhe as chaves da sede.

– A emoção que me arrebatou foi indescritível – lembrou, em *Forças do Espírito*. Ainda haveria recuos e avanços na intenção de Maria de Paula doar o centro para o grupo do futuro Lar de Frei Luiz, mas o local se tornaria o primeiro ponto público de referência para os trabalhos espirituais e de aprimoramento mediúnico. A doação seria efetivada por escritura pública em 20 de maio de 1952. Por consenso do grupo, o local passou a se chamar Cenáculo Espírita Cristo Consolador do Centro Espírita Irmãos de Frei Luiz.

Rocha Lima lembra que, no início dos anos 1950, a frequência era tão pequena que houve até uma noite em que fez uma “pregação evangélica para um único assistente”. Mas, em contrapartida, Frei Cassiano foi firme em uma de suas manifestações mediúnicas: “Meus irmãos, um dia esta sala não vai caber de tanta gente. Haverá necessidade de alto-falantes, vocês verão!”

O ano de 1952 não marcaria apenas uma data histórica para os trabalhos do grupo, mas também uma virada na vida de Rocha Lima, que finalmente realizaria o grande desejo de se tornar dono de um imóvel. “Minha desambição pela posse de bens materiais, pelo menos dos que me viessem caber sem sacrifícios, não me tiravam, obviamente, o desejo de possuir meu lar”, escreveu. Ele conta que, em uma manhã, andava por uma praia olhando o horizonte e pensando em ter uma casa. De repente, teve a intuição de que seria demitido do seu emprego. Dias depois, se viu desempregado. Mas com o dinheiro da indenização, algumas parcas economias, a venda do seu Opel e um empréstimo na Caixa Econômica Federal, conseguiu comprar um terreno na Rua Engenheiro Gastão Lobão, 100, no Cachambi, onde construiria sua casa.

Mais tarde, a partir de sua luta em prol das crianças carentes, Rocha Lima conseguiria conquistar outros imóveis, um deles o terreno onde seria erguida a sede do Lar de Frei Luiz, em Jacarepaguá, na zona oeste do Rio. Ele, porém, nada quis guardar para si – com exceção da casa da Rua Engenheiro Gastão Lobão, que fez questão de deixar para a querida filha adotiva Marilene.

Rocha Lima se mudou com a família para a casa em 29 de setembro de 1952. A vida, no entanto, continuava apertada, ainda mais porque conseguira um emprego ganhando menos, na fábrica da Gordura de Coco Carioca. Mas apesar das vicissitudes, para ele os anos de 54 e 55 seriam marcantes, com o ingresso no grupo, ainda garotos, daqueles que se transformariam em dois grandes médiuns de efeitos físicos do Lar: Ivan Ferreira de Castro e Gilberto Arruda.

– A esses irmãos, como, de resto, a todos os médiuns do grupo, além de procurar dar o exemplo de minha humildade e perseverança, dava a orientação que julgava compatível com o exercício da mediunidade: leitura do *Evangelho* e das obras espíricas sadias (Allan Kardec, Leon Denis, André Luiz, Emanuel, Ramatis, Gabriel Delanne, Ernesto Bozzano, Carlos Imbassahy, Francisco Cândido Xavier e outros); preces constantes, conduta moral, vigilância, afabilidade para com outrem, obstinação no bem, renúncia às coisas vãs e sem reflexo na espiritualidade. Sempre cuidei de prepará-los, não somente para o aprimoramento de suas faculdades mediúnicas, mas para que, na oportunidade, pudessem desempenhar o mister de mentores de outros tantos grupos, quando fossem a isso chamados. Sobretudo, que nunca alimentassem a presunção de autossuficiência em matéria de mediunidade e afastassem deles a vaidade e o gosto do personalismo, pois acentuava-lhes sempre que tudo no mundo e todos no Universo se interdependem por efeito de leis supremas e indefinidas estabelecidas numa ontogênese de dimensão cósmica e de origem divina – assinalou.

Os dois lembram com emoção dessa época. Mineiro, Ivan era um rapaz brigão, de 18 anos, que gostava de andar armado. Funcionário de um laboratório de prótese dentária, foi apresentado por um primo a Rocha Lima. “Ele pegou a minha mão, olhou e disse: ‘Você já devia estar trabalhando, você é um médium que tem que trabalhar em efeitos físicos, e você já devia estar. Então começa já’. Ele sempre

me chamou de meu filho. Eu e o Gilberto éramos filhos dele. Ele foi meu pai espiritual. Todo e qualquer problema que eu tivesse, ele estava junto comigo”, recorda Ivan.

Mecânico de carros, Gilberto também não poupa palavras de carinho para Rocha Lima. Por volta dos seis anos de idade, ele não conseguia dormir. Ouvia vozes, via vultos. A mãe, Maura Ribeiro Arruda, pensando em algum problema psíquico, costumava levar o filho a uma casa de doenças mentais. “Parecia que eu estava louco. Não agredia nem nada, mas eram vozes, vozes, nem dormia.” Fazia exames, nada acusava. Os fenômenos paravam e voltavam.

Um dia, o pai, Orlando Gonçalves Arruda, que era dono de uma fábrica de sabão e conhecia o químico Rocha Lima, conversou com ele sobre os problemas do filho. “Olha, Orlando, o problema do Gilberto é todo mediúnico. Eu queria que você levasse ele lá em casa pra gente ver como é que fica isso, porque isso não vai ficar assim não. Ele não tem nada de maluco”, aconselhou. O garoto começaria então a mudar de vida.

– Me lembro como se fosse hoje. Ele fez uma prece, com um retrato grande que tinha do Frei Luiz, e eu aí apaguei e dormi quase três dias direto – afirma, lembrando que passou a procurar o socorro necessário, nem que fosse pelo telefone, sempre que voltava a ser atacado por seres extrafísicos. – Aí ele me mandava botar o telefone na testa e fazia a retirada da entidade via telefone. “Bota o telefone na sua cabeça, faça a prece que você vai ver.” Aí eu sentia um tranco, uma coisa, e minha mente ficava aliviada daquilo tudo.

Muito menino para entender direito esses fenômenos e a importância de se preparar espiritualmente, para não se ver envolvido pelo fogo cruzado de entidades desencarnadas do mal, Gilberto só passaria a frequentar as reuniões do grupo com 15 anos, vindo a se tornar um médium mais preparado dez anos depois, em meados da década de 1960. Ele não tem dúvidas: sem o auxílio de Rocha Lima, sua vida seria outra. “Se não fosse a mão dele, eu estaria no hospício.”

Os exemplos de Gilberto e Ivan, que tiveram a sorte de encontrar um Rocha Lima pela frente, mostram como muitas pessoas, tidas como desequilibradas ou até loucas, podem na verdade estar sendo vítimas

de interferência mental de seres desencarnados. Psiquiatra renomado, médico do gabinete de ministros da Fazenda ao longo dos anos 1940/50 e um dos maiores amigos de Rocha Lima, sendo um dos poucos que o tratavam por você, Lauro Neiva sustentava a tese sobre “a presença dos espíritos em muitos casos de obsessão e em quase todos os de suicídio”.

Autor de vários livros, como *O Psiquiatra e o Invisível* e *Os Mortos Ensinam aos Vivos*, presença constante em congressos nacionais e internacionais de psiquiatria, Lauro defendia “o espiritismo como um auxiliar poderoso na luta contra a loucura e o crime”. Para esses casos, recomendava a “terapêutica espiritual” como “o remédio melhor e mais eficaz”. Segundo ele, em muitos incidentes de obsessão, o tratamento deveria ser acompanhado dessa “higiene mental”, após ser realizada “a limpeza orgânica, através da medicação alopatíca ou homeopática”.

Mas se, por um lado, Gilberto e Ivan foram ajudados por Rocha Lima, o engajamento dos dois nos trabalhos mediúnicos representaria àquela altura uma injeção de ânimo fundamental para a continuidade da luta do presidente do Lar, triste com a recente desencarnação de dois amigos e médiuns do grupo, Ernest Rathek e Honório Maciel. Os médiuns Ivan e Gilberto acabaram como símbolos de um período que traria “novos lampejos de esperança no serviço da caridade e mais fé no poder de Deus”, na medida em que novas pessoas encarnadas e desencarnadas passaram a frequentar o grupo.

Além disso, no segundo semestre de 1955, o núcleo do futuro Lar de Frei Luiz finalmente ingressaria em sua fase de fenomenologia de efeitos físicos. Na reunião de 17 de setembro, frei Leonardo anunciaria o início das reuniões de materialização, aos sábados. A partir daí, Rocha Lima manteria as reuniões públicas semanais no centro da Travessa São Martinha para os ensinamentos doutrinários e as sessões de incorporação mediúnica para algumas operações curativas. No escritório de casa e em sua sala de jantar, que formam ambientes contíguos, passaria a realizar, com pequena assistência, as reuniões de cura com a materialização de médicos e de outros seres desencarnados, que trabalham com a medicina de esferas espaciais.

Ele, porém, sabia que se tratava de local inadequado para a continuidade de atividade tão sutil, que envolve processos complexos de integração e desintegração atômica. Assim, sob recomendação de

seus guias espirituais, ficaria decidida a construção, nos fundos do quintal de sua casa, de um salão especial, com cerca de 25 m², para os trabalhos de materialização. Atrás dos fundos do quintal havia uma pequena floresta, o que ajudaria no processo de materialização, que necessita de alta concentração de ectoplasma, substância produzida no citoplasma celular do ser humano e que deve ser retirada também de florestas e até de pássaros, para reforçar uma boa ambiência, presente na natureza em geral.

Com a ajuda fundamental de Astéria, que cozinhou para os operários, e do engenheiro Carlos Cunha, integrante do grupo, em três meses, no dia 1º de maio de 1965, seria inaugurado o Santuário de Frei Luiz. “Foi uma obra que consumiu as economias de minha esposa e minhas, mas Astéria e eu sempre estivemos de acordo em renunciar tanto quanto fosse possível e necessário para o êxito de nosso ideal”, assinalou Rocha Lima.

Durante oito anos, o local seria palco de algumas das mais luminares e marcantes experiências de materialização de objetos e de seres extrafísicos da história do Lar. Mas, com o desmatamento da floresta dos fundos da casa, para a construção de um condomínio de prédios, as sessões de materialização tiveram que ser transferidas, pois se reduziu a quantidade de ectoplasma ambiente e aumentaram as vibrações negativas produzidas pelos novos habitantes.

Diante da necessidade de se encontrar um novo ponto para acolher os trabalhos de materialização e ampliar o educandário das crianças, Rocha Lima e seus irmãos de jornada terminariam por adquirir a futura sede do Lar de Frei Luiz, em um amplo terreno na Estrada da Boiuna, em Jacarepaguá.

CAPÍTULO 3

CRIANDO MATÉRIA

Materialização de Espíritos

Falar em materialização de objetos e de seres extrafísicos – ou, num linguajar mais comum, em materialização de espíritos – é entrar num terreno polêmico. Estaremos sujeitos a ataques prepotentes, sarcásticos, daqueles que se acham cultos, intelectuais superiores, donos de um saber racional absoluto. Ou mesmo sofreremos crítica e rejeição dos que preferem encarar essa fenomenologia como invenção de mistificadores ou produto de mentes imaginativas de pessoas que vivem para ser enganadas em sua boa-fé.

No entanto, a despeito dos desinformados, sim, existem fenômenos de materialização – cabendo àqueles de mente aberta investigarem como ocorrem e por quê.

A boa ciência, aquela que jamais chega a um ponto definitivo, a um conhecimento total, abrangente, sempre se coloca questões novas e filosóficas a respeito de seus objetos de estudo. Por isso, a ciência dialética – inclusive a materialista – deve procurar sempre se renovar, avançar em busca do desconhecido, estabelecendo novos parâmetros para a sua prática e discurso.

Infelizmente, a história está cheia de exemplos de cientistas que, colocando-se no campo revolucionário das ideias, foram perseguidos, execrados. Mesmo que depois – em vida ou não – tenham sido homenageados como homens do saber injustamente atacados pela incompreensão tola de sua época. Foi assim, por exemplo, com Sigmund Freud, fundador da psicanálise, quando, no início do século 20, se dedicou a divulgar os princípios daquilo que, mais tarde, seria reconhecido como boa ciência.

No caso das materializações espirituais e das curas mediúnicas, ocorrerá o mesmo. Chegará o tempo em que os incrédulos de hoje terão a certeza da sua existência, força e até limitações. Não como algo milagroso, sobrenatural, vindo do além, mas uma experiência que apenas explica parte da complexa rede do eterno e universal desenvolvimento da energia e de sua eventual condensação em matéria.

Esse caminho do conhecimento vem sendo perseguido por incontáveis estudiosos em diversas partes do mundo. E não é de agora.

Discípulo de Louis Pasteur – célebre por descobrir o micróbio da raiva –, o médico francês Paul Gibier, falecido em 1900, foi um dos primeiros cientistas a estudar a fenomenologia das materializações. Integrante da elite intelectual de sua época, acabaria perseguido por seus pares franceses, devido a suas ideias, sendo forçado a ir morar nos EUA. Mas, com suas qualidades profissionais, ali acabaria nomeado para o cargo de diretor do Instituto Pasteur de Nova York. Ao comentar o resultado de suas investigações e a polêmica que provocou na comunidade científica francesa quando publicou, em 1886, o estudo *Espiritismo ou Faquirismo Ocidental*, Gibier assinalaria:

– Há somente duas classes de estudiosos da ciência: de um lado, os que buscam levantar a cúpula do edifício antes de estabelecer solidamente os alicerces e pretendem interpretar a natureza antes de conhecer os elementos de suas leis; do outro lado, há os que avançam prudentemente, passo a passo, depois de se terem assegurado da consistência do terreno de que escavam conscientemente o solo para descobrir a rocha sobre a qual deverão assentar os fundamentos do conhecimento. Nós queremos pertencer a estes últimos.

Outro contemporâneo de Gibier a estudar esses fenômenos foi o químico e físico inglês William Crookes (1832-1919), considerado um dos grandes sábios de sua época na Inglaterra. Um dos fundadores da revista *Chemical News*, ficou famoso por suas pesquisas sobre raios catódicos e fenômenos radioativos. Descobridor do elemento químico tálio, em 1861, inventou o radiômetro (1874) e outros objetos para experiências físicas. Para variar, apesar de sua respeitada vida de cientista, foi atacado pela intelectualidade.

Corajoso, Crookes não só defendeu a veracidade das experiências de que participou com outros estudiosos de sua época, de materialização de uma mulher desencarnada que se identificou como Katie King, como ele próprio promoveu inúmeras sessões, em 1873, tirando fotos de suas aparições. Essas experiências foram relatadas em seu livro *Fatos Espíritos*, sendo resumidas na publicação *Materializações de Espíritos* (Editora Eco).

Embora, em geral, para se criar uma ambiência adequada, as sessões de materialização sejam realizadas no escuro, já que a clareza afeta o processo de integração atômica que ocorre nesses casos, em determinada reunião, a título de experiência, Katie consentiu em mostrar o que aconteceria com o aumento da luminosidade da sala. Ela, que só permitia que ficasse aceso um bico de gás, com a chama baixa, concordou que se acendessem três bicos no volume máximo. A entidade ficou então em pé junto a uma parede, abrindo os braços em cruz.

A seguir, o relato de um dos participantes, a pesquisadora e escritora Florence Marryat:

– Foi extraordinário o efeito produzido sobre Katie King, que apenas por um instante resistiu à claridade. Vimo-la em seguida fundir-se como uma boneca de cera junto de ardentes chamas. Primeiro, apagaram-se-lhe os traços fisionômicos, que não mais se distinguiram. Os olhos enterraram-se nas órbitas, o nariz desapareceu, a testa como que entrou pela cabeça. Depois, todos os membros cederam e o corpo inteiro se achatou qual um edifício que se desmorona. Nada mais restava do que a cabeça sobre o tapete e, por fim, um pouco de pano branco que também desapareceu, como se houvessem puxado subitamente. Conservamo-nos alguns momentos com os olhos fitos no lugar onde Katie deixara de ser vista. Terminou assim aquela memorável sessão.

Apesar de raras, as materializações à luz do dia também podem ocorrer, a exemplo do caso descrito pelo pesquisador italiano Ernesto Bozzano, em *Materializações de Espíritos*, ao reproduzir o relatório da estudiosa Juliette-Alexandre Bisson apresentado no Congresso Metapsíquico de Copenhague, em 1922. Neste documento, ela resume suas experiências com a médium Eva Carrière, em sessão realizada em maio de 1921, com seis assistentes. Todos testemunharam, em plena luz do dia, a formação, na mão da médium de efeitos físicos, de um pequeno ser com cerca de 20 cm de altura. Segundo a ata da reunião, essa mulher em miniatura chegou a passar para as mãos de um dos assistentes, que a descreveu como um corpo pesado e de tato “seco e suave”.

Ficção científica? Não. As materializações de seres desencarnados em formas minúsculas, embora menos comuns, já foram testemunhadas em diversos outros locais – até mesmo no Lar de Frei Luiz. Para

Ernesto Bozzano, essas materializações se dão devido ao esgotamento das energias do médium de efeitos físicos ou quando ele não está fisiológica e psicologicamente bem disposto.

Para chegar a essa conclusão, ele tomou como base reuniões em que os seres aumentavam de tamanho – até chegar a uma estatura normal – na medida em que os assistentes faziam exercícios de respiração profunda, ritmada, para ajudar a fornecer mais quantidade do fluido vital ectoplasma ao médium de efeitos físicos. A explicação faz sentido. No caso de uma sessão sob a luz do dia, é de se esperar que o dispêndio de energia para as materializações sejam bem maior do que em um ambiente escuro.

Apesar de diferenças de enfoques, esses e outros relatos servem para demonstrar como inúmeros pesquisadores investigam a questão, seja no exterior ou no Brasil. Nos Estados Unidos, em Sedona, uma linda cidade do Arizona cercada por canions, são famosos seus pontos de grande concentração energética. Morador da região, que virou meca de seguidores da chamada Nova Era, o escritor e pesquisador Tom Dongo descreve experiências fascinantes de materializações de seres e de bolas de energia, no livro *The Mysteries of Sedona* (Hummingbird Publishing).

O escritor e jornalista Marcel Souto Maior, em seu livro *As Vidas de Chico Xavier* (Editora Rocco), relata que o mais famoso médium do Brasil ficou deslumbrado com experiências do gênero, quando passou a colaborar, em 1948, em sessões de materializações conduzidas pelo médium carioca Francisco Peixoto Lins, o Peixotinho. Numa dessas reuniões, o delegado de polícia R.A. Ranieri ficou tão impressionado com a materialização de sua filha Heleninha, morta aos dois anos de idade, que escreveria mais tarde o livro *Materializações Luminosas*. Alguns desses encontros foram inclusive fotografados.

De todas essas experiências, porém, fica-se com a impressão de que, na maioria das vezes, as reuniões de materialização são promovidas somente a título de pesquisa e pela necessidade de se ter uma prova definitiva da existência de vida após a morte. Assim, não é à toa que as sessões de cura promovidas por integrantes do Lar de Frei Luiz, desde os anos 1950, representem um importante diferencial.

Mas, mesmo com o objetivo básico de ajuda aos enfermos do físico e da alma, esse tipo de reunião serviu como uma luva para alguém como Rocha Lima, com sua mente científica. A partir de suas experiências com dimensões astrais, muitas delas registradas em detalhes – inclusive com fotografias –, ele e seu grupo acabaram nos legando um valioso manancial de informações sobre o tema.

Ectoplasma

Em geral, a base desse processo de desintegração e integração atômica é a substância vital batizada de ectoplasma. Do grego ektos, por fora, e plasma, objeto modelado, o termo foi criado pelo cientista francês Charles Richet (1850-1935), autor de *Traité de Métapsychique*, Prêmio Nobel de Medicina de 1913 e fundador da metapsíquica, ciência que estuda fenômenos mecânicos ou psicológicos provocados por forças desconhecidas.

Fluido energético encontrado em qualquer ser vivo, vegetal ou animal, o ectoplasma é produzido aqui na Terra no citoplasma das células, segundo Ronaldo Gazolla. O autor do livro *Um “Fluido Vital” Chamado Ectoplasma* (Publicações Lachâtre), Matthieu Tubino, espírita radicado em São Paulo que há décadas analisa essa fenomenologia, acha que os minerais também liberariam ectoplasma, embora com qualidade diferenciada.

De constituição ainda desconhecida, o ectoplasma pode ser exteriorizado de forma invisível ou visível. Usado nas reuniões de materialização, parece ser sensível à força da gravidade, pois tende a ir para o chão. No caso do organismo humano, acrescenta Tubino, seria produto de um metabolismo especial do corpo, quando trabalha os alimentos e líquidos que ingerimos e o ar que respiramos. Os seres extrafísicos também gerariam ectoplasma, com características próprias das diferentes dimensões que habitam.

A combinação desses tipos de ectoplasma é utilizada na materialização de seres desencarnados e na ação física (química, mecânica e fisiológica) sobre a matéria, possibilitando as chamadas curas espirituais e os fenômenos de transporte. Através dessa ponte feita nas reuniões entre o ectoplasma das entidades astrais e o dos médiuns e da assistência, podem ser produzidas a desmaterialização de partes doentes do corpo e mesmo a materialização de objetos transportados de outros locais.

Como o ectoplasma está presente na natureza em geral, com alta concentração principalmente nas florestas, recomenda-se a realização

de sessões de materialização junto ao verde. Aliás, não é à toa que o líder seringueiro Chico Mendes, assassinado em 1988, sustentava que na floresta amazônica havia impressionantes materializações de seres.

Sabedor de que a alta concentração desse ectoplasma ajuda a criar a ambiência necessária, Rocha Lima sempre teve a preocupação de realizar as reuniões de materialização junto à natureza. Por isso, quando a floresta que havia atrás de sua residência no Cachambi foi destruída, para a construção de prédios de apartamentos, os trabalhos acabaram transferidos, em 1973, para uma casa especialmente construída na atual sede do Lar de Frei Luiz, em meio ao verde de um morro próximo à Estrada da Boiuna.

Gazolla avalia que, dentro da sala de reuniões, do ectoplasma das pessoas presentes, 80% para as materializações vêm do médium de efeitos físicos. O restante fica por conta de outros médiuns, que lhe dão apoio energético, e da assistência – sendo portanto, em média, um ectoplasma com determinado grau de impureza.

– Por isso, os químicos e físicos do espaço têm que pegar esse ectoplasma e purificá-lo. Tem um ectoplasma da natureza, que é neutro, que é o das folhas, da água, dos pássaros, da terra, de toda a natureza. E tem o ectoplasma puro dos espíritos de luz. Então, essa fusão de ectoplasmas cria a condição para se ter a materialização. Essa que é a base da materialização – diz.

Detalhista, Rocha Lima chegava a indicar cadeiras para os médiuns que participavam das reuniões, no sentido de buscar um melhor equilíbrio do ambiente. Para ele, a disposição dos participante era muito importante para ajudar nos diversos fenômenos que normalmente ocorrem nesses encontros, por haver ectoplasma de diversos tipos fornecidos pelos médiuns.

Uns, por exemplo, seriam mais indicados para cicatrizações e estancamentos de hemorragias cirúrgicas, outros, para a regeneração celular, para o transporte de objetos e ainda para as materializações propriamente ditas.

Para purificar o ambiente, potencializando-o, é recomendado também que os médiuns e assistentes sigam algumas determinações 72 horas antes das reuniões, como eliminar carne vermelha e de frango,

não fumar nem ingerir bebida alcoólica nem fazer sexo. Recomenda-se ainda comer frutas e beber água. Essas iniciativas são importantes para garantir a pureza do ectoplasma dos médiuns e a economia de suas forças, já que há um desgaste de energia muito grande nesses encontros. Para se ter ideia, um médium chega a perder de 200 a 500 gramas de peso por sessão.

Momentos antes da reunião, antes que as pessoas entrem na chamada “nave de materialização”, é sugerido que se leiam livros sobre a espiritualidade e se façam orações. Não há um sentido propriamente religioso nisso. A questão é que as leituras e orações concentradas, em um determinado momento, ajudam a criar um ambiente harmônico, uma união de vibração energética – inclusive com os seres desencarnados que passam a rondar o ambiente.

A exemplo das meditações budistas, tenta-se alcançar a chamada “mente vazia” – em que não devemos nos apegar a nenhum pensamento, e sim deixar que fluam livremente, até que qualquer reflexão para de fazer sentido.

Trata-se de um trabalho duro, delicado, repleto de detalhes. A nave de materialização, por exemplo, não deve ter tijolos vazados. O ectoplasma num ambiente assim se desfaz facilmente. Liberado para o exterior, pode ser captado por entidades perturbadoras, criando sérios problemas para as reuniões. Pede-se também que as pessoas evitem pensar em problemas e nas pessoas queridas já falecidas, para que não mudem a frequência vibracional da sala com suas cargas emocionais. O olhar também provoca danos, ao emitir raios de energia que variam de acordo com o emocional de cada um.

Difícil pedir a alguém que evite fitar uma entidade materializada, mas a curiosidade não é bem-vinda nesses ambientes delicados. A escuridão na nave de materialização também é pré-requisito fundamental. Permite-se apenas luz vermelha e o uso de bastões com pequenas lâmpadas fluorescentes para guiar a assistência, na hora de se sentar nas cadeiras ou se deitar nos leitos cirúrgicos.

Um desleixo em relação às recomendações pode provocar sérios danos à saúde do médium de efeitos físicos, como queimaduras, hemorragias e, em casos extremos, até a morte. O médium Gilberto

Arruda, por exemplo, no final dos anos 1960, sofreu uma queimadura no corpo quando um sujeito acendeu um isqueiro no ambiente escuro. A chama provocou danos ao seu ectoplasma, que, voltando abruptamente para o corpo, queimou-o.

– Um dia levamos um casal para fazer um tratamento espiritual – relembra Eduardo Frutuoso. – Ele sentou-se ao meu lado, e quando começou a materialização, a esposa se assustou e se levantou. E o marido acendeu um isqueiro. Foi aquela explosão, e uma queimadura no Gilberto que podia tê-lo matado. O ectoplasma voltou num fluxo violento contra ele, que teve uma queimadura num ponto concentrado do corpo. Mas aí eu apaguei o isqueiro.

Em outra reunião, em 1974, Gilberto voltou a ser vítima de problema semelhante quando uma mulher, atemorizada e sentindo fortes dores, pegou violentamente o braço de Frederick von Stein materializado, que a estava tratando. Imediatamente, o médico do espaço se desmaterializou, provocando uma paralisção no braço de Gilberto e duas queimaduras dolorosas, em sua perna e no mesmo braço direito. “O Gilberto ficou seis meses como uma ferida para fechar”, acrescenta Gazolla.

Em incidentes como os ocorridos com Gilberto, o médium de efeitos físicos é despertado do seu transe violentamente. Com a desmaterialização da entidade, o ectoplasma exteriorizado, até então usado para moldar o corpo do ser extrafísico, volta bruscamente para o organismo do médium.

Já houve época em que menos de dez pessoas participavam dessas reuniões, o que obviamente facilitava a concentração dos presentes e, portanto, da energia ambiente. Atualmente, nas reuniões de materialização trabalham cerca de 50 médiuns de apoio, havendo mais 30 pessoas, entre enfermos e acompanhantes.

Não é à toa que algumas pessoas que frequentaram as duas fases do Lar de Frei Luiz comentam que as reuniões no passado eram em sua maioria mais luminares e sublimes, com luzes impactantes surgindo para tudo quanto é lado e seres se materializando com forma física muito mais definida – e por mais tempo.

Fenômenos Astrais

As cadeiras para a assistência na nave de materialização do Lar de Frei Luiz são dispostas como num teatro de bolso – em filas, uma ao lado da outra. Na frente da sala retangular, onde seria “o palco”, ficam cadeiras laterais, para médiuns de apoio, e também as macas cirúrgicas. Mais adiante, localiza-se a chamada cabine de materialização, onde o médium de efeitos físicos entra em transe, em uma maca, dormindo em sono profundo. Dentro da cabine, o espírito é plasmado basicamente pelo despreendimento do ectoplasma do médium principal.

A cabine, em forma quadrada, feita com placas de madeira com cerca de dois metros de altura, é vedada por cima com panos justapostos, criando-se um ambiente esterilizado. No lugar da porta, há uma cortina de pano. Ao lado, existe ainda uma cabine de apoio, onde fica outro médium. Para evitar problemas maiores, como os olhares curiosos da assistência, nas primeiras filas de cadeiras são também colocados médiuns de apoio, para reforçar a energia ambiente.

– Você precisa armar uma linha de pessoas experientes que não tenham curiosidade, que vejam até o que está ocorrendo com uma visão natural. Pessoas que tenham a capacidade de se manter em prece, se manter em equilíbrio para fazer uma barreira para o espírito andar ali dentro e atender as pessoas. Estão indo 20, 30 pessoas para serem atendidas, e que entram ali com as maiores angústias. Então, você precisa ter uma base bem equilibrada para poder ter uma proteção média – explica Ronaldo Gazolla.

Após muita concentração e preces, que potencializam o ambiente energeticamente, com o conseqüente despreendimento de ectoplasma, tem início o processo de materialização. O ectoplasma visível sai pelos poros do corpo e, principalmente, nariz, boca e ouvidos. Numa descrição aproximada, é como se um creme de barbear em spray fosse se despreendendo desses orifícios do médium. Essa massa de ectoplasma vai então moldando o corpo da entidade. Como o ambiente é muito escuro, se você estiver próximo do local da materialização, poderá observar, a sua frente, uma “nuvezinha” tomando a forma de um corpo humano.

Em geral, ocorre a materialização de um corpo não tão denso quanto a matéria física humana. No entanto, existem casos em que o ser em questão se materializa de forma tão nítida que parece alguém vivo, encarnado. Foi o caso de Frederick von Stein quando, em 25 de novembro de 1972, se materializou especialmente para ser fotografado por Luiz Manso, com o uso de filme infravermelho (ver foto na capa). Com roupa de médico e faixa asséptica no rosto, ele surgiu na frente da cortina da cabine de materialização e ordenou o disparo do flash: “Bata!”.

Como a entidade usa principalmente o fluido vital do médium para se materializar, em alguns casos suas feições guardam semelhança com as do médium principal de efeitos físicos. Para se terem materializações muito nítidas, é necessário o uso excessivo da energia ambiente. Quando não se dá essa situação, esses seres extrafísicos surgem com forma meio fluida, em que não se distinguem seus traços com detalhes. O rosto e o corpo aparecem como se estivessem envoltos com um manto fluídico, branco, que lembra uma gaze asséptica. Eles podem, no entanto, se essa for a sua intenção, falar e tocar em alguém. Algumas vezes, como precisam concentrar suas energias em suas atividades de médicos do espaço, sequer materializam determinadas partes do corpo, como os pés, passando a flutuar pelo salão.

Na primeira reunião de materialização de 1994, por exemplo, o tronco de Frederick apareceu todo iluminado, atrás de uma maca cirúrgica, mas sem que sua cabeça pudesse ser distinguida. Da mão em que portava um aparelho curativo, porém, no instante do ato cirúrgico, se desprenderam potentes fachos de luz semelhantes ao brilho do raio laser.

No entanto, mais consistentes ou não, dependendo das condições de materialização, esses seres aparentam sempre alguma densidade. Existem pessoas que, ao tocá-los, descrevem um “corpo” não tão consistente, meio fofo, como se estivessem apertando uma espuma, um bolo de algodão. O médico Luiz Augusto de Queiroz, ex-presidente do Lar de Frei Luiz, conta que já teve a oportunidade de apertar o braço de um desses seres, até que sua mão atravessasse o “corpo”. Mas essas entidades podem também se corporificar com uma consistência rígida. Foi o que aconteceu certa vez quando Gazolla e Luiz Augusto conversavam com Frederick materializado:

– O Frederick nos chamou na porta da cabine e mandou que eu segurasse nele no rosto, com uma mão no queixo e outra na testa. Ele falou assim: “Segura com força”. Eu apertei ali com muita força, e peguei no osso. Ele pediu então para o Luiz Augusto segurar o outro lado do rosto. Ele falou que ia deixar pra cada um a metade da máscara de médico que usava há oito anos nas materializações. Frederick falou então pra eu contar até três. Eu contei, e minha mão afundou, o osso dissolveu. Sumiu tudo em frações de milionésimos de segundo. A mão fechou. Neste momento, quando fechou, eu já estava com a metade da máscara na minha mão, e o Luiz Augusto, com a outra. Nós não escutamos barulho de rasgar. Nada, nada – relembra Gazolla.

Ele também já teve a oportunidade de sentir o peso de um ser desses. Gazolla lembra que, certa vez, uma mulher materializada conversava em um dialeto italiano com um dos beneméritos da obra, o empresário Antônio Piccolotto. Tratava-se de sua esposa, Amélia Piccolotto, desencarnada em 1978.

– De repente, passou na minha mente, não sei por que, quanto que deveria pesar um espírito materializado. Quando aquele pensamento passou na minha cabeça, ela parou de conversar com ele, veio na minha frente, se iluminou toda, subiu com os dois pezinhos em cima dos meus e soltou o peso. Eram 60 quilos mais ou menos. Um peso normal. Perguntei depois pro Piccolotto quanto que ela pesava. Ele disse mais ou menos 60, 70 quilos.

Algumas vezes, o ser extrafísico se encontra no ambiente querendo passar uma longa mensagem. Assim, para economizar energia e poder se comunicar por mais tempo, não se materializa totalmente, mas apenas o seu aparelho fonador. Para melhor então projetar o som de sua voz, como os antigos propagandistas de eventos, passa então a falar através de uma trombeta, no que é conhecido como fenômeno de comunicação em voz direta.

Em formato de cone de alumínio, pesando cerca de 800 gramas e medindo 60 centímetros de altura, com diâmetro de base de 15 centímetros e bocal com cerca de 5 centímetros, a trombeta é pintada com material fluorescente, para ser visualizada no escuro, e deixada junto à porta de entrada da cabine de materialização, para entrar em uso quando necessário. Sem que a entidade que a “segura” seja vista,

o objeto levita no ar – chegando às vezes a atingir o teto da sala –, e sua voz é ouvida.

Frei Luiz faz uso da trombeta, em geral para passar mensagens de cunho espiritual e sobre os andamentos dos trabalhos do grupo. Algumas vezes, de surpresa, chama pessoas conhecidas de algum membro do grupo, para participar das sessões. Pode também usar a trombeta para, de acordo com uma lista previamente apresentada pelo grupo, autorizar ou não alguém a participar de uma reunião. Essa autorização é imprescindível, já que nem todos, dependendo de suas vibrações energéticas, podem ingressar em sessões tão delicadas, para não atrapalhar o processo e causar risco aos participantes, principalmente ao médium Gilberto Arruda.

Embora o frade de Petrópolis também fale incorporado em algum médium, volta e meia aparece materializado – quase sempre acompanhado de uma vibrante fenomenologia de luzes astrais. As luzes, aliás, costumam causar forte impacto nos presentes. No ambiente escuro, durante as reuniões de materialização, podem piscar focos de luzes, que cortam o espaço do ambiente, por todos os lados e alturas. Algumas vezes, o foco é tão intenso, iluminando todo o salão, que fica difícil fitá-lo, por segundos que seja. Há também casos em que ondas de perfume invadem o ambiente, com gotas caindo nas mãos dos presentes.

Em geral, aparelhos multicoloridos desconhecidos na Terra, para tratar pacientes, inclusive pela cromoterapia, são materializados com essas entidades. Intuído por seres de luz, Rocha Lima mandou construir vergas cilíndricas de madeira de lei, pintadas com tintas fluorescentes, para tratamento de enfermos. Quando os seres espaciais usam essas varas – que são boas condutoras de ectoplasma –, surgem centelhas douradas de suas pontas.

Assim como Frei Luiz, algumas dessas entidades se materializam com fochos de luzes jorrando do seu corpo. Segundo Rocha Lima, de acordo com sua evolução nas esferas espirituais, seres vindos do astral se diferenciam pelas cores emanadas. “A hierarquia espiritual se assinala por naturais diferenças de luminosidade que traduzem níveis, expressões variadas de poder, elevação, grandeza, sabedoria e virtudes”, escreveu em *Medicina dos Espíritos*.

Essas materializações de cores fulgurantes estão relatadas em diversas reuniões catalogadas por ele, como a de 25 de agosto de 1973, em que dois tumores cancerosos foram retirados do pâncreas de sua mulher, Astéria. O presidente do Lar descreve o aparecimento de uma “luz intensa de um alvor extraordinário dentro da cabine”. Surge então Frei Luiz, “alto, esguio, um tanto curvado, vestindo seu hábito branco, fechado no meio por botões forrados e equidistantes uns dos outros, até embaixo! De seu coração jorrava uma tocha de luz alvíssima e brilhante. Toda a sua batina branca era luminosa”. De sua mão, jorrava luz branca, que dirigiu sobre Rocha Lima, o leito de Astéria e os demais presentes.

Dentro da cabine de materialização, pode também haver um grande número de fenômenos luminosos, como facho de luz multicolorida emanando do corpo do médium em transe ou de outro ponto do ambiente. Na reunião de 20 de outubro de 1972, foi vista uma luz, no formato de um disco de dez centímetros de diâmetro, tomando diversas nuances de cor: rosa, verde, amarelo. De repente, descreve Rocha Lima, “Frederick materializa-se. Abre as cortinas; sai de sua mão esquerda uma luz forte, de alvor extraordinário. Ilumina o leito onde está o médium Gilberto. Sai da cabine, imponente, todo de branco, faixa asséptica, alto e corpulento. Traz na mão esquerda duas luzes de cores diferentes, vermelho e azul, as quais, de repente, se tornam monocromáticas, clareando tudo. Aplica a luz ao longo da coluna vertebral do irmão que se acha no leito”.

O presidente ensina também que a cor e a intensidade das luzes, no tratamento médico-espiritual, têm a ver com a capacidade de cada um em recebê-las. “Uma claridade é reconfortadora ou reconstituente, um verdadeiro analéptico, ou, ao contrário, insuportável para quem não tiver capacidade fisio-psico-moral para absorvê-la”, escreveu. Segundo ele, as preces nessas reuniões aumentam a boa concentração e ajudam a estabilizar o campo eletromagnético do ambiente, aumentando a intensidade das luzes produzidas, seu fulgor, transparência e brilho.

Frederick von Stein

Assim como no início dos trabalhos do Lar de Frei Luiz, quando seres de várias procedências incorporavam em médiuns, passando mensagens em prol da caridade, do amor e da ajuda fraterna, as reuniões de materialização para a cura passaram a contar com colaboradores de diferentes esferas astrais. Para operar ou mesmo apoiar as atividades com ensinamentos diversos, a fim de fortalecer a harmonia ambiente, se materializam entidades que se apresentam como frades e padres católicos, pretos velhos, índios, budistas, hindus e árabes – como o pradahana Ahmed, que chegou a ser fotografado em 8 de fevereiro de 1969 (ver caderno de fotos). Mestre do pacifismo, o indiano Mahatma Gandhi já foi visto por alguns participantes dessas sessões, bem como Francisco de Assis.

Mas, em meio a essas experiências que demonstram o espírito ecumênico do Lar fundado por Frei Luiz e Luiz da Rocha Lima, um ser extrafísico vem se destacando, desde 1970, nos trabalhos: Frederick von Stein. No entanto, até que se decidisse colaborar, ajudando muitos na cura de doenças diversas, algumas gravíssimas, seja incorporado no médium Gilberto ou operando materializado, esse alemão desencarnado na Segunda Guerra Mundial passou por um lento e difícil processo de conscientização.

Muitos, em tom de descrença irônica, tentando desacreditar inúmeros trabalhos de cura, perguntam por que se ouve falar de tantos “espíritos de alemães” atuando no Brasil. A história contada por Frederick ajuda a trazer luz a essa questão. Com sua cultura, berço do nazismo, alguns alemães serviram em vida para fortalecer as forças do mal, da guerra, da destruição. Assim, nada mais natural que, ao desencarnar e fazer a sua expiação de culpa, tenham decidido trabalhar no Brasil e em outros locais de graves carências sociais e econômicas. Uma tarefa de aprendizado e doação em prol de sua ascensão em esferas astrais.

É o caso de Frederick von Stein.

A primeira manifestação desse espírito ocorreu em 2 de abril de 1960, em uma reunião de desobsessão, com 13 participantes, na casa

de Rocha Lima. De repente, incorporou no médium Alberto Benaion um ser falando alemão. Por sorte, entre os presentes estava Antônio Prodon, que falava alemão fluentemente e pôde entender aquele espírito perturbado que se disse chamar Frederick von Stein. Às gargalhadas, sem ter noção de que já estava morto, pois achava que continuava em sua residência em Berlim, se vangloriava de sua vida desregrada, movida a álcool e relações com várias mulheres, inclusive virgens.

Frederick era o exemplo do que ocorre com muitos que desencarnam de forma abrupta e estão extremamente ligados às coisas terrenas. Ao projetar o desejo inconsciente de continuar vivo como matéria, acabam plasmando a sua volta um cenário “real”, passando um bom tempo iludindo-se, como se continuassem na Terra.

Ao ser doutrinado para que compreendesse sua nova realidade de desencarnado, Frederick reagia, esbravejando: “Vocês têm que saber que estão falando com um nobre alemão e não com um qualquer de raça inferior”.

Em sua segunda manifestação, uma semana depois, discorreria sobre bombardeios cruéis e sobre frentes de batalha na Segunda Guerra. Fazia então o médium se levantar e, em posição militar, saudava o seu amado Hitler. Com a continuidade do trabalho de orientação, porém, começaria a gemer e a chorar, reclamando de uma forte dor no ombro direito, provocada por uma ferida que sangrava. Na terceira incorporação, em 16 de abril, revelaria que os pais e os irmãos tinham sido mortos num bombardeio de Berlim pelos aliados. Ainda remoendo em ódio, afirmava, arrogante: “Os assassinos vão pagar a bestialidade que cometeram”.

Finalmente, em sua sexta manifestação, em 28 de maio, ocorreria a sua conversão, quando pela primeira vez reconheceria que já havia desencarnado. Em meio a avanços e retrocessos, em que elogiava homens como Hitler, Goebels e Goethe – “Eles são os deuses da Alemanha, e cada país tem os seus” –, acabou caindo na realidade que tanto temia e, numa forte crise de choro, aos soluços, disse: “Oh! meu Deus!... Perdoa-me; perdoa-me, oh! meu Jesus!... Perdoa-me a minha maldade!...”

Neste instante, fez com que o médium Benaion abrisse os olhos e, pasmo, observando a sala, afirmou em alemão: “Quero ver!... Quero

ver!... Aquilo que não acreditei!... Graças a Deus, é verdade! Sou um espírito e sou livre!” Depois, ao olhar para um quadro de Frei Luiz, gemeu, meio apavorado. Sentindo forte dor na perna direita, fez o médium mancar, quase caindo. Por fim, lavou a cabeça com a água de uma vasilha e disse, firme: “Desejo sair daqui limpo!”

Mais tarde, em junho, voltaria a incorporar no médium e, constrangido por ainda não poder falar a língua do Brasil, afirmou: “Preciso aprender português, a fim de que possa narrar todas as cenas que tenho observado e passado na vida espiritual”. Em seguida, dirigindo-se para Rocha Lima, completou: “Virei narrar muitas coisas e trarei muitos presentes para você, Luiz”.

Os integrantes do grupo só voltariam a ter notícias de Frederick em 7 dezembro de 1967, quando Frei Luiz, em voz direta pela trombeta, avisou que seria necessário que o médium Gilberto se preparasse, mantendo-se calmo, porque “um irmão” que fora “um grande médico” na Terra queria trabalhar agora na espiritualidade, mas estava encontrando “uma certa dificuldade” para manifestar-se.

Era uma época em que Gilberto, então com seus 26 anos, sentia fortes dores na perna direita. Dores que já o acompanhavam há anos, sem que conseguisse identificar a origem. “Era uma dor que eu não aguentava. Tinha que levantar, doía a perna”, recorda. A partir dessa reunião de dezembro de 67, o próprio Rocha Lima também passaria a sentir dores nos músculos e tendões da perna direita. Por fim, na sessão de materialização de 15 de fevereiro de 68, a entidade que se autodenomina padre Zabeu responderia em voz direta, pela trombeta, que as dores eram provocadas pela presença de Frederick.

Gilberto lembra que, em uma reunião na casa de Rocha Lima, recebeu o espírito do médico alemão, que, já falando em português, pediu desculpas pela dor na perna que sentia. “O Frederick falou que a missão dele era comigo, e que sempre que eu sentisse aquela dor, pedia perdão, mas era uma identidade espiritual para se incorporar em mim.” Em seguida, irrompeu uma dor tão intensa, que ele desmaiou. “A dor foi tanta que cheguei a me urinar. Um negócio terrível. Aí, eu apaguei.”

Isso ocorria pela aproximação dos campos eletromagnéticos de Frederick e Gilberto, provocando no médium a assimilação das dores

que o alemão ainda sentia, preso às vibrações energéticas do seu ferimento físico antes de desencarnar.

Frederick demoraria até 17 de outubro de 1970 para começar a operar efetivamente no Lar de Frei Luiz, seja incorporado em Gilberto ou materializado, com auxílio básico do ectoplasma desse médium de efeitos físicos. Sempre mancando da perna direita, como relata Rocha Lima, jamais usou qualquer bisturi ou instrumento cortante para fazer suas cirurgias extrafísicas. Com o uso da força mental e ectoplasmática, opera basicamente por processo de desintegração atômica de tumores e de outras partes enfermas do doente.

Mais tarde, no final de 1972, Frederick começaria a dar mais detalhes sobre a sua morte em sua última encarnação na Terra, o que explicaria seu problema na perna direita. Médico pesquisador e oficial do exército alemão, havia matado muita gente. Numa noite, depois de uma dessas pesquisas macabras, se dirigia para a sua casa, com autoridades do III Reich, quando seu carro foi alvejado pela aviação aliada. O jeep em que estava capotou, e ele foi jogado dentro de um pântano com a perna direita estraçalhada. Falando em voz direta pela trombeta, ele explicou seu terrível desenlace:

– Sofri, meus irmãos, quase dois dias, jogado num pântano! Minha maleta com medicamentos estava longe, não podendo eu dar termo a meus sofrimentos, pois continha injeções de cicuta. Com uma pequena dose, eliminaria minha vida, desencarnando. Sofri três longos dias com a perna gangrenada por ferimentos a bala, no pântano.

Ao falecer, ele enfrentaria um longo e tortuoso aprendizado. Atendido por seres de luz, acabaria informado que teria que ajudar crianças carentes para se regenerar, promovendo cirurgias espirituais no Lar de Frei Luiz. Dessa forma, segundo suas palavras, teria a oportunidade de passar por uma “verdadeira escola de amor e de carinho, para que pudesse aprender técnicas que hoje aplico nas desmaterializações e materializações, processos que só poderão entender quando para aqui vierem!”.

Medicina do Futuro

Ao contrário do que em geral se faz em alguns centros de base espírita, nas operações com os médicos do espaço realizadas no Lar de Frei Luiz não há o uso de instrumentos cortantes. Normalmente, dois procedimentos são adotados: ao trabalhar incorporada no corpo do médium, a entidade usa seus dedos para pressionar e abrir a pele do paciente, retirando a parte afetada, como tumores (ver caderno de fotos). Pode haver também a desmaterialização da parte doente e a sua rematerialização nas mãos do médium ou dentro de um recipiente qualquer, como uma caixa de isopor. Participantes dessas reuniões já viram até tecidos doentes irem brotando para fora do corpo através dos poros da pele do paciente.

No fundo, a área afetada nem precisaria ser rematerializada. Médicos do espaço explicam que costumam mostrar tumores e outras partes doentes retiradas, ao invés de desmaterializá-las por completo, apenas para que a pessoa operada veja com os próprios olhos. Ao perceber que algo realmente foi tirado do seu corpo, ela “aviva a sua fé”, o que ajuda na sua cura.

Esses complexos procedimentos de desmaterialização e rematerialização, ainda desconhecidos por nós, são feitos no Lar por vários espíritos que trabalham com a medicina do espaço. Para Gazolla, a “grande razão” para a existência dessas reuniões de materialização, sempre nas manhãs de sábado, de quinze em quinze dias, é dar mais esperanças de cura aos que buscam ajuda ou mesmo um importante alívio para os que estão próximos do desencarne.

– Quando algum doente tem a percepção da realidade do espírito, tem a esperança na verdadeira vida, que é a Vida Eterna. Então, começa a suportar a sua dor – afirma. – Por isso existe a sessão de materialização. Não é para mostrar para ninguém que o espírito se materializa e traz luz. É para aqueles que vão ali, que não têm mais esperanças, serem tocados através daquelas revelações, desenvolvendo de novo a esperança perdida.

Muitas vezes, nessas sessões especiais, o ser se materializa e joga um fecho de luz na parte enferma do paciente, a partir de aparelhos astrais sofisticadíssimos que emitem cores variadas. São aparelhos que podem polarizar o raio laser ou até mesmo emitir raios superiores ao laser para fazer o corte, a restauração e a assepsia das áreas adjacentes contaminadas.

Ronaldo Gazolla lembra-se de uma experiência rara – que demonstrou que ainda não estamos preparados para adquirir certos conhecimentos do astral –, quando Frederick, materializado, surgiu segurando um foco de luz todo iluminado e lhe perguntou: “Você tem curiosidade de botar a mão numa luz dessas, saber como é isto? Vou botar essa luz na sua mão e mostrar porque ainda não posso deixar essa luz com você”.

Ao segurar na mão de Frederick, Gazolla primeiro não sentiu nada. “De repente, pela força da mente dele, aquela luz foi ao congelamento, até que eu tive que tirar a mão. Aí Frederick falou: ‘Continua segurando’. Ela foi então aquecendo, quase virando ferro em brasa. O calor que saía daquilo era tão grande que eu tive que tirar a mão”, conta o médico e médium do Lar, para questionar se alguém tem conhecimento de uma fonte de luz na Terra que esfria feito gelo e, em seguida, es quente como brasa?

Já no século 19, o escritor Arthur Conan Doyle, criador do personagem Sherlock Holmes, descreve em seu livro *História do Espiritismo* (Editora Pensamento) a experiência de ser tocado, em uma sessão espiritual, por material com luz astral que irradiava frio. Paulo Ruy Portella lembra-se de uma reunião no Lar de Frei Luiz, no início dos anos 70, em que tocou em um pano todo iluminado colocado em um leito por Frederick materializado. “Tinha a consistência de pano, mas a temperatura era a de uma pedra de gelo.”

Numa reunião registrada por Rocha Lima, de 7 de junho de 1971, é descrita a materialização de uma entidade alta e corpulenta, que disse se chamar Raman e passaria a cuidar dos enfermos com “um aparelho de uns 35 cm de comprimento e uns 25 cm de diâmetro, forma esferoidal, girando, oscilando, com duas luzes dentro, amarelo e alaranjado, tendo na extremidade inferior uma saliência de onde saíam jatos de luz dourada. O aparelho vibra sobre o recinto. Ondas

de perfume invadem a sala. Às vezes, o aparelho apresenta, na parte superior, um círculo que gira velozmente. Tem ranhuras ou grades longas e grossas, e nos intervalos destas, grades mais finas, paralelas. Em seu interior, há como um gás amarelo alaranjado, e tem embaixo um apêndice, como uma teta, por onde jorra luz verde carmesim. É um aparelho para novas técnicas de cura, da alta espiritualidade”.

Esses aparelhos polarizadores são utilizados para tratamentos diversos. Seres extrafísicos explicam que a luz branca é usada para aliviar dores, acalmar, neutralizar miasmas. A vermelha filtra as células positivas, sadias, anulando as negativas, cancerosas. A de cor verde, atenuando-se até o branco, é usada para eliminar coágulos, evitar trombozes. A amarela, vibrando para o alaranjado, é muito utilizada para se exterminarem os miasmas, as cargas negativas do perispírito da pessoa em tratamento.

As operações espirituais realizadas no Lar de Frei Luiz têm pontos em comum com as que são descritas no livro *Mistérios e Magias do Tibete* (Editora Freitas Bastos), em que o autor, Chiang Sing, fala de um “impressionante método de cura” dos médicos-lamas do Templo de Chakpori, ou Montanha de Ferro. Sem qualquer instrumento cirúrgico, usando apenas as pontas dos dedos, “de onde saem raios verdes, semelhantes aos raios laser”, esses lamas “com a maior facilidade removem tumores, vesículas com pedras, ovários e úteros doentes, úlceras de estômago, cataratas, etc.”. O autor descreve o método dessa “cirurgia psíquica” da seguinte forma:

– Primeiro colocam as mãos sobre a região doente. Com o dedo polegar direito, fazem um risco sobre a pele, como se estivessem usando um bisturi. A pele se abre sem que o paciente sinta nenhuma dor. Com as duas mãos, os médicos-lamas espremem a região aberta, e o órgão doente vai saindo aos poucos. Em seguida, colocam o órgão operado num vidro com álcool. Fecham a ferida com as mãos e tornam a passar o dedo polegar direito sobre a mesma. As bordas da pele se unem como se tivessem sido costuradas. Resta, apenas, uma cicatriz esbranquiçada, que desaparece após alguns dias. Os doentes saem da mesa de operação andando normalmente, contentes e felizes, levando para casa o vidro com o órgão retirado, para mostrá-lo a parentes e amigos.

Segundo o autor, os tibetanos afirmam que, com sua concentração mental e física, são produzidas ondas de energia. “É da intensidade desta energia e da direção que lhe é dada que depende a produção dos fenômenos psíquicos. Os lamas, imóveis e silenciosos como se mantêm, fazem com que o trabalho do espírito engendre uma ‘energia’ que se espalha ao redor daquele que a produz, e esta energia é sentida de maneiras diversas por aqueles que entram em contato com ela.”

Seres astrais que atuam no Lar de Frei Luiz explicam que, nessas operações espirituais, seja com o médium incorporando algum desencarnado ou com a entidade materializada, é usado um processo de desintegração atômica das células doentes e a imediata reintegração de células sadias na área afetada. Essas células sadias são trabalhadas pelo ectoplasma doado pelos médiuns e retirado da natureza.

Em alguns casos, a temperatura da parte doente retirada sofre um grande resfriamento. Como explicam Lauro Neiva e Luiz da Rocha Lima em *Forças do Espírito*, os químicos e físicos do espaço precisam produzir o resfriamento das células doentes para obter uma “grande coesão” e evitar que elas sejam disseminadas “no dragado que percorrem através dos tecidos”.

São operações que envolvem uma grande produção de ectoplasma. Em dezembro de 1972, o médico Joaquim Vicente de Almeida acompanhou os preparativos para a intervenção de Frederick para extrair um tumor maligno do endométrio uterino de sua mulher, Dilta de Moraes Almeida.

Com finalidade de estudo, na antevéspera da sessão ele foi convidado pelas entidades a ir na cabine de materialização para observar “a quantidade de ectoplasma puro que ali estava sendo acumulada”. Foi-lhe recomendado que entrasse com a respiração suspensa, para não contaminar aquele ectoplasma. “Assim, pudemos observar grande quantidade de ectoplasma estocado dentro da cabine, como fora flocos de algodão fosforescente, formando um bloco de aproximadamente 50 cm³”, relatou o médico.

No dia da operação, acompanhado por Rocha Lima, voltou à cabine. Lá dentro, para seu espanto, pôde observar o médium Gilberto Arruda já em transe, preparado para a intervenção. Joaquim conta ter

visto “todo o seu abdômen transformado em substância transparente e iluminada, de uma cor rosa que deixava perceber os órgãos internos em funcionamento”. Das mãos do médium começou então a se materializar algodão cirúrgico para ser usado na operação.

Depois, Frederick, incorporado no médium, pediu para Joaquim ajudá-lo na cirurgia, para que aquela experiência pudesse aumentar a sua fé. Assim que a entidade fizesse a incisão, utilizando-se apenas dos dedos do médium, daria a ponta do tumor para que ele o puxasse lentamente da cavidade abdominal da mulher. O médium manteria suas mãos na cavidade durante todo o ato cirúrgico, para que delas emanassem os fluidos ectoplasmáticos necessários para a rematerialização do que fora desmaterializado nas profundezas abdominais. A seguir, o relato de Joaquim publicado no livro *Medicina dos Espíritos*, que traz fotografias dessa operação mediúnic:

– Meus irmãos, não sei como transmitir, como expressar a emoção de que fui tomado durante o ato cirúrgico! Não encontro palavras que a definam, só sei que sentia as minhas mãos banhadas em sangue; sentia a cavidade abdominal aberta e os meus dedos lá dentro, conforme as fotografias feitas no ato. Sentia o tumor saindo, lentamente, à medida que eu o tracionava para fora, até que desprendeu-se totalmente e soltou-se em minhas mãos. Então, passei-o às mãos da entidade, que o colocou no vidro, antes preparado, e, em seguida, foi nele colocado formol. Findo o ato, a entidade despejou álcool abundantemente em minhas mãos, para que eu as lavasse, ficando assim sem perigo de contágio.

Dilta ficou curada do câncer.

Para que as operações do gênero se realizem, segundo os ensinamentos de entidades de luz, deve haver uma troca muito grande de energia, com o uso de forças poderosíssimas, independentes do campo gravitacional, que possibilita a transformação de matéria em energia – e vice-versa. Muitas vezes, nem é necessário, como nos casos de tumor maligno, que se troquem todas as células afetadas. “Basta, apenas, que se empreguem células sadias nesse tumor, a fim de que elas, por um fenômeno conhecido pelos médicos terrenos, destruam as células doentes”, escrevem Lauro e Rocha Lima em *Forças do Espírito*.

Não se está falando de milagre. Afinal, essas células também podem ser rejeitadas, provocando a volta da doença, em geral por causa dos pensamentos negativos do próprio paciente. Quem lida com ensinamentos de seres extrafísicos sabe que as doenças do corpo material se originam, primeiro, em seu perispírito ou corpo astral – que pode ser definido, superficialmente, como a “matéria” astral que envolve, como uma fôrma, o nosso corpo físico. É como se fosse a nossa segunda pele, que faz a ponte entre a nossa vida de ser encarnado na Terra e as dimensões astrais. Como o perispírito está ligado ao pensamento, o próprio paciente pode destruir a sua cura ao projetar ondas negativas. “É necessário que haja fé, a fim de que o seu perispírito possa ter uma correspondência direta sobre essas células”, afirmam Lauro e Rocha Lima.

Ou seja: antes de tudo, o doente precisa acreditar em sua cura. Seu pensamento precisa ser positivo para que a saúde possa ser alcançada. Isto se não houver nenhuma marca cármica irremovível em seu perispírito.

O carma é a soma de defeitos e qualidades que vamos somando ao longo de nossas sucessivas encarnações na Terra. Como demonstra a boa ciência produzida a partir da práxis, em várias partes do mundo, de conscienciosos terapeutas de vidas passadas, acumulamos carma negativo na medida em que vamos nos envolvendo em ações nefastas em nossa jornada universal – como matar alguém, incentivar a pobreza e o desequilíbrio entre as pessoas ou mesmo morrer violentamente, em um acidente ou vítima de suicídio ou do vício do álcool e outras drogas. Essas experiências negativas “marcam” o nosso perispírito, que sobrevive ao momento da morte e nos acompanha na encarnação seguinte.

Somos então sérios candidatos a contrair doenças, algumas terminais, se não procurarmos nos reequilibrar, praticando suficientemente o bem em nossas vidas. Precisamos assim combater pensamentos e atitudes negativas contra os outros e nós próprios, que geram desarmonia social e desequilíbrios energéticos, como o egoísmo, a vaidade exacerbada, o ódio descontrolado, o vício em drogas, o consumismo desvairado, o apego excessivo aos bens materiais.

Segundo Frederick, na reunião de materializações e curas de 12 de novembro de 1983, em que várias pessoas receberam tratamentos

diversos, nós possuímos um mapa perispiritual que assinala os pontos nos quais ocorrerá o desequilíbrio celular em determinada idade marcada para a manifestação do carma, seja através de um câncer ou de outra patologia qualquer.

Ainda existem, porém, inúmeras questões a serem respondidas sobre o assunto. Uma delas é o porquê de algumas pessoas perversas, que só fazem o mal aos outros, poderem passar pela vida praticamente incólumes, sem registrar qualquer doença mais grave. Talvez uma resposta seja a solidão e o sentimento de rejeição que elas possam sentir ao envelhecer – em meio a um relacionamento familiar e social em que vivem atormentadas, sem saber se são queridas ou bajuladas, por causa de dinheiro, poder ou algum tipo de conveniência. Afinal, a doença psíquica – em qualquer grau que ocorra – é também uma forma de aprendizado, para que tentemos queimar nossos carmas, dissolvendo, com atitudes e pensamentos construtivos, os bloqueios de energias que formam as marcas perispirituais.

Pode também haver os casos dos chamados seres de luz – que já aprenderam o suficiente em outras vidas e, em princípio, não teriam a menor necessidade de reencarnar. Mas acabam voltando para, em missão de resgate, de esclarecimento, servir para levar uma grande lição a alguém, a um grupo familiar ou social. Há canalizações de entidades que explicam serem esses os casos de alguns bebês ou crianças que, para profunda tristeza dos pais, acabam desencarnando na mais tenra idade.

A verdade, porém, é que cada um tem a sua missão e aprendizado no planeta, e seria prepotente ficarmos tentando especular sobre vários mistérios do universo – sobretudo sabendo que uma vida representa apenas uma ínfima parcela da trajetória de aprendizado terreno.

No entanto, independentemente das respostas para esses e outros casos, o importante a ressaltar é que, a partir de nossas ações e ensinamentos que recebemos durante a vida material, essa matriz de desorganização celular pode ou não eclodir, provocando ou não algum tipo de enfermidade mais grave. E mesmo que a doença se instale, mais uma vez nossas ações privadas e sociais – ou seja, o nosso merecimento – é que determinarão o seu potencial de cura – seja pela medicina espiritual ou material.

Muitas vezes, o resgate desse carma negativo se dá pelas atitudes que tomamos, os ensinamentos e sensibilidade que adquirimos a partir do nosso próprio sofrimento, ao passarmos por uma doença ou mesmo pela dor diante da perda de um ente querido. Por mais dificuldades que tenhamos para compreender isso – é duro mesmo nos conscientizar disso quando pensamos nos familiares e amigos queridos que já se foram –, Rocha Lima ensinava que “a dor nos liberta da dor, ela nos conduz à felicidade, à melhor compreensão das coisas, afasta de todos nós a cegueira espiritual do orgulho e da vaidade”.

Como assinala Gazolla, “o carma negativo não é tão inexorável. Pela sua própria vontade, sua transformação, você pode encurtar o seu carma”, resgatando-o e colocando-se “em condições de ser curado pelos espíritos”. Mas, enfatiza, as pessoas precisam entender que precisam criar condições para ser curadas.

– Antes de a gente querer a cura do corpo, devemos almejar a cura do espírito. Se você curar o corpo e não curar o espírito, vai voltar esta doença ou outro tipo de doença, mais cedo ou mais tarde, porque continua com a fonte vibrando e produzindo a doença.

Médico renomado que chegou a um dos postos mais altos da carreira, o de secretário de Saúde do Município do Rio de Janeiro, Gazolla obviamente não era contra o uso dos recursos da medicina que conhecemos. Mas sabia que, em alguns casos, a prática médica ainda não evoluiu tecnicamente o suficiente para curar pessoas que, ao resgatar seu carma negativo, já teriam condições de se ver livres de determinadas doenças. Nesses casos, ensinava ele, as chamadas operações espirituais são fundamentais.

Muitas vezes, inclusive, essas cirurgias são feitas com sucesso em pessoas que sequer contraíram determinada doença em seu corpo material. Ou seja: a parte doente só está localizada, naquele momento, em seu perispírito. Uma radiografia, por exemplo, não revelaria nada, pois não poderia detectar a concentração excessiva de energia na matéria, que fará irromper mais tarde a doença física.

– Quando o indivíduo cria determinadas condições de ser curado no espírito, e sem ter ainda na matéria a doença, a entidade vem e opera. Pode então sair um tumor que, na realidade, ainda não existia

na matéria, mas estava no perispírito. Então, é tirada aquela vibração do perispírito, e aquilo sai mesmo através da pele. Sai e se materializa como um tumor de fígado ou de estômago. Mas, se você tivesse feito a radiografia antes, você não ia ver nem tumor de fígado nem de estômago, porque a doença não teria eclodido ainda – ensina o médico.

É por causa da não cura do perispírito, como lembra Gazolla, que alguns médiuns, tocados pela vaidade, pelo ego inflado além da conta, começam a virar “falsos profetas”. Em outras palavras, se arvoram de poderes para curar doenças que ainda não podem ser tratadas, já que o carma da pessoa não permite.

Essa ligação do perispírito com as doenças do corpo físico é melhor esclarecida no relato do médico Joaquim sobre uma operação realizada por Frederick, incorporado no corpo do médium Gilberto, em 13 de junho de 1978, para a extração de um tumor no estômago do paciente Amaurity Cerqueira.

Em meio à intervenção, a entidade explicou a Joaquim que “uma equipe médica espiritual” estava ali para, em conjunto, promover “uma cirurgia idêntica no perispírito do paciente, o que é importante e principal, porque lá está a matriz, e o soma é o reflexo desta matriz”. O médico do espaço explicou ainda que o produto da operação poderia ser desmaterializado, mas que não o fazia “devido à necessidade da mente do paciente encontrar motivos para vibrar na cura, porque a dúvida anularia a cirurgia espiritual, tal é o poder mental, caso o paciente, não encontrando um motivo justo, continuasse a vibrar na doença”.

Em seguida, pediu que Joaquim acompanhasse a extração do tumor, ajudando-o a puxá-lo para fora, a partir de um corte feito pelos dedos de Gilberto. “Eu, com o ectoplasma expelido pela mão do médium, desintegro, por um processo semelhante ao nuclear, sem produzir calor e sim, um leve resfriamento, toda a linha de corte, ficando feita a incisão que neste instante vocês já passam a ver”.

Frederick sustentou então que teria facilidade de retirar a parte doente do estômago porque a equipe de médicos do espaço – invisível para os presentes – o havia delimitado e cortado no perispírito, matriz que “dá forma ao corpo material que contém este aglomerado de células”. Feita a incisão, Joaquim começou a puxar o tecido orgânico

que ia surgindo. Ao pedir que o médico terrestre puxasse lentamente o tecido, Frederick foi explicando que o material havia sido desintegrado espiritualmente no perispírito e, portanto, “também no corpo somático”. Segundo o ser do astral, ele fazia a sua rematerialização na medida em que o tecido saía do corpo e se aproximava da incisão feita na pele do paciente.

Depois, Frederick pediu que Joaquim prestasse atenção em como ele faria a cicatrização do corte, “sem deixar vestígios”, passando o dedo sobre a incisão e reintegrando, pelo mesmo processo, todas as células da região cortada. “Emitirei, através do médium, um tipo de ectoplasma controlado pelo poder mental, pela minha vontade, e farei, de imediato, a cicatrização, ou seja, a recomposição celular desse corte.” Joaquim viu então o médium Gilberto passando “o dedo indicador no sentido longitudinal do corte, e a cicatrização ia se procedendo como se fechássemos um fecho éclair”.

Como em outras inúmeras operações, o tumor foi posto num vidro com formol e lacrado, podendo ser encontrado nos arquivos do chamado Santuário de Frei Luiz.

Enxerto Celular

O relato de outra intervenção cirúrgica realizada por Frederick, incorporado no médium Gilberto, em 17 de outubro de 1981, esclarece um pouco mais essas operações e ajuda a responder por que, em geral, não ocorre um grande extravasamento de sangue nesses casos. O empresário Antônio Piccolotto necessitava de uma cirurgia de risco do coração. Sete médicos estavam presentes, dentre eles Gazolla, José Carlos Martins, José Marcos de Oliveira e Paulo Cesar Frutuoso. Diagnóstico médico: o paciente apresentava um quadro grave de obstrução parcial do segmento aórtico ascendente.

Numa intervenção normal – com a substituição de fragmento de tecido cardíaco por produto sintético, com riscos de rejeição –, pelos conhecimentos da época, a cirurgia levaria de quatro a seis horas, com um pós-operatório de 15 dias. No entanto, a operação transcendental, que foi fotografada, durou aproximadamente oito minutos.

Sem qualquer anestesia, usando apenas seus dedos, o mecânico de carros Gilberto, incorporando Frederick, retirou um fragmento de tecido cardíaco do peito de Piccolotto. O ser astral informou então aos médicos que a peça era composta de parte da parede cardíaca, mais precisamente do ventrículo esquerdo, com segmento aórtico calcificado. Questionado pelos atônitos presentes como havia feito a substituição de todo aquele tecido anormal retirado do coração do empresário, ele respondeu:

– Substituímos aquela peça por uma prótese plasmática, confeccionada com ectoplasma, exatamente igual à que foi retirada. Com o decorrer do tempo, esta prótese adotará as mesmas características do tecido orgânico normal. Um dia, lhe explicarei como fazemos isto. Houve um sangramento excessivo devido a problemas com a coagulação sanguínea do irmão, mas tudo foi contornado e tudo está bem.

Em duas outras reuniões posteriores, Frederick tentaria explicar melhor para os médicos as técnicas ectoplasmáticas utilizadas na operação do coração de Piccolotto. O cirurgião e cancerologista Paulo Cesar lhe fez várias perguntas, pois não entendia, por exemplo, por que os

orifícios e cavidades do segmento aórtico, contidos na peça cirúrgica extraída do paciente, apresentavam diâmetros menores do que seria de se esperar. Frederick respondeu:

– A base dessas operações é o ectoplasma. Na realidade, o que ocorreu foi um envolvimento com ectoplasma da parte a ser removida, desmaterialização desta no interior do tórax, rematerializando-se fora do corpo do irmão. Sempre que isto ocorre, normalmente, há uma retração do material orgânico, sendo que, naquela ocasião, esta retração foi bem mais acentuada devido à luz do flash, que queimou grande parte do ectoplasma. É muito difícil a rematerialização de tais peças cirúrgicas exatamente como elas eram antes da desmaterialização, com todas as suas dimensões, calibres, etc. Nós, na verdade, não precisamos abrir os tecidos para atingir o órgão a ser operado, como as fotos mostram, nem seria necessário todo aquele sangramento que você mesmo viu. Se assim o fizemos, é para que fique patenteada a realidade do fenômeno, como prova para os que não creem, porém tais intervenções só são possíveis à base de grande sacrifício.

Paulo Cesar queria mais. A peça cirúrgica havia sido enviada para ser analisada pelo hospital da Uerj (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), e o laudo anatomopatológico havia apontado a presença de tecidos originários do pulmão (parênquima pulmonar e segmentos brônquicos) naquela peça de cirurgia cardíaca, o que parecia não ter lógica. Frederick respondeu:

– Quando nos referimos à desmaterialização e rematerialização de tecidos orgânicos ou outro corpo qualquer, estamos falando em desintegração e reintegração atômica. Como a gama de energia envolvida no processo é grande, não conseguimos, por vezes, atingir exatamente os limites exatos das peças a serem removidas. Quando estes limites, previamente traçados, são ultrapassados pelo campo energético formado pela desintegração atômica, fragmentos de tecidos e órgãos vizinhos à zona operada são “arrastados”, também, na desmaterialização. Daí explica-se a presença de fragmentos de parênquima pulmonar e brônquicos nas peças. Se estas fossem totalmente retalhadas e examinadas, outros tecidos aí também seriam encontrados, como fragmentos de pleura. Leve-se em conta, também, a interpenetração dos tecidos entre si no processo de rematerialização, o que aumenta ainda mais as

modificações macro e microscópicas das peças. Mas, o importante, como já dissemos, é que as áreas cardiovasculares enfermas foram removidas e substituídas.

Em outra sessão mediúnica, em 18 de novembro de 1981, o cirurgião Paulo Cesar tinha mais uma indagação a fazer. Sua curiosidade acabaria jogando luz sobre um mistério que cerca essas operações: por que, em geral, são realizadas sem que quase não ocorra sangramento? “Gostaríamos que nos fosse explicado como tais intervenções são possíveis sem que haja grave hemorragia, dado a enorme quantidade de sangue que circula pelas áreas abrangidas pela cirurgia”, assinalou o médico. Frederick respondeu:

– A severa hemorragia a que você se refere ocorreria se a prótese fosse colocada após a retirada do fragmento cardiovascular enfermo. A extrema plasticidade do ectoplasma semimaterializado, porém, permite que confeccionemos a prótese, moldando-a sobre a parte doente antes da sua extirpação. À medida que o tecido orgânico vai se desmaterializando, a prótese ectoplasmática pré-moldada vai passando do estado de semimaterialização para o de total materialização, ocupando, ao final do processo, o exato lugar da peça removida, a qual é, então, expelida do corpo do irmão. Como todo o processo dura frações de segundos, o sangramento é mínimo. Se durante o ato, no entanto, houver uma quebra de corrente mental, a substituição poderá não se completar, por desvio ou contaminação do ectoplasma, impedindo que este atinja o estado de total materialização, advindo então uma hemorragia abundante que poderá levar à desencarnação do irmão no leito. Estes processos, tão cedo, não poderão ser utilizados pelos médicos terrenos – explicou, continuando:

– Com relação à prótese ectoplasmática, convém observar que esta precisa ser trabalhada para que adquira características semelhantes às do irmão receptor, evitando assim a rejeição após a sua completa materialização. Portanto, devem ser observados os tipos histológico e sanguíneo, o grau de temperatura e padrão vibratório da peça, entre outras variantes a serem harmonizadas com o organismo. Podemos comparar o fenômeno a uma incorporação mediúnica. Nesta, a entidade espiritual se harmoniza com o médium; naquela, a prótese se harmoniza com o órgão receptor.

Muito ainda há por pesquisar para se compreender melhor o emprego dessa técnica revolucionária, capaz de ser utilizada em casos de doenças graves em que a ciência oficial, por enquanto, não se encontra preparada para atuar. É interessante notar, porém, que embora o discurso dos pretensos papas do saber renegue violentamente as chamadas operações espirituais, pesquisadores de ponta caminhavam, desde o final do século 20, na mesma direção do emprego dessas próteses ectoplasmáticas. Em 1996, nos Estados Unidos, começaram as primeiras experiências da chamada engenharia de tecidos.

Embora houvesse muito chão para percorrer, qual não era a expectativa de cientistas que trabalhavam em importantes organismos como o MIT (Massachusetts Institute of Technology)? Exatamente o desenvolvimento de pedaços e até de órgãos inteiros dentro do corpo de uma pessoa doente, a partir do uso, dentro de próteses biodegradáveis, de uma cultura de suas próprias células, retiradas do pequeno pedaço do tecido que se deseja reconstruir – até alterando-as geneticamente, se necessário.

Moldadas na forma do órgão que se queira reproduzir, com o auxílio de computadores que “imprimem” o material degradável em três dimensões, essas próteses seriam absorvidas pelo corpo do paciente na medida em que as células saudáveis, alimentadas pelo próprio organismo receptor, fossem se reproduzindo e ocupando o seu espaço. Uma das vantagens dessa técnica, segundo a avaliação dos estudiosos, era evitar a rejeição do novo órgão, constituído com células do próprio paciente. O objetivo seria o de substituir o uso de próteses artificiais, dando um alívio para os doentes que vivem em cruéis e intermináveis filas de espera de órgãos para transplantes.

Na virada do século, a expectativa desses estudiosos era a de que, em uma década, poderiam estar iniciando em humanos os testes de reposição, por exemplo, de fígados inteiros. No final do século 20, já estavam sendo reconstituídos peles, cartilagens e pedaços de ossos. Depois, viriam a troca de estruturas mais complexas, como vísceras, glândulas e até a reconstrução de válvulas cardíacas e vasos sanguíneos. Num futuro ainda incerto, qualquer parte doente do organismo poderia, teoricamente, ser reconstituída.

Ficção científica? Coisas do sobrenatural? Não, nesses casos o “cientista” arrogante estufa o peito e afirma, com toda a convicção: “Nada disso, trata-se de mais um passo revolucionário da ciência”.

Gente assim não toma conhecimento – ou não acredita – que comunicações de seres extrafísicos dão conta de que a humanidade acompanha, sempre com atraso e dentro das limitações inerentes à matéria física, o desenvolvimento de técnicas há muito usadas em outras dimensões. Neste sentido, os nossos sábios e artistas, quando pensam num caminho a seguir, num trabalho a fazer, numa obra a realizar, estariam na verdade se guiando por intuições passadas por mentores desencarnados.

Falso ou verdadeiro? Volta e meia se têm notícias de avanços da ciência médica que mais parecem imitação do que já é empregado nesses moderníssimos laboratórios de curas espirituais. E não é só o caso da engenharia de tecidos. Em 1995, por exemplo, foi anunciado o início do emprego de um equipamento, à base de raios gama, que permite cirurgias cerebrais sem que o crânio seja aberto. Colocado na cabeça do paciente, um capacete, com fontes fixas de cobalto de alta precisão, convergiria raios para um único ponto do cérebro – sendo indicado para tratar casos de tumores profundos e anormalidades vasculares cerebrais. O paciente poderia estar apto a voltar para casa no mesmo dia.

Alguma semelhança com aparelhos utilizados por médicos do espaço que se materializam no Lar de Frei Luiz?

Outro exemplo? Há muitos anos que no Lar, para combater males do cérebro, como derrames, as entidades de luz fazem enxertos de células nervosas doadas por médiuns, que são retiradas e colocadas no doente pelo processo de desmaterialização e materialização. No final dos anos 1990, começaram a ser anunciados nos Estados Unidos os primeiros resultados, ainda sujeitos a acompanhamento posterior, de três pacientes que sofreram derrame e tiveram uma grande melhora em sua capacidade de falar e de se movimentar, após receberem o transplante de neurônios multiplicados em laboratório.

No entanto, mesmo com as evidências de inúmeros casos de cura por operações efetuadas por entidades desencarnadas, o preconceito

persiste, atrasando o progresso da humanidade. Representantes da ciência oficial e pessoas de todas as procedências, bem-intencionadas ou não, insistem em afirmar que isso tudo não existe – sendo produto de imaginações férteis ou mesmo de picaretagem explícita.

Quando muito, afirmam que a ciência ainda não está preparada para explicar casos de cura que, certamente, têm a ver com a disposição emocional de uma pessoa para ficar boa – ou seja, com o campo da imunologia e da biologia molecular. Sem saber, porém, estão chegando perto das respostas, pois falam com acerto da condição básica para que uma intervenção do gênero seja bem-sucedida: a confiança em seu sucesso.

O psiquiatra Lauro Neiva, que sofreu ataques de todos os lados por causa de sua profissão de fé no poder curador das entidades desencarnadas, costumava achar graça dessa visão reducionista. Mas, às vezes, se irritava diante de tanta irracionalidade. Também normalmente avesso a esse tipo de discussão, por entender que o pesquisador sério já tinha a seu dispor várias experiências que comprovavam as verdades do seu trabalho, Rocha Lima tocou no assunto, em *Medicina dos Espíritos*:

– Certos incrédulos renitentes explicam estes prodígios pela autossugestão. É possível em alguns casos, mas a autossugestão não explica a cura em recém-nascidos, meninos jovens e doentes, cuidados pelas preces de seu próximo. Nós gostaríamos que estes “espíritos fortes” nos explicassem como a autossugestão pode provocar a reconstituição de tecidos gangrenados ou cancerosos, a cicatrização de chagas extensas, a redução de fraturas ou de hérnias, a correção de deformações ósseas ou a restituição da audição ou da visão. Sabemos que a autossugestão é simplesmente FÉ verdadeira que transporta montanhas, e, assim, não inutiliza a intervenção extranormal, mas sim, ela própria constitui uma das molas ocultas, energia essencial da terapêutica hermética.

Cura Integral

Contam-se aos milhares os pacientes já tratados no Lar de Frei Luiz, seja por simples passes magnéticos ou operações mais radicais, por seres materializados ou incorporados em médiuns. Um trabalho de cura que vem despertando a curiosidade de pessoas do país inteiro e de várias partes do mundo, algumas de renome.

Principalmente na mídia brasileira, o Lar começou a ganhar destaque no início dos anos 1990, depois que o ator da Rede Globo Carlos Vereza recebeu ali tratamento espiritual e, curado, se transformou em um de seus mais destacados colaboradores. Em “estado de depressão profunda” e com “parte do corpo paralisada”, após dois anos e meio “indo de clínica em clínica, sem resultado”, o ator entrou no lar “andando de muletas”. Com a saúde restabelecida e entrando em contato com essa importante obra social e espiritual, acabou ficando.

Sua fama contribuiu para engrossar o número de frequentadores. Políticos, pesquisadores e cientistas, artistas, freiras e até bispos da Igreja, jornalistas, gente anônima – de tudo um pouco já andou pelo Lar de Frei Luiz, para tratamento ou simplesmente para conhecer de perto a obra que muitos computam como milagrosa.

Em uma de suas vindas ao Brasil, em 1994, para o lançamento do seu livro *A Mente Holotrópica* (Editora Rocco), o psicoterapeuta tcheco Stanislav Grof não deixou de colocar no seu roteiro o Lar de Frei Luiz. Radicado nos EUA, ele se tornou um dos maiores estudiosos do mundo dos chamados fenômenos transcendentais, sendo um dos pioneiros da psicologia transpessoal, com um trabalho voltado particularmente para a pesquisa dos distúrbios psíquicos provocados pelo trauma de diferentes formas de nascimento.

Casos como o de sua visita são constantes. Volta e meia, a obra é também tema de reportagens em revistas, jornais e televisão. E não é de agora. Em novembro de 1976, quando quase não se falava do Lar, nem mesmo aqui no Brasil, o conde italiano Lelio Galateri, de Gênova, foi tema de reportagens nos jornais italianos *Corriere Mercantile*, *Lá Stampa* e *Stampa Sera*. Operado em agosto de um tumor maligno no intestino

grosso, no Lar de Frei Luiz, ele enviou o material retirado para análise na Itália. Constatou-se então que era realmente um tumor canceroso.

– Não se trata de magia negra nem de bruxaria, mas somente fruto da incrível energia inata do nosso corpo – declarou o conde ao *Corriere Mercantile*, continuando: – Na minha opinião, quem dirigia e presidia em sucessiva sequência as operações era como um exímio operador de posse de um laser de energias vibratórias, fornecidas pelos presentes.

– Dois “médicos do espaço” – afirmou ao *Stampa Sera*, de Turim – assim são denominados por terem contato com entidades médicas, em uma espécie de sala operatória, improvisada no santuário – cortam ventres, extirpam tumores e defeitos de articulação, usando somente as mãos. Não deixam cicatrizes e nenhum paciente sente nenhuma dor.

No entanto, em meio à badalação, os médiuns sérios que atuam no Lar de Frei Luiz sabem muito bem que não existem milagres. A cura depende não só da vontade, da fé interior, mas principalmente da história cármica de cada um. No Lar, há casos de pessoas que chegam com câncer terminal e acabam curadas. Outras estão no início da doença e morrem. Não há ainda registro da cura de casos de Aids.

Em 1994, com as artérias do corpo obstruídas e um tumor maligno na bexiga, o maestro e compositor Tom Jobim procurou, em duas sessões, apoio espiritual no Lar de Frei Luiz. Não conseguiu ficar curado e, logo depois, em 8 de dezembro, após ser operado do câncer no prestigiado hospital Mount Sinai, em Nova York, teve complicações devido ao comprometimento do seu sistema circulatório, vindo a falecer de uma parada cardíaca. Teria sobrevivido se continuasse o tratamento no Lar? Nada pode ser garantido. Provavelmente, morreria do mesmo jeito, pois sua hora havia chegado.

Na verdade, não há estatísticas sobre o alcance de cura nas milhares e milhares de pessoas que já passaram pelo Lar de Frei Luiz para tratamentos diversos, seja de doenças graves ou não. Em *Forças do Espírito*, Lauro Neiva e Rocha Lima fazem mesmo um balanço positivo dessas intervenções:

– É preciso saber, logo de início, que não somos nós, os irmãos do grupo, que determinamos as operações espirituais. Nós, quando nos certificamos da inoperabilidade ou inviabilidade de algo “desenganado”

ou “impossível”, apelamos para os espíritos. A resposta, quase sempre, é satisfatória. Às vezes, contudo, é a franqueza inapelável: Não há mais condições... Ajudaremos, com a graça do Pai, esse irmão a desencarnar... Ele não ficará cego, sem apoio, em densas trevas... Ele virá para um lugar melhor!

No entanto, para o clínico geral Joaquim de Almeida – que acabaria se tornando um dos maiores colaboradores do Lar após a sua conversão ao espiritismo, no final dos anos 1960 –, casos mesmo de cura são minoria. Em geral, pode haver uma melhora inicial, mas depois a doença volta a se manifestar. “A cura é rara”, sustenta. “Na minha concepção, a cura do indivíduo nem Cristo pode fazer se não houver uma cooperação.” O médico justifica sua análise afirmando que os pensamentos e ações positivas que visam a “amenizar o carma”, para possibilitar a cura total, são muitos difíceis de serem alcançados pela maioria dos pacientes.

– Você diz “eu perdoou”, mas não perdoou, porque no fundo nós trazemos ainda nossa vida animalesca, em que forças terríveis ainda estão dentro de cada um. Uma coisa é você saber, outra coisa é você ser. Isso é que é difícil. Quando você quer ser, essas forças que existem dentro da nossa consciência, do nosso inconsciente, saem para o subconsciente e bagunçam tudo. Quando você quer sair, direcionar sua vida para uma moral dentro do Evangelho, aí vêm pensamentos opostos àquilo que você quer seguir, de ódio, de vingança. É uma luta, e isso influi na cura. É difícil fazer o doente entender isso. Mas a cura mesmo é rara devido a isso. Senão, qualquer um de nós podia curar, só pondo a mão e desejando profundamente. Às vezes, a pessoa logo que sai ali do portão do Frei Luiz já está com pensamentos negativos.

Joaquim conhece muito bem os efeitos da chamada lei do carma. Em 25 de novembro de 1970, ele e a mulher Dilta perderiam um de seus três filhos, Luizinho, aos oito anos de idade, de câncer. Depois de um doloroso tratamento de três meses no hospital, em que finalmente, em uma terceira operação, os médicos conseguiram retirar um agressivo tumor em seu rim direito – que já atingia toda a sua metade superior e se infiltrava por baixo da aorta abdominal em direção ao órgão esquerdo –, Luizinho acabaria indo parar no Lar de Frei Luiz, para a continuidade do seu tratamento.

Após conhecer o médico José Roux Leite, que frequentava o Lar e lhe falou sobre reuniões de materialização de espíritos visando à cura, Joaquim acabou ligando para Rocha Lima em busca de auxílio. Do outro lado da linha, ouviu “uma voz compreensiva e meiga” que parecia já aguardar o seu telefonema: “Irmão, traga essa criança na próxima quinta-feira. Venha você e sua esposa. Não coma carne, não fume, não pratique sexo setenta e duas horas antes da reunião, leia páginas espirituais, prepare-se meu filho!”

O pai angustiado ainda não tinha tomado consciência, mas todo aquele processo doloroso de doença e a posterior morte do filho o colocaria em uma nova rota de vida. Apesar de ser de uma família de espíritas do Pantanal do Mato Grosso, ele havia se tornado um materialista convicto ao vir para o Rio e começar a ler Sigmund Freud na faculdade, quando passou a ser analisando de um psicanalista.

– Quando cheguei no Rio, me deparei com as aulas de Freud e fui descrendo de Deus. Achei que tudo era a mente do homem – afirma, relembando aqueles idos dos anos 1950. Foi então crescendo profissionalmente, vieram a família, os filhos. “Eu não rezava, não tinha mais essa ligação, pra mim era tudo dinheiro.” Em sua vida, “parecia que as coisas corriam às mil maravilhas, até que um dia adocece Luizinho”.

Do choque inicial e dos meses no hospital, veio a esperança de uma cura definitiva no Lar de Frei Luiz. No livro de Rocha Lima *Luizinho, o Poeta de Deus*, o ex-materialista Joaquim descreve o que sentiu e viu na noite em que chegou com o pequeno filho carregado em uma maca, na casa do presidente do Lar, onde funcionava o santuário de materializações. O médico vislumbrou “uma figura ímpar” que logo deduziu ser a pessoa com quem falara ao telefone. “Não obstante a sua idade (69 anos), tinha o caminhar firme e erecto, a cabeleira branca como a neve e o olhar firme e sereno, que nos transmitiu confiança e respeito.”

Já dentro da sala das reuniões, Joaquim presenciou uma “luz astral” que iluminou todo o recinto “com uma claridade suave e bela” que nunca havia visto, e que “atravessava os objetos opacos como se eles não existissem”. Depois, uma força desconhecida fez correr a cortina da cabine de materialização, onde o médium de efeitos físicos se encontrava deitado em transe profundo, com o corpo “reduzido do seu tamanho normal” e liberando luz em várias direções.

Após instantes “daquela visão maravilhosa”, a cabine fechou-se, e o médico começou a ouvir vozes em alemão, japonês e também a fala de pretos velhos. Ato contínuo, inúmeras entidades masculinas e femininas, como um monge do Tibete, se materializaram. Joaquim viu um ser alto e magro, “de gestos meigos”, que vestia um uniforme branco de médico, inclusive com um gorro, contemplando Luizinho no leito. A entidade apanhou uma vara de madeira em cedro, especialmente preparada para essas reuniões, e passou a tratar o menino. A descrição do que viu o então materialista:

– Da extremidade da vara jorra luz alvinitente, que é dirigida para o seu corpo em diversas regiões, sendo mais tratada a região abdominal. Percorrendo todo o corpinho da criança, toca vez por outra com a extremidade da verga em uma pequena caixa de isopor, colocada no início da reunião sobre uma mesinha ao lado da cabine, a qual nos havia sido mostrada anteriormente, nada contendo em seu interior, e que, com traços de tinta fosforescente, se autoiluminava, deixando-nos ciente de sua posição sobre aquela mesinha, permitindo assim que acompanhássemos o movimento do espírito materializado que, tocando com a verga iluminada o corpo do enfermo, levava-a até o recipiente citado, tocando de leve sobre sua tampa, deixando-nos perceber que com os movimentos retirava algo do enfermo e ali depositava. Findo o tratamento, repõe a verga em seu lugar, e já havíamos notado que, à medida que aquela luz alvinitente tocava o corpo da criança em determinados pontos, a sua camisa, que era da cor branca, ficava marcada com sangue. Ao ser encerrada a sessão, o vaso de isopor continha material orgânico, inclusive algodão por eles materializado.

Mas aquela noite de imensas vibrações energéticas não havia ainda terminado. Após ouvir cantos de pássaros dentro da sala de materialização – enquanto pensava “como é lindo o reino espiritual! Quanta paz, quanta harmonia!” –, Joaquim veria novamente “luzes feéricas” iluminando toda a sala. Após ouvir Rocha Lima informando que era a luz de Frei Luiz, observou, pela primeira vez, a trombeta levitando. Ouviria então a voz do franciscano, “suave, firme, cheia e sonora”, dando conselhos e diretrizes a serem seguidas pelo grupo.

– Jamais havia imaginado presenciar aquilo. Um espírito falando em voz direta. Meu Deus!, repetia eu, aquilo era demais para o meu

espírito. Como podia eu, por anos a fio, haver perambulado apenas pela vereda da descrença, passando a viver apenas ligado ao mundo material.

Depois daquela reunião maravilhosa, em meio ao lanche que Astéria sempre servia aos presentes, na varanda interna de sua casa, em frente ao santuário – à base em geral de um prato de sopa de legumes ou de ervilha –, Rocha Lima teve pela primeira vez um contato pessoal com Joaquim, e lhe disse: “Teu filho Luizinho é a reencarnação de um primo meu, o Carlos Paurilio, o Cacá para os familiares. Era muito inteligente, foi jornalista e poeta”. Cacá era o mesmo espírito que, em 1947, incorporara pela primeira vez em Rocha Lima, despertando-o para o espiritismo. Durante a reunião de materialização, em que Luizinho foi tratado pela primeira vez pela espiritualidade, uma entidade havia avisado Rocha Lima sobre aquela ligação cármica.

Vários meses se passariam nos quais Luizinho apresentaria melhora do seu quadro clínico, ganhando mais energia e alegria de viver. Embora ainda muito magro e andando meio curvado para a direita, passaria a frequentar sessões espíritas no centro da Travessa Santa Martinha, na Abolição, e reuniões de materialização no santuário da casa de Rocha Lima, no Cachambi. Começaria também a frequentar com os pais o orfanato das crianças que ainda funcionava na Estrada do Rio Grande, em Jacarepaguá, para ouvir as palestras de moral cristã para os internos, proferidas pelo presidente do Lar.

Até que um dia a saúde de Luizinho começou a regredir. Nessa altura, Joaquim já tinha noção do que contribuía para provocar aquele câncer cármico no filho, em sua última encarnação. Cacá não bebia nem fumava, mas de repente caiu no vício do álcool. Segundo Rocha Lima, o primo acabou tendo problemas nos rins, vítima de magia negra, e morreu. Joaquim conta que, antes de se entregar ao vício, o poeta e jornalista Carlos Paurilio havia ido morar em Salvador, onde começou a escrever artigos arrasando o candomblé. “Ele era ateu, e carregou uma vibração muito forte. Ele não aguentou aquela vibração e começou a beber, a ponto de cair na rua.”

Como registrou em *Luizinho, o Poeta de Deus*, Joaquim acha que o filho, além dos traumas carmáticos adquiridos quando Carlos Paurilio, também foi vítima de “possíveis deslizos” em outras vidas. Por razões cármicas desconhecidas, o poeta retornaria a este mundo

material como Luizinho, cumprindo a importante missão de reaproximar Joaquim da vida familiar e levá-lo de volta às lides espirituais. “Então, veja como é necessário... às vezes o mal redundo no bem. Então, isso fez com que eu frequentasse o grupo do Rocha Lima, do Frei Luiz, e passei a aprender mais.”

Apesar da dor, toda aquela “convivência espiritual” do casal com o Lar foi um preparo fundamental para superar o momento do falecimento do filho, em sua casa. “Para você ter ideia, nós não choramos, nós tocamos música. Ele gostava do *Tema de Lara*, e pusemos esta música enquanto ele desencarnava”, lembra Dilta, sem esquecer aquele instante antes do desencarne do querido Luizinho, quando o tomou nos braços:

– Ele falou assim: “Vamos, mamãe, vamos”. Aí, eu falei: “Você quer ir onde está Frei Luiz?” Ele disse: “É, mamãe, é mamãe”. Aí pusemos a música que ele adorava, mas nós não choramos.

Ela só foi chorar no dia seguinte, durante o enterro.

Dali em diante, após ser tratado no astral, Luizinho começaria a trabalhar com as entidades de luz que frequentam o Lar de Frei Luiz. Através do médium de psicografia Eduardo Frutuoso, ele passaria a ditar poemas de cunho espiritualista em defesa do amor, da caridade e da fraternidade universal, muitos dos quais reunidos no livro *Luizinho, o Poeta de Deus*. E menos de um ano após o seu desencarne, os pais, que continuariam a colaborar com os trabalhos e ações sociais do Lar, teriam o privilégio de começar a reencontrar o filho amado nas sessões de materialização.

Joaquim lembra que, no primeiro encontro, não conseguiu distinguir direito aquele corpo que, meio fluido, como que envolto por uma névoa, não tinha a mesma altura do filho. Mas logo pôde distinguir com nitidez o rosto de Luizinho. A mãe lembra que não se conteve, derretendo-se em lágrimas:

– Nossa senhora, ele se aproximou e comecei a chorar. Eu já vi o Luizinho várias vezes materializado. A emoção é eterna quando a gente fala nele. Sempre, sempre ele está presente. Toda a semana, tem uma mensagem dele, as poesias. Você aí perde o controle, é uma emoção muito forte.

Centro Holístico

No Lar de Frei Luiz jamais houve qualquer radicalismo em relação à medicina oficial, que sempre foi bem-vinda na obra. Não é à toa que já funcionava ali, desde o início da fundação da sede do Lar na Estrada da Boiuna, um laboratório de análises clínicas e um ambulatório voltado para as crianças, velhinhos e também para a comunidade vizinha – oferecendo serviços gratuitos, entre outros, de clínica médica, pediatria, atendimento psiquiátrico e dentário e práticas de medicina alternativa, como acupuntura e cromoterapia.

Como assinala Rocha Lima em *Medicina dos Espíritos*, “as curas espirituais se manifestam sem conflitar com a medicina humana. Ao contrário, os próprios espíritos médicos recomendam o desenvolvimento da atividade médica modelar, já que o auxílio ao próximo, enfermo do corpo, carente de espírito, opera-se em qualquer área de atividade médica – os médicos são e sempre serão os principais artífices de Deus, para a cura e o tratamento”.

Ao se dirigir aos leitores, em *Forças do Espírito*, os amigos Lauro e Rocha Lima assinalaram: “Quando alguém da tua família apresentar algum sintoma, físico ou psíquico, alarmante, procura, em primeiro lugar, o médico da Terra. Em casos especiais, procura, então, os espíritos. Esses, ao contrário da baboseira propalada pelos inimigos gratuitos da doutrina espírita, jamais farão concorrência desleal! Em qualquer ensejo, em qualquer urgência espiritual ou material, Eles te ajudarão”.

Para os dois colaboradores, as entidades de luz não precisavam se desgastar com intervenções que os médicos da Terra poderiam realizar. Uma vez, em 1971, sofrendo de uma hérnia inguinal, o máximo que Lauro fez, antes de se internar para se operar no Hospital Estadual Getúlio Vargas, foi pedir a proteção de Frei Luiz, que lhe respondeu:

– Sim, meu irmão. Primeiro, porém, você precisa receber um preparo dos médicos do espaço. Esta operação, que não terá nenhuma surpresa desagradável, deverá ser feita pelos médicos da Terra. Os espíritos não fazem nenhuma concorrência desleal. Só atuam nos casos de emergência bem comprovada.

Mesmo assim, antes de ir para o hospital, as entidades lhe prepararam uma surpresa, que melhoraria suas condições de saúde para a operação. Lauro conta que, no Santuário de Frei Luiz, se surpreendeu ao constatar que estava sendo operado espiritualmente, “pois os espíritos desmaterializaram duas colheres, das de sopa, de sangue da região prostática”. Após o ato cirúrgico, Frei Luiz afirmou: “Agora, sim, meu irmão Lauro. Os seus colegas da Terra já podem operar. Será um passeio a sua ida ao hospital”.

Um pouco antes, em fevereiro de 1971, Rocha Lima pediria no Lar de Frei Luiz que fosse dada uma solução para o problema de cataratas em Astéria. Médicos do espaço indicaram, porém, seus colegas terrenos para a cirurgia, que acabou sendo feita com sucesso no Hospital Silvestre.

A orientação não surpreendeu Rocha Lima. “Ele achava que tinha que seguir a orientação do médico da Terra e do médico do espaço. Ele era uma pessoa normal, aberta”, atesta a médium Eulina Bello Guedes. “Ele e Astéria sempre foram aos médicos da Terra e faziam o tratamento espiritual. Mas ele tinha os remédios dele e tomava direitinho, antes de se deitar e de manhã. Eram remédios alopatas, vitaminas e remédios homeopatas.”

Um ano depois dessa intervenção cirúrgica, o mentor espiritual do grupo espírita, Frei Luiz, aprovaria a construção de um antigo sonho do psiquiatra Lauro Neiva, que uniria em um mesmo espaço as práticas de médicos terrenos e do espaço: um centro holístico para a cura de males diversos. Batizado de Centro de Terapia Holística Dr. Lauro Neiva, em uma justa homenagem àquele que foi um dos maiores amigos de Rocha Lima, o projeto era a prova de que o fundador do Lar sempre viu com bons olhos a união das duas práticas da medicina.

O psiquiatra, na verdade, teve a ideia de construí-lo muito antes de conhecer Rocha Lima, ao saber da existência de algo semelhante nos Estados Unidos, ainda nos anos 1940. Segundo escreveu em *Forças do Espírito*, desde o princípio de sua vida de médico vinha chamando a atenção dos seus colegas “para os fenômenos espíritas ligados à psiquiatria”, em artigos de jornais e em livros, como *O Psiquiatra e o Invisível*.

– E quis – continua ele –, quando diretor de um hospital carioca de dirigentes espíritas, fazer uma remodelação total no nosocômio (científica e social), onde, ao lado de um pavilhão no qual pudessem ser ministradas todas as religiões, fosse possível construir um seção para terreiros de umbanda, práticas kardecistas e materializações de espíritos, no próprio local do hospital, em lugar condigno. E ouvi de todos, espíritas dirigentes e médicos psiquiatras, apenas isto: “Isso é uma loucura! Práticas espíritas, ou outras quaisquer, só serão permitidas fora do hospital! A repartição encarregada de fiscalizar o exercício legal da medicina fechará, fatalmente, o hospital!” Eu não iria inovar, no mundo, um hospital com essa característica, pois, conforme escrevi em *Reflections and Observations on American Living*, em 1949, já frequentei, nos Estados Unidos, um desses enormes e modelares estabelecimentos hospitalares. Evidentemente, tudo não passava de ignorância, entrave ao progresso e maldade premeditada!

Ato contínuo, Lauro Neiva pediu demissão e saiu do referido hospital. Quatro anos depois, em julho de 1968, durante o Simpósio sobre Psiquiatria Transcultural, realizado em Salvador, o médico ouviria o relato de psiquiatras africanos que foram obrigados a construir, dentro dos mais modernos hospitais, essas seções especializadas, já que em seus países “os doentes se opunham a ser tratados nas condições comuns e antigas, com os critérios clássicos e já centenares de toda a psiquiatria mundial”.

Com a aprovação do projeto de Lauro em 1972, por mensagem espiritual de Frei Luiz, o centro holístico finalmente começaria a sair do papel no final do século 20, com a fundação de suas instalações iniciais em prédio de dois andares no Lar de Frei Luiz. No entanto, na primeira década do século 21, o projeto foi deixado de lado em função de entraves legais para a sua implantação. Pudera: era um projeto arrojado demais para a mentalidade de uma época ainda muito refratária a uma proposta de vanguarda que buscava a interação prática, em um mesmo espaço, das medicinas terrena e espiritual.

Caso o projeto do centro holístico fosse adiante, um enfermo, por exemplo, poderia ser operado gratuitamente por um médico, como em qualquer hospital público, mas, no entorno, médiuns e entidades de luz ficariam vibrando positivamente, a fim de criar uma ambiência

propícia para que a cirurgia tivesse mais chances de sucesso. Os médicos do espaço estariam invisíveis, operando em parceria, utilizando-se de ectoplasma, podendo mesmo se materializar para melhor ajudar em alguma intervenção mais complexa.

Toda essa infraestrutura holística funcionaria também como um importante banco de dados para futuros estudos sobre o real alcance das práticas das medicinas da Terra e de dimensões espaciais. “Ali vamos mostrar que você pode fazer o casamento das diversas formas de tratamento”, dizia o médico Gazolla, um entusiasta do projeto. “Você pode usar a acupuntura para quem precisa, a homeopatia, a alopatia. Você pode usar a cromoterapia, de acordo com a necessidade de cada um, e tendo como base a medicina espiritual.”

Para ele, a medicina holística é fundamental, por estar “baseada na relação de causa e efeito, no carma”. E o centro holístico seria fundamental não só por conter várias formas de tratamento e diagnóstico, mas porque as informações ficariam consignadas num banco de dados.

– Nós vamos ter também pela vidência dos médiuns, pela ação dos médicos, pelas informações, uma papeleta espiritual. Não de todos que se internarem, mas daqueles com determinados tipos de doenças, que serão selecionados. E quando nós fizermos a ficha do paciente, que é a ficha obrigatória por lei, depois a ficha espiritual, nós vamos botar isso tudo no computador e estabelecer uma relação de paralelismo entre as encarnações e as consequências das doenças que aconteceram.

Na medida em que a boa ciência for evoluindo, segundo Gazolla, as novas gerações de médicos terão mais oportunidades de desenvolver novos métodos de cura e de diagnóstico, “com um uso muito menor de equipamentos, mas equipamentos mais sofisticados, medicamentos mais puros”. Será então possível, ao se compararem duas práticas médicas que por enquanto caminham separadas, não só explicar a causa de doenças ainda hoje misteriosas, mas também “humanizar mais a relação médico/paciente”.

– A medicina espiritual e a medicina terrestre – continua – são duas coisas completamente diferentes, você não pode raciocinar nas mesmas bases de fisiopatologia nem na mesma base de tratamento. Mas nós vamos conjugar as duas coisas, e veremos os efeitos terapêuticos

da união dessas medicinas espiritual e material. E como referencial para as fichas das encarnações, vamos estudar as causas que levaram àquela doença e também a relação do percentual de cura, que vai ser diferente do percentual da medicina comum. Nós vamos perceber que, na conjunção dessas duas medicinas, atuaremos na causa primária, obtendo um êxito muito maior e levando uma maior oportunidade de cura aos pacientes.

– Como as coisas se dão, não podemos explicar ainda. Porque, quando os fenômenos passam pelo campo espiritual, você não tem uma evolução científica para codificar teorias, palavras, reações físicas e químicas. Mas a ciência evoluirá. Com o manancial escrito que nós vamos deixar, com o que o Dr. Rocha Lima publicou em livros, aquele monte de fitas com suas palestras, na medida em que a ciência for evoluindo, analisando esse manancial de informações, os grupos futuros poderão caminhar mais rápido, porque vão ter bases espirituais e científicas sobre a relação da doença e suas causas. Porque hoje em dia você não cura uma série de doenças, você não cura um enfisema, você não cura uma insuficiência cardíaca. Você compensa com medicamentos. Então, a medicina cura muito pouco. Mas, de repente, nós vamos começar a mostrar que, com a conjunção dessas duas medicinas, você poderá curar muito mais. Você poderá sair do nível de compensação para o da cura definitiva.

Lauro e Armando

Um princípio fundamental move essa visão holística da cura: a saúde deve partir, antes de tudo, da própria pessoa. Ao lembrar o primeiro ensinamento dos Vedas sobre a cura, o “conhece-te a ti mesmo”, Rocha Lima dizia: “A verdadeira saúde do homem está encarnada nele mesmo”. Essa máxima sempre moveu o espírito Lauro Neiva e fez dele um dos maiores amigos e colaboradores do presidente do Lar de Frei Luiz. Desde que se conheceram, no início dos anos 1960, não deixaram de trabalhar juntos em nome da caridade e da saúde humana.

O médium Ivan Ferreira de Castro lembra a afeição que Rocha Lima tinha pelo amigo. “Foi um grande casamento. Ele tinha uma admiração muito grande pelo Lauro, comungavam as mesmas ideias. O que o Lauro Neiva pensava, ele também pensava.” Com o apoio do psiquiatra e clínico geral paraense, o alagoano Rocha Lima ganharia o respaldo da palavra de um respeitável médico sobre inúmeros campos de atuação da chamada cura espiritual, como os tratamentos a distância e de pessoas obsediadas por seres do mal.

Ao contrário de muitos de seus colegas médicos, Lauro nunca se importou em colocar em risco o prestígio de seu nome profissional na defesa de seus ideais. “Lauro Neiva era um lutador, era uma pessoa de coragem”, afirma Ivan. “Hoje em dia, ainda tem um certo preconceito contra o espírito. Imagina há 30 anos. Mas ele ia nos congressos, falava dos fenômenos, das materializações, falava de tudo. Ele abriu o livro.”

Amigo da família, o economista Carlos Augusto Rezende Lopes lembra-se de Lauro, em uma roda de conhecidos, falando com bom humor sobre um congresso internacional na Itália de psiquiatria, neurologia e higiene mental, em que tentou mostrar a ligação entre a obsessão espiritual e a maioria dos casos de suicídio. O seu som chegou a ser cortado pela presidência do congresso, para se evitar que ele apresentasse a sua tese. “Mas eles tiveram que me aturar”, recordou, às gargalhadas.

Como ensinava o psiquiatra em suas falas e textos, ao lado do doente pode estar, dia e noite, um ou vários obsessores espirituais.

“Algumas vezes, inconscientemente, fazendo o mal; outras, conscientemente, levando-o até ao suicídio, martirizando-o ou vampirizando-o!”. No caso, vampirismo não tinha nada a ver com dráculas chupando o sangue do doente, mas com entidades sugando suas energias perigosamente. Sobre o assunto, escreveu ele em *Forças do Espírito*:

– Quando alguém, da tua família ou das tuas amizades, apresentar um comportamento esquisito, excêntrico, inusual, incompreendido, violento, agressivo, leva-o, primeiramente, a um consultório médico da tua confiança. Se o especialista, usando os métodos mais simples e, mesmo, os mais complicados (como a convulsoterapia), não conseguir curá-lo, fazendo uma tácita confissão de impotência psiquiátrica ou psicanalítica, leva-o a uma tenda espírita! A nossa longa experiência nesses assuntos assim nos permite aconselhar.

Antes de conhecer Rocha Lima, Lauro costumava procurar experiências de cunho espiritual que o fizessem se sentir em casa, para que pudesse dar vazão a seus sentimentos e se dedicar àquele trabalho. Mas não conseguia se achar. Sua mulher, Alvacoeli de Castro Neiva, a Celinha, lembra que ele chegou a frequentar um centro de umbanda no centro do Rio. Uma vez, já médico do gabinete do ministro da Fazenda Arthur de Souza Costa, um dos mais respeitados integrantes do primeiro governo de Getúlio Vargas, Lauro recebeu um recado de um preto velho, incorporado em um médium: “Olha, cartola, vai prevenido amanhã para o teu trabalho, porque o teu ministro vai passar muito mal e você é que vai curá-lo”.

No dia seguinte, ao largar o seu serviço público para ir ao seu consultório, que ficava perto do prédio do Ministério da Fazenda, Lauro recomendou: “Ministro, qualquer coisa é só mandar me chamar que estou aqui ao lado”. Meia hora depois, recorda Celinha, telefonaram do Ministério.

– O Souza Costa, que era muito gordo, muito pesado, estava caído no chão sem sentidos. Estava com quase 30 por 18 de pressão arterial, um absurdo. Ele estava morrendo. Lauro resolveu então fazer uma sangria nele, mas o chefe de gabinete não queria. Lauro disse então com convicção que estava ali como médico e só o trataria se fosse fazendo a sangria. O chefe concordou. Uma hora depois, ele foi melhorando. Era injeção disso, injeção daquilo, um remedinho sublin-

gual, e ele foi voltando a si. Então, eram essas coisas que faziam o Lauro procurar o espiritismo. Como um médium avisou que o ministro ia passar mal, ele foi trabalhar prevenido.

Em sua tortuosa busca existencial, Lauro continuava não conseguindo encontrar um caminho a seguir em que se sentisse confortável. “Celinha, não é ainda aqui o que eu procuro”, costumava dizer. Até que um dia toca o telefone em sua casa. “Eu atendi e perguntei quem queria falar com ele”, recorda a mulher. Do outro lado da linha, um homem respondeu: “Ele não me conhece, mas diga que é o Rocha Lima”. Lauro atendeu, “e o Rocha Lima se apresentou e disse que havia sabido por alguém que ele era psiquiatra e se interessava também pelo espiritismo, e que gostaria que fosse fazer parte das sessões da casa dele”.

Em suas memórias, Rocha Lima registrou ter ouvido falar pela primeira vez de Lauro ao ler um dos livros desse membro da Academia de Letras do Pará, *Aconteceu no Outro Mundo*, em que assinalava a importância de se “ampararem as criancinhas pobres e enjeitadas, bem como os velhos sem recursos”. O médium Paulo Ruy Portella conta que, num momento de dificuldades dos trabalhos espirituais do grupo, Frei Luiz disse ao presidente para procurar o psiquiatra de nome Lauro Neiva.

Segundo Rocha Lima escreveu, “Lauro veio, verificou minha franqueza, energia cristã e o modo como explanava os fatos, e conosco ficou até a data de sua desencarnação... E persiste nos ajudando e colaborando na obra com o mesmo entusiasmo e destemor”. De fato, depois de um mês frequentando as reuniões do grupo, Celinha lembra que o presidente perguntou: “Lauro, posso contar com você?”. Sem titubear, o médico respondeu: “Pode, Rocha Lima, pode contar. Encontrei o que eu queria, era isso mesmo o que eu estava buscando”. Estava assim selada aquela amizade e colaboração fraterna.

A chegada de Lauro ao grupo representaria a possibilidade da realização de um importante trabalho de formação dos médiuns, principalmente de Gilberto e de Ivan, que se tornariam dois dos pilares do trabalho de materializações e de cura. Era uma época conturbada, enfatiza Paulo Ruy, em que os trabalhos de materialização haviam sido interrompidos temporariamente cerca de dois anos, por causa de um médium que havia “se perturbado e foi pego em mistificações”.

Envolvido por sentimentos de orgulho, vaidade, ele foi perdendo sua mediunidade e, aproveitando-se do ambiente escuro das reuniões, tentou falsificar fenômenos extrafísicos. Já sem poder, o médium se levantava da cabine de materializações e andava no escuro, fingindo ser um espírito. Um dia, desconfiado, o colaborador Hugo Manoel Pisani deu um chute na perna do “espírito”, revelando o golpe. “Quando descobriram, foi um choque para o Rocha Lima, e, por ordem de entidades, as materializações foram suspensas”, diz Paulo Ruy.

Lauro, porém, traria para o grupo o seu amigo Armando Ramos e Silva (1892-1973), um médium fortíssimo de efeitos físicos. Profissional liberal, esse pernambucano deixou saudades dos dez anos que passaria à frente das reuniões de materialização do grupo. Nunca se tinha visto tamanha força ectoplasmática, capaz de produzir materializações e irradiações de luzes inesquecíveis. “Foram reuniões com materializações lindíssimas e curas maravilhosas, uma potência incrível”, lembra Paulo Ruy. Além de trabalhar em um ambiente menor, com um número reduzido de pessoas, o que facilitava a boa ambiência, com concentração de ectoplasma mais puro, a disciplina rígida de Armando facilitava essa vibrante fenomenologia.

A forma como encarava sua missão de médium de efeitos físicos, que só descobriria depois dos seus 50 anos, era mais uma prova das lições que Rocha Lima pregava para seus colaboradores, no sentido de buscarem uma vida equilibrada, harmoniosa, sem se perderem em conflitos amorosos, vaidade extremada, uma vida febril e consumista, o que acabava atraindo entidades negativas.

– Meu tio tinha uma disciplina alimentar, um rigor moral. Ele se preparava mesmo para as reuniões, não bebia nem fumava e, por uma semana, eliminava a carne das refeições. Ficava mais introspectivo, o que favorecia o contato das entidades e a qualidade do seu ectoplasma – recorda com carinho a terapeuta de vidas passadas e médium Célia Resende.

Armando, segundo a sobrinha Célia, possuía uma extrema capacidade de compreender as falhas alheias e as suas próprias, exercitando algo básico para o trabalho dos médiuns: o autoconhecimento. Tolerante e muito bem-humorado, via sempre os aspectos positivos de qualquer questão. Ele era tão voltado para o seu trabalho mediúnico no Lar de Frei Luiz, que Célia lembra a tristeza que sentiu em 1973, alguns

meses antes de morrer, aos 81 anos, quando percebeu que sua função no grupo estava no fim, devido ao seu crescente esgotamento físico.

Mas antes que suas energias se fossem, Armando, na segunda metade dos anos 1960, começaria uma tarefa fundamental para um grupo de materializações: o rito de passagem, o preparo de outros médiums para sucedê-lo. Foi ele o responsável por puxar a mediunidade de efeitos físicos de Gilberto Arruda e Ivan Ferreira de Castro.

– Naquele tempo, eu assistia às materializações e começava a ficar assim tomado, excitado, aquela coisa de sistema nervoso – recorda Ivan. – Então, eu sentava numa poltrona, e o Rocha Lima mandava as pessoas me amarrarem na cadeira, para que pudesse assistir, senão eu caía pelo chão. Eu ficava nervoso, batia com os pés. Até que um dia, quando o Armando já estava para partir, veio o João Pedro materializado perto de mim. Eu estava nervoso, me debatendo, mas estava um pouquinho consciente. Aí o João Pedro chegou, colocou a mão na minha nuca e falou assim... eu nunca esqueci essas palavras do João Pedro: “Você tem que dormir, você tem que entrar em sono profundo porque, em breve, vai substituir o meu médium”. Aí eu apaguei, e passei a dormir em toda reunião.

O médico do espaço João Pedro, que passou a se materializar no Lar de Frei Luiz quando da vinda de Armando, informara que há cerca de 300 anos, sendo filho de sírios, vivera no interior de São Paulo como médico terrestre. Frederick afirmou, em uma de suas mensagens, ter sido iniciado por ele nas operações espirituais. Foi também João Pedro que revelou a Lauro que a planta aveloz poderia ser usada na cura de casos de câncer.

A informação levou o médico a fazer inúmeros experimentos com a planta e a publicar, em 1966, o livro *A Cura do Câncer pelo Avelós*. Por causa de suas pesquisas, em que defendia o poder de cura do avelós não só nos casos de câncer, como também nos de outras doenças como a lepra, Lauro também foi duramente combatido pela comunidade médica oficial. Para ele, além do desconhecimento, o poderio econômico dos grandes laboratórios de remédios poderia estar por trás desses ataques. “O avelós é uma planta que produz uma secreção cáustica. Asseguro que este leite (seiva) tem curado o câncer”, sustentava. O clínico geral e psiquiatra contou ter sido alertado por

João Pedro para os efeitos curadores da planta em meio a uma grave doença de sua mãe.

– Minha mãe estava morrendo devido a um suposto linfossarcoma pulmonar, quando então veio a mim um médico do espaço, que me acompanha há muito, chamado João Pedro, o qual materializou-se e apareceu com luz própria. A seguir, escreveu com o próprio punho essa mensagem: “Irmão Lauro, dá a tua mãe uma gota de leite do avelós em um copo d’água e na dose de uma colher de chá, de hora em hora. Assim o fiz. Rapidamente, isto é, depois das primeiras horas, minha mãe começou a alimentar-se, regularmente – afirmou, acrescentando que, no Brasil, “muitos doentes de câncer no estômago, nos intestinos, no útero e nas mamas conseguiram se recuperar em menos de três meses”.

Apesar de combatido, Lauro nunca se furtou de defender seus pontos de vista de médico espírita, por mais estapafúrdios que parecessem, perante a comunidade científica oficial. Era o caso, por exemplo, das operações de cura e auxílios a distância. Previamente marcadas, quando alguns procedimentos são adotados – o doente deve usar roupa clara, não comer carne vermelha e, num horário determinado, repousar ao lado de um copo de água –, essas sessões servem para algumas operações espirituais e auxílios diversos, como limpar o campo energético de obsediados por seres negativos. E a exemplo de qualquer procedimento médico, às vezes dá certo, outras não.

No livro *Medicina dos Espíritos*, Rocha Lima escreveu: “Nos anais de nosso grupo, constam inumeráveis casos de ajuda a distância: obsessões ocultas, enfermidades de natureza psíquica, intervenções cirúrgicas, operações espirituais. Seria prolixo enumerá-los. Citaremos alguns que sirvam para melhor estudo. Temos recebido cartas de alguns países e estados do Brasil, agradecendo as curas, mormente em casos de magia negra”.

Dentre os inúmeros casos descritos, um dos que mais impressionam é o do irmão do próprio Lauro, o funcionário do Banco do Brasil em Belém do Pará Cândido Neiva. O médico relatou o caso em sua tese apresentada, em junho de 1973, na cidade italiana de San Remo, no 1º. Congresso Mundial da Outra Medicina:

– Meu irmão estava desenganado num hospital, pois tivera um brutal infarto cardíaco. E aconteceu o inacreditável: Frederick von

Stein foi ao hospital, retirou o coágulo sanguíneo e, trazendo-o para o Rio de Janeiro, encarnou no médium Gilberto Arruda, e materializou-o numa folha de papel, dizendo: “O irmão de Lauro está salvo, mas hoje mesmo ele deve ir a Belém levando este coágulo, mostrando-o aos médicos, ficando ao lado de seu irmão, pois eu voltarei lá para livrá-lo de todo o mal”. Ao chegar àquele hospital, reuni os médicos, mostrei o coágulo e expliquei o fenômeno. O cardiologista, Dr. Toscano de Brito, mostrando-me todos os exames, exclamou: “Isto é fantástico! Já tinha declarado que o caso era fatal! E agora, como compreender o fenômeno, pois não sou espírita e nada sei a respeito?!”. Isso é ou não é a Outra Medicina?

Mas a defesa incansável que Lauro fazia da medicina espiritual estava caminhando para um fim, pelo menos como encarnado. Na reunião de materializações de 24 de agosto de 74, Rocha Lima receberia o seguinte aviso: “O irmão Lauro está sendo visado pelas forças das trevas para ser afastado do grupo”.

Na tarde de 29 de novembro de 1974, quando o psiquiatra se preparava para fazer uma reunião pelos seus 70 anos de vida, em sua casa de Ipanema, na zona sul do Rio, ele e Rocha Lima conversaram pelo telefone. Como estava cuidando de Astéria, com uma paralisia parcial do corpo por causa do derrame que sofrera, o presidente do Lar se desculpou por não poder ir. Rocha Lima recorda em suas memórias que, ao se despedir, ficou “aturdido e silencioso” quando, sem esperar, falou para o amigo: “Lauro, os tempos de nossa reencarnação se escoam vertiginosos, realmente não sabemos o que ela nos reserva, se estamos falando, ouvindo, fazendo isto ou aquilo pela última vez, como ensinou Emmanuel!”. O aniversariante respondeu: “É verdade, meu caro!”.

Por volta das onze da noite, o presidente do Lar receberia o telefonema da filha do amigo, Suzette Neiva, que, desesperada e em prantos, comunicava que o pai havia sido baleado dentro de casa por assaltantes. Por volta da meia-noite, ligaria Celinha, chorando, inconsolável: “Lauro acaba de pronunciar suas últimas palavras na mesa de operação: ‘Eu quero dormir’. E dormiu”. Foi um baque para o amigo. “Eu poderia esperar tudo, menos que o matassem!”, escreveu Rocha Lima.

Era uma noite de sexta-feira. Uma data marcante. Lauro estava fazendo 70 anos. Cinco dias depois, ele e Celinha fariam 40 anos de

casados. Por volta das cinco da tarde, Celinha lembra de ter achado estranha a atitude do marido, que pediu para que ela lesse em voz alta o seu horóscopo. “Lauro, ler horóscopo? Nós estamos casados há 40 anos e você nunca acreditou em horóscopo.” Ele insistiu para que ela lesse o seu horóscopo em voz alta. No final, o texto dizia que naquele dia tivesse “muito cuidado com arma de fogo”.

Por volta das sete da noite, mais uma reação estranha do marido marcaria aquela data. Celinha recorda que estava ao seu lado quando o irmão lhe telefonou do Pará, para felicitá-lo. “Pois é, meu caro irmão, estou completando hoje 70 anos de vida. E uma coisa te digo, estou pronto para morrer, estou pronto para partir.” A mulher lembra de ter pensado: “Nossa Senhora, que horror o Lauro dizer uma coisa dessas”.

Logo depois, começariam a chegar os convidados. Entre familiares e amigos, 42 pessoas estavam na casa. Quando a reunião já se aproximava do fim, após os parabéns, Lauro foi conversar com um amigo na varanda, no térreo. De repente, entraram dois garotos na casa. O médico se levantou. Talvez temendo que fosse em busca de auxílio, um dos assaltantes deu-lhe um único tiro – e mortal – nas costas. O amigo, ferido com cinco tiros, escapou com vida.

Reportagem do jornal *O Globo* sobre o enterro, publicada em 1º de dezembro, com o título “Amigos do Médico Morto: ‘Perdão para Assassinos’”, informou que “havia dor, mas não sentimentos de vingança”. A certa altura, um dos amigos do médico “pediu perdão para os assassinos e lembrou a responsabilidade da sociedade, ‘que deixa crianças abandonadas, futuros marginais’”. Ao final da cerimônia fúnebre, todos cantaram “um hino em homenagem a Frei Luiz, líder espiritual do grupo religioso e responsável pela criação do educandário, destinado à assistência do menor carente”. Minutos antes do sepultamento, o mesmo amigo – que na reportagem aparece identificado como Luiz Neiva – discursou:

– Temos que pensar no exemplo de nosso amigo Lauro. Nada de lágrimas. Ele estará junto a Deus. Que todos continuemos pensando em fazer o bem, sem pensar em vinganças. Os assassinos devem ser perdoados, como Jesus perdoou a seus algozes. Devemos contribuir para que crianças tenham um futuro melhor pela frente, para que não se transformem em marginais.

O amigo em questão era Luiz da Rocha Lima.

Os anos se passariam, mas Lauro continuaria ligado à obra. Em 11 de janeiro de 1975, ele transmitiu a sua primeira mensagem de outra dimensão, incorporado em um médium, para avisar que, embora não tivesse sido fácil se desligar “abruptamente” da matéria, estava bem: “Eu posso dizer a vocês que o mundo espiritual é muito mais belo do que os espíritos contavam; mas, mesmo assim, eu passei por uma fase difícil logo que desencarnei”. Afirmava também que, ao seu lado, estava Armando, o amigo e médium que desencarnara em 1973, e que o grupo devia continuar os trabalhos de caridade, de cura e de defesa da doutrina espírita.

Sete anos depois do seu desencarne, na reunião de 5 de dezembro de 1981, seis espíritos se materializaram. De repente, um ser alto, iluminado em várias cores, com os traços do rosto sem nitidez, coberto por uma espécie de gaze ectoplasmática, se aproxima de Celinha e pega sua mão, beijando-a. “Aí então eu perguntei baixinho: ‘Irmão, você quem é?’”, relembra a mulher, afirmando que ouviu então uma voz “meiga” inconfundível. “Eu, eu... eu sou o Lauro, minha Celinha.”

– Aí, pronto, eu comecei a chorar, a chorar, ele pegava a minha mão, ele beijava a minha testa, eu pegava a mão dele e beijava também. A gente não pode pegar, mas não sei... o instinto, a minha alegria foi tão grande, tão grande, que eu não pude conter essas coisas – recorda Celinha, emocionada.

Em seguida, ela colocou a mão do marido materializado em seu coração – “era como se fosse uma coisa assim de algodão, meio fofinha” – e disse-lhe que, na véspera, havia sido o aniversário de casamento dos dois. “Eu sei, minha querida Celinha, e é por isso que vim aqui te dar um beijo.”

Deste intenso momento de emoção, Celinha guarda uma profunda certeza em seu coração:

– É uma beleza a gente saber que a vida não acaba, que mais tarde a gente vai se encontrar, não é mesmo? Isso tudo que antigamente me dava tanta tristeza, hoje não, hoje a gente já pensa de outra maneira, seguindo assim a doutrina espírita... Meu Deus, como é bom ter um Deus para amar e um mundo invisível a nossa espera!

Pelo Telefone

Lauro Neiva voltaria a se comunicar com o grupo do Lar de Frei Luiz não apenas materializado ou por incorporações mediúnicas. Em 16 de agosto de 1984, dando curso a mais um dos experimentos científicos comandados por Rocha Lima, o médico desencarnado transmitiria uma mensagem para o presidente dos trabalhos. Mas de uma forma peculiar: sua voz saiu diretamente de um aparelho telefônico. Apesar das dificuldades para conseguir transmitir a mensagem pelo telefone, ele exortava o grupo a continuar a sua importante missão, mandava beijos para a mulher e os filhos e dizia que estava prosseguindo o seu trabalho de “médico psiquiatra da falange de Frei Luiz”.

– Aqui eu tenho a satisfação de dirigir este sanatório onde se encontram estes irmãos obsidiados, em plena inconsciência, entre os quais se encontra ainda inconsciente o irmão que me assassinou e que, também, foi assassinado. A meu cargo estão ainda inconscientes os irmãos que abandonaram nosso grupo, não resgatando seus karmas através desta obra redentora.

Rocha Lima vinha realizando experiências semelhantes desde novembro de 1970, quando recebeu e gravou um telefonema de Frei Luiz. O presidente do Lar não teve a primazia de iniciar as comunicações com seres extrafísicos com o auxílio de aparelhos diversos, como o rádio. Mas, segundo a pesquisadora brasileira Sonia Rinaldi, especialista na chamada TCI (Transcomunicação Instrumental), em termos de telefonemas gravados, ele foi o pioneiro no mundo.

Apesar de experimentos do gênero provocarem risos e chacotas, eles são desenvolvidos há muito em várias partes do globo terrestre – principalmente nos Estados Unidos e na Europa. Ao longo dos anos, com o desenvolvimento tecnológico, inúmeros estudiosos passaram a registrar esses casos que fazem parte do campo da TCI. Já existem relatos de mensagens enviadas não só por telefones e ondas radiofônicas, mas por secretárias eletrônicas, gravadores, computadores, aparelhos de fax e até de televisão.

Estudioso do assunto, o engenheiro brasileiro Hernani Guimarães Andrade (1913-2003) aponta como o marco inicial da TCI as vozes que, inesperadamente, o artista sueco e produtor de filmes Friedrich Jürgenson gravou em 12 de junho de 1959, quando tentava registrar gorjeios de pássaros para um documentário. Em experimentos que se sucederam, vozes se identificaram como sendo de pessoas desencarnadas querendo estabelecer contatos com vivos, e descrevendo aspectos de outras dimensões.

Como explica Sonia Rinaldi em seu livro *Transcomunicação Instrumental, Contatos com o Além por Vias Técnicas* (FE Editora Jornalística), nos casos de gravações, as entidades podem atuar no cabeçote ou imprimir suas vozes diretamente na fita, alterando fisicamente suas moléculas. As moléculas depois retornam ao estado inicial, desaparecendo as vozes. Em outros aparelhos, como rádio, as vozes entram pela frequência das ondas eletromagnéticas.

Os estudos sobre TCI cresceram de tal forma pelo mundo, com inúmeros relatos, que, em 1993, seria criada no Brasil a ANT (Associação Nacional de Transcomunicadores) e, em 1995, na Inglaterra, a Riti (Rede Internacional de Transcomunicação Instrumental), sigla em português da Init (International Network of Instrumental Transcommunication).

Embora as gravações do artista sueco – que era amigo do papa Paulo VI – sejam consideradas como o marco científico inicial da TCI, há relatos de experiências sobre o assunto desde o final do século 19. Pesquisadores anônimos e ilustres, como o americano Thomas Edson – que inventou a lâmpada elétrica – e o italiano Guillermo Marconi – apontado como o pioneiro das transmissões de rádio – tentaram construir aparelhos, baseados no eletromagnetismo, que servissem para se comunicar com os mortos. No entanto, nada de concreto ficou comprovado sobre o sucesso desses experimentos.

Segundo levantamento de Sonia Rinaldi, os registros das tentativas mais antigas desses tipos de contato remetem a dois pesquisadores, que chegaram a trabalhar juntos: o americano Edson e o padre gaúcho Roberto Landell de Moura.

Em 1893 – portanto, dois anos antes do anúncio da experiência radiofônica de Marconi –, Landell de Moura, em plena Avenida Paulis-

ta, no coração da cidade de São Paulo, inauguraria publicamente o seu Emissor de Ondas, para falar com outra pessoa, sem fios, a quilômetros de distância. Com seu aparelho – precursor das transmissões radiofônicas –, ele vislumbrava a possibilidade de, no futuro, se comunicar até mesmo com “outros mundos”. Execrado pela Igreja, apontado como bruxo, foi para os Estados Unidos, onde prosseguiria suas pesquisas, conseguindo patentear três inventos: o seu velho transmissor de ondas, o telégrafo sem fio e o telefone sem fio. Recusando-se, porém, a se associar a empresários norte-americanos, para continuar suas experiências e tentar produzir seus aparelhos, acabou voltando ao Brasil, onde pretendia aperfeiçoar seus inventos. Mas, desiludido, apontado como louco, acabou abandonando o mundo da ciência.

Antes, porém, da primeira experiência do padre em São Paulo, o nome de Edson seria envolvido também em um acontecimento polêmico. Em março de 1878, em uma sessão da Academia de Ciências da França, o físico Du Moncel foi quase agredido e acusado de charlatanismo quando apresentou um fonógrafo, desenvolvido por Edson, que estaria captando vozes de outra dimensão. Para os cientistas presentes, o fonógrafo não era mais do que uma ilusão de acústica, tratando-se de simples ventriloquia.

Outro dos pioneiros em tentativas desse tipo de comunicações foi o inventor português, radicado no Rio de Janeiro, Augusto de Oliveira Cambraia, que, em 1909, enviou ao Arquivo Nacional pedido de registro de patente do seu *Telégrapho Vocativo*. Mas também nada ficou registrado sobre o sucesso de seu experimento.

Em seu livro *Mensagens dos Espíritos pelo Telefone*, Rocha Lima resgata alguns fatos que mostram a realização de comunicações pelo telefone no Rio de Janeiro pelo menos desde 1917, pelo espírito carioca Oscar D’Argonnel. Para Sonia Rinaldi, embora não tivesse sido gravado, trata-se do registro mais antigo e documentado do mundo em relação a contatos com outros planos de existência. Essas comunicações foram relatadas por D’Argonnel em seu livro *Vozes do Além pelo Telefone; Novo e Admirável Sistema de Comunicação; Os Espíritos Falando pelo Telefone*”, publicado em 1925. Na publicação, são citadas diversas testemunhas – como o Frei Solanuns e o empresário Fred Figner, fundador, no Rio, da conhecida Casa Édison – de ligações

recebidas pelo autor e por outras pessoas de um ser já desencarnado que se identificava como padre Manoel.

Segundo pesquisas do presidente do Lar de Frei Luiz, consultando entidades desencarnadas, os espíritos se utilizam das caixas de distribuição de telefones, fazendo eles próprios a ligação, por força mental, ou pedindo de qualquer aparelho a ligação a uma telefonista. D'Argonnel relata que, além do padre, eram ouvidas pelo telefone mensagens de outros desencarnados e até músicas diversas, como óperas. O espírita descreve uma das ligações que recebeu do padre, no dia do seu aniversário:

– Às 7 horas do dia de meu aniversário natalício, em 1918, o telefone de minha casa tocou. Fui atendê-lo. Depois do chiar costumeiro, ouvi a voz do padre Manoel dizer: “D'Argonnel, cumprimento-o pelo dia de hoje, desejando que Deus lhe proporcione inúmeras felicidades. Não desligue o aparelho, pois Barreto vai orar por você”. Em seguida, ouvi a voz calma e vigorosa deste espírito orando por mim. E isso emocionou-me de tal modo que me senti pequenino, uma nulidade, e perguntava a mim mesmo qual o mérito que eu possuía para tamanha graça. Não me pude conter; as lágrimas saíram. Depois de terminar a prece de Barreto, alguns irmãos do espaço pediram sucessivamente a palavra, e cada um falou por sua vez; como, porém, se exprimiam muito baixo, não pude perceber o que diziam.

Amigo do autor, o empresário Figner não acreditava nas histórias que ele contava, até que, por diversas vezes, ele e a mulher ouviram a voz rouca do padre Manoel ao telefone. “Eu, hoje, não tenho a menor dúvida de que os espíritos se podem comunicar com os homens pelo aparelho telefônico. Penitencio-me, publicamente, por ter posto em dúvida a palavra de meu amigo e confrade Oscar D'Argonnel, quando ele me disse, pela primeira vez, que os espíritos lhe falavam pelo telefone”, deixou ele registrado, no livro do amigo.

Muitas experiências do gênero passariam a ser realizadas no Lar de Frei Luiz a partir de 1970, quando telefonemas de Frei Luiz começaram a ser recebidos. Segundo Rocha Lima, “os espíritos informam que a voz emitida pelos desencarnados, pelo telefone, é quase imperceptível e se, a ouvimos forte, é devido ao poderoso auxílio da corrente elétrica do aparelho”. Antes e depois da comunicação, ouve-se

o telefone chiar. Às vezes, as vozes são roucas, imperceptíveis; outras vezes, claras, bem nítidas. “Isso depende do estado do médium de quem tiram a força. Os espíritos para falarem no telefone não se servem dos órgãos materiais do médium, simplesmente de seu ectoplasma exteriorizado.” As qualidades vibratórias do médium explicariam assim as imperfeições de algumas chamadas.

Nas experiências desenvolvidas por Rocha Lima, a presença do médium de efeitos físicos e de seu ectoplasma era fundamental. Mas, hoje em dia, segundo Sonia Rinaldi, as próprias entidades extrafísicas se especializaram tanto nesses tipos de comunicação que prescindem, inclusive, da presença desses médiuns, como no caso das mensagens transmitidas por computadores.

Para aperfeiçoar os experimentos realizados no Lar, Rocha Lima inaugurou, em abril de 1984, um pequeno prédio em formato piramidal, de cerca de 9 m², com um leito de repouso para o médium de efeitos físicos e um telefone. No aparelho, foi conectada uma mesa de gravação. Segundo o presidente, dentro da pirâmide eram gerados campos de energia que facilitavam as comunicações. Inúmeras mensagens telefônicas foram então gravadas, de pessoas já desencarnadas, com informações sobre esferas astrais e o trabalho do grupo.

Como havia demonstrado desde o início dos trabalhos espirituais, quando já usava o telefone para livrar o pequeno Gilberto de ataques mais graves de entidades obsessoras – pedindo que orasse e colocasse a parte da escuta do aparelho em sua testa –, Rocha Lima sabia do potencial desse instrumento para ajudar nos tratamentos de cura a distância. Por diversas vezes, cuidou de pessoas que lhe telefonavam em busca de auxílio, orientando-as a colocar o aparelho na parte doente. Fazia então mentalizações, pedindo ajuda a espíritos de luz.

Os telefones podem também ser utilizados para se avisar que alguém vai desencarnar. O presidente do Lar relatou um telefonema recebido, em 4 de dezembro de 1978, de Frederick, avisando-o para orar pelo médium Hugo Manoel Pisani, que estava muito doente. “Estou falando de um telefone perto de sua residência. Disponho de pouco ectoplasma. Ore por Pisani, hoje, à meia-noite. Ele vai ser aliviado de seus sofrimentos. Vai ser operado!”

À meia-noite em ponto, Pisani desencarnaria, parando de sofrer.

Ajudas diversas são dadas a distância. Uma vez, em um momento crítico de sua administração à frente da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, o médico Ronaldo Gazolla recebeu um telefonema. Ao pegar no aparelho, se surpreendeu com Frei Luiz do outro lado da linha, que passou a aconselhá-lo sobre a melhor maneira de agir naquela difícil situação, em que precisava tomar decisões importantes.

No entanto, como demonstrado pelas experiências realizadas no Lar de Frei Luiz, os telefones não são usados apenas para mensagens e ensinamentos positivos. Seres trevosos também usam os aparelhos para passar trotes, ameaças, xingamentos e até lançar cargas negativas para atingir alguém. O médium Gilberto, por exemplo, sempre foi muito assediado por entidades que vibram negativamente.

Em 9 de maio de 1983, por exemplo, ele receberia uma ligação em que “uma voz rouca e grossa” ameaçava-o, avisando que iria ser posto na porta de sua oficina um “despacho” e que dessa magia negra não escaparia. De fato, um despacho foi colocado. Mas, como em situações semelhantes, seus efeitos foram neutralizados em uma reunião de antigoécia.

Embora os experimentos no Lar tenham se restringido até agora ao uso do telefone por entidades desencarnadas, em várias partes do planeta outros cientistas de ponta se dedicam a estudar comunicações vindas de outras dimensões através de aparelhos como rádios, computadores e televisores. Desde os anos 1980, por exemplo, pesquisadores da Alemanha e de Luxemburgo têm registrado fotografias de pessoas desencarnadas, captadas em meio aos chuviscos da tela de aparelhos de TV.

A metodologia dessas experiências é semelhante: uma câmera de vídeo é apontada para uma tela de televisão, com o aparelho sintonizado num canal livre, ou seja, transmitindo chuviscos. Depois, a imagem filmada pela câmera é passada em velocidade muito baixa, até que figuras “geralmente nítidas” surgem em forma de fotogramas. Para o físico e engenheiro elétrico alemão Ernst Senkowski, um dos maiores estudiosos do assunto, são necessárias capacidades mediúnicas para ajudar nessas comunicações.

Isso tudo pode parecer coisa de ficção científica ou puro charlatanismo, mas até a tradicionalmente conservadora Igreja Católica já se dobrou a esses fenômenos, incentivando algumas pesquisas. Sob beneplácido do Vaticano, o padre francês François Brune virou – a partir de suas pesquisas em Paris – uma das maiores autoridades mundiais da chamada TCI. Lógico que, por trás de suas explicações de teólogo, não se encontram os fundamentos do espiritismo, mas em seus livros, como *Os Mortos nos Falam*, e como integrante de diversas associações europeias de TCI, o padre é considerado um papa no assunto.

Em entrevista concedida, em 23 de setembro de 1988, à prestigiada revista francesa *Paris Match*, o padre Brune assinalava que até então a sobrevivência do homem após a morte era um artigo de fé: acreditava-se ou não. “Hoje, a questão da sobrevivência ‘pós-mortem’ está em vias de impor-se como uma evidência científica.”

Em meio aos incrédulos, o interesse das pessoas em geral nessas experiências e em assuntos correlatos tem aumentado tanto que a própria grande imprensa, tão refratária a esses temas, volta e meia se dobra à corrente renovadora do pensamento, produzindo matérias e programas interessantes que procuram informar – e não denegrir, ridicularizar.

Foi o caso do *Globo Repórter* de 24 de abril de 1998, da Rede Globo, que teve a TCI como tema. Experimentos feitos no Brasil e no exterior foram relatados por pessoas como o padre Brune e o físico Senkowski. Ao final, apresentou-se o resultado de uma pesquisa interativa com os telespectadores do programa, um dos campeões de audiência dessa potente rede de TV brasileira. A grande maioria afirmou acreditar nesses fenômenos. Cerca de 80% dos pesquisados responderam que acreditavam que, realmente, espíritos se utilizavam de diferentes aparelhos para se comunicar com os vivos. Cerca de 5% achavam que a ciência explicaria esses fenômenos, e não a espiritualidade. E, finalmente, 15% disseram se tratar de ilusão ou fraude.

Ou seja: para a grande maioria, que assistiu ao programa, não existe apenas uma realidade material, mas vida após a morte do corpo físico.



Adorado em Petrópolis (RJ), cidade onde viveu a maior parte de sua vida religiosa, o frade alemão que ficou conhecido como Frei Luiz, da ordem dos franciscanos, vivia cercado de crianças



O químico Luiz da Rocha Lima e sua mulher, Astéria, não tiveram filhos, mas adotaram e dedicaram a sua vida à infância carente, criando o Educandário Lar de Frei Luiz



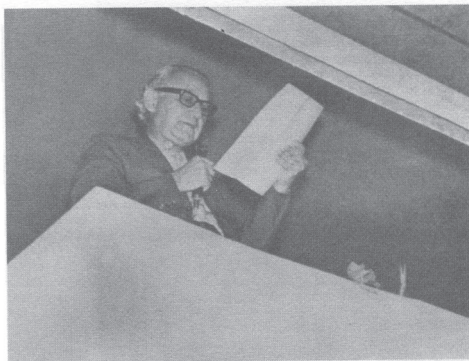
Assim como o espírito do médico alemão Frederick von Stein (ver foto de sua materialização, na capa), o espírito materializado do árabe Ahmed foi fotografado durante sessão de cura espiritual no Lar de Frei Luiz, portando verga de madeira para tratamento de enfermos



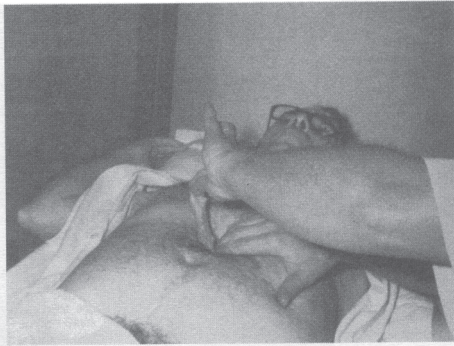
Um dos maiores colaboradores do Lar de Frei Luiz, o empresário Hugo Manoel Pisani adorava cuidar das crianças do educandário



Nas reuniões de antigoécia, eram comuns as materializações de objetos usados em trabalhos de magia negra (como bonecos com o corpo repleto de alfinetes) contra a obra do Lar de Frei Luiz



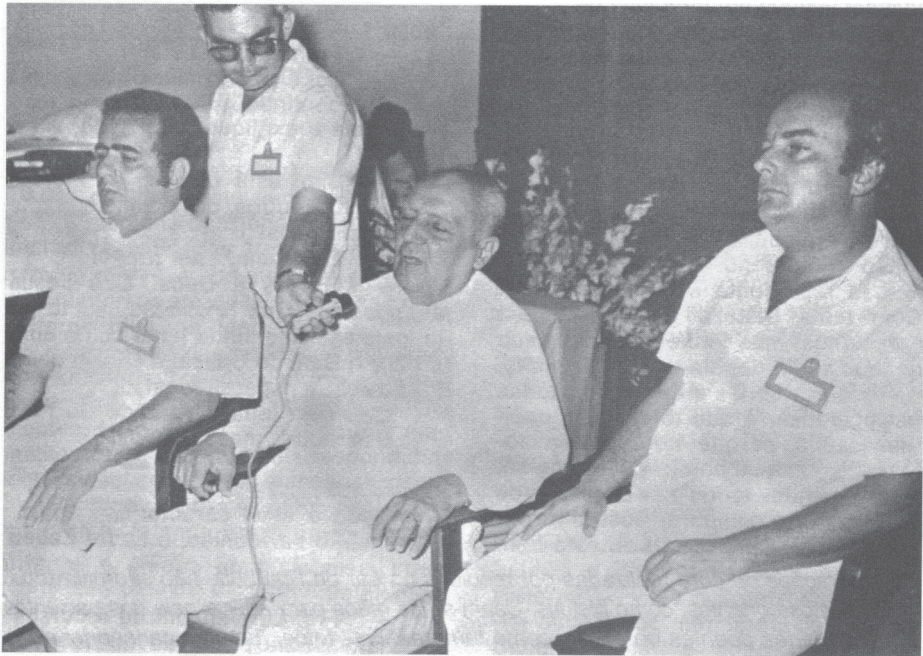
O renomado psiquiatra Lauro Neiva foi um grande defensor das operações espirituais como uma ajuda para a medicina e a psicoterapia terrestres



Em operações de cura realizadas por médiuns no Lar de Frei Luiz, não são utilizados instrumentos cortantes, como bisturis. Usam-se as mãos para abrir a pele dos pacientes e retirar partes doentes do corpo, como tumores. Nas fotos, tumor cancerígeno é tirado pelo médium Gilberto Arruda, ao incorporar o espírito do médico Frederick von Stein, que também costuma se materializar para realizar operações



O engenheiro Armando Ramos e Silva foi um dos grandes médiuns de efeitos físicos do Lar de Frei Luiz, ajudando a materializar vários espíritos



Luiz da Rocha Lima, na foto acima ao lado dos médiuns Gilberto Arruda (à direita) e Ivan Ferreira de Castro (à esquerda), fazia pregações espirituais memoráveis

CAPÍTULO 4

CIDADE DO AMOR

Semente do Amanhã

O resultado da pesquisa da Rede Globo é mais um dos inúmeros indícios do crescimento da corrente mundial batizada de Nova Era, formada por cientistas, intelectuais, profissionais de toda a ordem, anônimos ou famosos, que já se deram conta de que não existe apenas a realidade que vivenciamos com os nossos cinco sentidos. Os envolvidos com essa nova filosofia de vida sabem que só poderemos dar a volta por cima, tirando a Terra desse buraco catastrófico e destruidor em que se encontra – feito de vaidades consumistas, guerras e dramas sociais e ambientais tenebrosos –, se conseguirmos unir, conscientemente, o pensamento racional e espiritual, a ciência e a intuição, o individual e o social – criando uma solidariedade fraterna capaz de levar à frente a bandeira do Amor Universal.

No entanto, ainda são gigantescos os preconceitos e até o despreparo individual da maioria para engrossar, harmonicamente, essa corrente renovadora. No entanto, para que a humanidade consiga se renovar, sem se afundar cada vez mais na ignorância, nas guerras, nas desigualdades sociais e econômicas – e no desastre ambiental –, em todo o planeta, inúmeras pessoas, quem sabe milhões, procuram fazer a sua parte, de forma honesta e sincera, mesmo com limitações de ordem material e psicológica.

Luiz da Rocha Lima fez a parte dele. Tudo que estudou e produziu, com o apoio de abnegados amigos e colaboradores, em nome da caridade social, demonstra a existência de outras dimensões energéticas – além da nossa primária realidade física – e a necessidade de reformarmos nossos paradigmas internos e a cultura cartesiana da “sociedade moderna”.

Com a chama da esperança acesa, o Lar de Frei Luiz vem contribuindo para plantar o amanhã e fortalecer essa visão contemporânea, pesquisando temas como o processo encarnatório, o porquê de estarmos aqui e como isso pode nos ajudar a melhorar a nossa qualidade de vida, individual e social. A sede do Lar não fica lotada semanalmente à toa.

Se milhares comparecem ao local, é porque obtiveram ou ouviram falar de algum benefício ou fenômeno.

Seria pueril achar que pessoas de variadas origens sociais – das mais populares às mais abastadas, das mais simples às mais intelectualizadas – podem ser enganadas por tanto tempo. Se estão ali, é porque informações se cruzam, são checadas, batem umas com as outras, fornecendo certezas – mínimas que sejam – a respeito da seriedade dos trabalhos de cura e do objetivo social da obra.

A partir desse forte movimento de credibilidade e apoio, Rocha Lima conseguiu cumprir o que havia prometido a Frei Luiz: usar as materializações, as operações de cura e de apoio espiritual em prol dos mais necessitados, principalmente das crianças carentes.

Promessa realizada em meio a muito suor e lágrimas. O presidente do grupo sofreu, foi desacreditado por uns, mas persistiu. As dívidas financeiras não foram pequenas, mas ele sempre acreditou no apoio dos seus mentores de luz e nas doações dos seus irmãos de jornada. Se alguém duvidava que seria capaz de erguer o Lar, cuidando das crianças, defendia a importância do pensamento positivo. Mesmo sem um tostão furado no bolso, jamais desanimava.

– Sabe o que ele dizia? – lembra Ronaldo Gazolla: “Nunca ache que não vai fazer, porque toda a vez que você tiver dúvida, já não aconteceu. Toda vez que você tiver certeza, você já materializou aquilo que você quer. Toda vez que você quiser uma coisa, tenha a certeza absoluta de que você vai conseguir, porque se você tiver um pouco de dúvida no meio do caminho, já não vai acontecer”.

Conseguiu, assim, criar a Minicidade do Amor.

A expressão surgiu em 1969, na época da compra do terreno de 92 mil m² na Estrada da Boiuna, em Jacarepaguá, que se transformaria na sede do Lar de Frei Luiz. O médium Ivan Ferreira de Castro lembra quando Rocha Lima reuniu colaboradores para uma oração debaixo do grande tamarineiro existente na área, que acabaria virando um símbolo da obra.

– Nós não éramos um grupo muito grande. Naquele tempo, éramos uns 50, 60, não mais do que isso. Então, ele fez a prece ali debaixo daquele tamarineiro e disse: “Olha, muito em breve nós vamos transformar essa área numa minicidade”.

Ao olhar aquele pântano cheio de mato, alguns ficaram um tanto desanimados. Ivan lembra da reação de um dos mais fraternos colaboradores da obra, Hugo Manoel Pisani, ainda sem entender por que “o Rocha” havia decidido comprar aquela área toda, “se a metade dava pra fazer” o que queria. Gazolla conta que as dúvidas ainda persistiam mais de dez anos depois, em meio à construção do prédio central do Lar de Frei Luiz, o Santuário Luiz da Rocha Lima, que seria inaugurado, em julho de 1983, com auditório de 300 lugares, salas para operações, educação mediúnica e administração.

– O Rocha Lima me dizia assim: “Tem que construir tudo grande. O Piccolotto está com medo de construir esse auditório maior, mas ele não sabe, é difícil de ele entender que isso aqui vai ficar pequeno”. Todo domingo, tinha reunião com 20, 30 pessoas, e ele dizia assim: “Olha, meu filho, você espera que isso aqui não vai caber de tanta gente. Tudo vai ficar pequeno”. Muita gente não acreditava, até ria, dizia que o Dr. Rocha Lima estava variando.

Década de 1990. A Minicidade do Amor já estava lotada de gente, em suas sessões públicas semanais de quarta-feira e quinzenais de domingo. Milhares de pessoas, pobres, ricas, de classe média, vindas de ônibus ou de carro, alguns importados, rodavam por ali em busca de alguma sala de apoio espiritual ou mesmo para conhecer suas alamedas e recantos.

Do passe mais simples, para a limpeza energética do corpo, às cirurgias espirituais mais complexas, para a retirada de tumores, existem várias salas de apoio espalhadas pela minicidade. Dentre os prédios de cura, se destaca o Santuário de Frei Luiz, a chamada nave de materializações. Para ajudar a levantar recursos para a obra, funcionam, entre outros, cantinas, padaria, quiosque de artesanato e uma livraria com publicações diversas, misturando títulos espíritas, iogues, budistas, de terapia de vidas passadas e de outros temas ligados à espiritualidade.

Dependendo do dia das sessões públicas, de três mil a quatro mil pessoas circulam pelo local. Dessa gente toda, nada se cobra, embora uma doação qualquer seja sempre bem-vinda, nem que seja um tubo de pasta de dente ou um remédio para a farmácia do ambulatório, que oferece serviços médicos gratuitos aos moradores do Lar e da vizinhança. Mas o que se espera mesmo, antes de tudo, é a boa vontade

de todos, a sua disciplina, a sua confiança na cura e um coração aberto à caridade e ajuda ao próximo.

Infelizmente, é nesse ponto, razão básica da existência do Lar, que muitos demonstram não estar preparados para plantar um mundo melhor. A maioria dos frequentadores parece nem se dar conta da magnitude dessa obra social, da existência de 250 crianças e de 30 idosos que precisam de apoio, mesmo um olhar mais carinhoso, um gesto terno, meigo, um abraço mais afetuoso.

Na ânsia de algum benefício, da cura de uma doença mais grave, boa parte se mostra alheia a todo um sacrifício para que, um dia, essas crianças possam se tornar adultos honestos, solidários, profissionalmente preparados para, pelo menos, se equilibrarem neste país de imensas injustiças sociais e culturais e neste mundo de provas e expiações.

Embora, em geral, a parte de doações esteja bem coberta, com as crianças e os idosos vendo suas necessidades básicas atendidas, com alimentação e roupas suficientes, faltam recursos para se melhorarem os serviços de atendimento. “Às vezes, você não tem certeza da verba, não dá para fazer um planejamento orçamentário. É muito complicado”, assinala o ex-diretor social do Lar Agenor Afonso do Amaral.

Para ele, com uma fonte financeira segura, tudo ficaria mais fácil. Seria possível, por exemplo, pagar um salário melhor para “as tias” que cuidam dessa criançada – o que possibilitaria uma seleção mais rigorosa delas. Com mais verba, poderiam inclusive ser contratados mais funcionários para cuidar da parte disciplinar ou até mesmo para levar a garotada, com mais assiduidade, para passear ou participar de alguma atividade educacional.

Mesmo existindo um grupo de abnegados colaboradores e de pessoas pagas para cuidar dessas crianças, desde que entram no Lar, muitas vezes ainda bebês, a demanda de trabalho é grande, sendo necessário que se desdobrem para oferecer um apoio minimamente adequado.

Cuidar de crianças é sempre difícil, ainda mais vindas de famílias desestruturadas, com condições econômicas e emocionais precárias. Por mais afeto e segurança que essa menina consiga encontrar no Lar, a primeira dificuldade tem a ver com uma falta básica: os pais. Até existe apoio de psicólogos para se tentar equilibrar o emocional das

crianças, mas a raiz da dor persiste. “Pai e mãe são insubstituíveis. Por pior que seja o pai, por pior que seja a mãe, sempre é seu pai, sempre é sua mãe”, diz Mônica Neiva Dorsi de Almeida, neta de Lauro Neiva e, desde a infância, colaboradora do educandário.

Essa lacuna afetiva ficava evidente quando se entrava numa das casas onde costumavam viver as crianças, separadas por sexo e faixa etária. Sempre aparecia alguém emocionalmente carente, doido para abraçar, para receber um afago, um sinal de carinho que seja.

Em meados da primeira década do século 21, devido a novas regras instituídas pela legislação de apoio à criança e ao adolescente, as meninas e os meninos assistidos não puderam mais morar no Lar de Frei Luiz, tendo que regressar diariamente para as casas de suas famílias. No entanto, antes da implantação dessa nova metodologia de assistência, Mônica e o marido Paulo Ignácio de Almeida Filho foram padrinhos de casa no Lar de Frei Luiz de um grupo de adolescentes. Dessa rica experiência – “foi uma coisa muito construtiva para nós como pessoas” –, ela percebeu que um maior envolvimento dos frequentadores com a parte social ajudaria o futuro dessas crianças. “Eles poderiam pelo menos se tocar que existe toda essa obra social por trás.”

Esse apoio voluntário serviria para minorar um problema complexo: a hora da saída. Quando se encaminhava para o final da adolescência, com seus 16, 17 anos – ou mesmo antes, quando se dava uma eventual recuperação do ambiente familiar –, essa garotada precisava deixar a Minicidade do Amor. Isto depois de se acostumar a um modo de vida que, dificilmente, encontraria lá fora, na selva urbana.

Atualmente, embora não morem mais ali, essas crianças ou ficam diariamente na creche do Lar de Frei Luiz ou, já com mais idade, são inscritas em colégios da região – passando então metade do dia na escola e a outra, no Lar. Na Minicidade do Amor, vivem bem alimentadas e participando de atividades de reforço escolar, como aulas extras de português, de matemática, de computação e de música, além de passeios, como visitas guiadas a museus – retornando mais tarde para dormir com suas famílias.

Posteriormente, porém, fica difícil encaminhar esses rapazes e moças – limitados pelas condições financeiras e sociais de suas

famílias – para uma faculdade ou um trabalho mais especializado, em busca de uma melhor colocação neste Brasil dito democrático. Para muitos, assim, acaba sendo um choque quando se veem às voltas com um emprego mais modesto, ganhando pouco mais do que um salário mínimo e, além disso, tendo que bancar suas despesas com alimentação e moradia ou mesmo dividir a minguada renda com a família.

– Nossa preocupação era conseguir encaminhar um ser humano psicologicamente forte para “aceitar” a sua nova situação. O nosso grande problema era fazer com que as crianças saíssem daqui com essa percepção de que o mundo lá fora não é o mesmo que aqui dentro. A gente sabe que o mundo lá fora é muito mais hostil. Nós procurávamos ensinar que é preciso ter cuidado com o que o mundo vai oferecer, porque lá fora é sempre mais fácil ir pro lado errado – diz Mônica.

Assim, para facilitar esse rito de passagem e dar mais chances na vida a essas crianças, ela considera fundamental um maior engajamento de frequentadores do Lar no serviço voluntário, colocando-se à disposição para ensinar alguma tarefa relacionada com seus conhecimentos profissionais – nem que seja um dia por semestre –, como corte e costura e computação. Quem sabe algumas pessoas não pudessem engrossar a prática já existente de se oferecerem estágios em escritórios, fábricas ou lojas.

Encaminhar as crianças para um emprego, dar-lhes uma base profissional, envolvê-las em alguma atividade, sempre foi uma das maiores preocupações do Lar. Em mensagem pelo telefone, gravada em 4 de dezembro de 1986, Frei Luiz assinalou a importância desse tipo de aprendizado:

– Há necessidade de disciplina, de trabalho, porque nós não podemos criar estes jovens na ociosidade, não podemos em hipótese alguma criar estas meninas na indisciplina, porque senão será um trabalho totalmente perdido, porque são espíritos que vieram das trevas. Espíritos que precisam ser burilados.

No Lar de Frei Luiz, dependendo do seu interesse e aptidão, os meninos e meninas são incentivados a aprender a trabalhar na padaria, na sala de artes, a participar de um coral ou confeccionar artesanato. Há cursos de computação, e elas também podem se envolver com

atividades administrativas, como o recolhimento de doações. Ou seja, o objetivo é dar sempre uma função a elas, nem que seja em serviços domésticos, como aprender a lidar com a cozinha, a arrumar suas camas. Mesmo o grupo de crianças especiais, com alguma dificuldade mental, é incentivado a se engajar em determinadas tarefas, como cantar ou participar de jogos e brincadeiras que estimulem a criatividade.

As dificuldades existem, mas para muitos tudo vale a pena se o resultado for alguém feliz. “O importante é você ver aquelas crianças sorrindo. Quando elas estão sorrindo, é sinal de que, de certa forma, você está conseguindo alguma coisa”, afirma Agenor.

Mônica vibra quando, em uma festa no Lar ou por outro motivo qualquer, aparecem antigas crianças assistidas, em busca de uma palavra amiga. “Outra coisa bonita é quando você vê alguém voltando com a sua mulher, o seu marido, o seu filhinho. Aí mesmo é que você fica mais emocionado.”

De tudo isso, fica uma lição: caso os frequentadores não atentem mais de perto para a realidade das crianças e dos jovens do Lar ou mesmo dos que perambulam pelas ruas da vida, existirá sempre uma lacuna em relação àquilo que Frei Luiz e Rocha Lima pregaram: a caridade acima de qualquer coisa. Pois mesmo para haver a cura, é preciso, antes de mais nada, que nos empenhemos para ajudar o próximo, para construir uma sociedade mais harmoniosa e justa.

Num recado claro para os que buscam a cura de males diversos no Lar, o presidente do grupo fez uma longa palestra, em 23 de novembro de 1986, intitulada de “A Fé Permanente”. Ao discorrer sobre a importância de as pessoas acreditarem em sua cura – “A fé é coisa sagrada, onipotente e divina, a chave dela está no Cristo dentro de nós” –, lembrou que “a fé vive junto da caridade, não pode haver caridade sem amor”.

E para se praticar essa caridade e senti-la, Rocha Lima defendia que se fizesse “como Francisco de Assis e Mahatma Gandhi e todos aqueles que cogitaram unicamente dos seus irmãos sofredores, todos aqueles que sabem ajudar a carregar a cruz dos seus irmãos, todos aqueles que não se deixam pensar e envolver negativamente com os sentimentos infantis”.

– Por isso – continuou –, quando nós adotamos uma criança louca e bela é o egoísmo, é uma maneira muito diferente, não estamos fazendo nada de notável para nós; mas quando adotamos esses párias da sociedade, essas criaturas de cor, esses meninos que nada têm para nos retribuir, nós estamos recebendo, nos entrosando com o nosso Cristo; estamos pouco a pouco nos cristificando, porque estamos praticando a verdadeira caridade. Dar sem receber, sem espera de recompensa, sem esperar elogio, sem vaidade, sem nos tornarmos filotímicos, para que todos pronunciem, elogiem, nossa palavra, nosso verbo, todos os nossos atos.

Não é à toa assim que, por mais que tenha liderado a construção de uma obra de grande repercussão, Rocha Lima sempre dizia ser avesso ao sensacionalismo. Os amigos são unânimes em reconhecer que, somente pressionado por Frei Luiz e outros guias espirituais, ele aceitou escrever seus livros ou ver batizado o prédio principal do Lar como Santuário Rocha Lima.

Tampouco gostava de reportagens, por temer que o grupo mediúnico fosse levado a se enfraquecer, tocado pela vaidade. Para ele, a mediunidade era para servir, para ajudar – e não para ser exibida.

Pela Infância

Um episódio ocorrido em 1º. de janeiro de 1971, quando Rocha Lima presenteou um menino do Lar de Frei Luiz com uma simples bola, demonstra o carinho que tinha com aqueles que adotava. Ele e Astéria haviam acabado de chegar ao Lar, que ainda funcionava na Estrada do Rio Grande, quando a “criança sofredora”, já adaptada à vida do lugar, foi abraçá-lo. Seu pai, “ébrio contumaz”, vivia pondo um copo de cachaça ao seu lado, obrigando-o a bebê-lo. Se o menino recusava, o pai queimava-o com ponta de cigarro. “Ele me abraçando, satisfeito e feliz com a bola que lhe presentearmos, naquele instante senti a presença divina dentro de mim... através do sorriso de uma criança sofredora”, escreveu, em *Mensagens dos Espíritos pelo Telefone*.

Mesmo diante do sofrimento alheio, Rocha Lima não se sentia impotente. Pelo contrário. Apesar das diversidades de toda a ordem, persistia em sua luta. Em suas palestras e conversas, costumava dizer que “a dor nos liberta da dor”, conduzindo-nos “à felicidade, à melhor compreensão das coisas”, por afastar as pessoas “da cegueira espiritual do orgulho e da vaidade”.

Para ele, mesmo que as crianças e outros sofressem, Jesus havia mostrado, pelo exemplo de sua vida, que era preciso que suportássemos a dor, para que pudéssemos compreender que através dela é que “nós todos adquiriremos a luz”.

A vida de Jesus e seus ensinamentos eram sempre uma referência para o presidente do Lar. Essa moral cristã, recuperada pelo espiritismo, é a base educacional que Rocha Lima sempre procurou passar para as crianças do educandário, desde que entravam ali. Alguns o censuravam por ministrar aulas aos domingos para crianças tão novas, de cerca de três anos, achando que elas não entenderiam nada. Mas ele insistia, achando que aqueles ensinamentos ficavam registrados na mente delas, em seu subconsciente, evitando que mais tarde fizessem alguma besteira na vida. “Domingo era sempre palestra para as crianças lá no orfanato. Sempre uma palestra, uma conversa”, lembra o coronel Paulo Ruy Portella.

Mais tarde, quando da compra do terreno da Boiuna e da transferência do educandário da Estrada do Rio Grande para o local, as palestras passariam a ser realizadas na Casa de Felipe, nome dado ao prédio destinado à hospedagem dos idosos. As falas de conteúdo moral, porém, não se limitavam às crianças, idosos e outros frequentadores do Lar. Rocha Lima costumava acordar cedo, às cinco da manhã, e, ao chegar pontualmente, às sete horas, na Vixoid, a “Fábrica do Amor”, fazia sempre uma prece para os operários.

No dia a dia da pequena fábrica de produtos de limpeza, que montou para ajudar a angariar recursos para a obra, contava sempre com o apoio de Astéria. “Eles eram tão unidos que era difícil se separarem. Quando ele ia para a fábrica, ela ia. Ele ficava supervisionando os operários, e ela ficava no serviço de escritório”, lembra a filha Marilene.

Era uma rotina pesada, ainda mais para um homem de idade, mas ele não desanimava. Naquela época, além de tocar os negócios da pequena fábrica e se envolver com os trabalhos do grupo, ainda dava expediente como químico industrial na Companhia Carioca Industrial. Mas, em 25 de fevereiro de 1969, ciente de que não conseguiria dar conta do recado, fez sua escolha, enviando carta para a direção da companhia, em que, “humildemente”, levado “por circunstâncias imperiosas e aleatórias” a sua vontade, pedia demissão do cargo.

Falava então de suas responsabilidades à frente de uma obra filantrópica e das tarefas diárias do educandário. “Este empreendimento é razão de ser de minha vida”, assinalou. Em resposta, por carta, o diretor Bernardo Carneiro Filho lamentou a perda de “um dos mais eficientes e laboriosos” dos seus colaboradores e de “um amigo sincero e honesto”. Mas, por outro lado, alegrava-se e o parabenizava por se dedicar “a uma obra de alto valor social e humano”.

Por um bom tempo, até que fechasse as portas por causa de dívidas, a “Fábrica do Amor” seria a base dos recursos financeiros para a construção e manutenção do educandário. Organizada por Rocha Lima e mais três sócios – “dois espíritas e um católico” –, em fevereiro de 1960, a pequena fábrica destinava 70% dos seus lucros ao Lar de Frei Luiz. Nascida de um sonho que Rocha Lima teve no final dos anos 1950, tornaria viável a construção de um abrigo para crianças.

A chefia de venda dos produtos foi entregue a Pisani, definido por Rocha Lima como “um dos antigos e mais abnegados irmãos do grupo”. Inicialmente instalada em um anexo do centro espírita da Travessa Santa Martinha, no bairro da Abolição, a fábrica passaria para um prédio em Manguinhos e, finalmente, nos anos 1970, para a sede do Lar, na Boiuna. Com pequenas doações que chegavam e a inauguração da “Fábrica do Amor”, aumentava a confiança de Rocha Lima na concretização do objetivo maior de sua missão: a criação de um educandário.

Ele sempre confiou que, no futuro, algum benfeitor acabaria doando um terreno para o Lar – assim como aconteceu com o imóvel da Abolição que, presenteado ao grupo em 1952, se tornaria o primeiro ponto público de referência de suas reuniões de base espírita. Finalmente, em 1962, uma entidade atacada incorporou em um médium e, após passar por uma sessão de desobsessão, “radicalmente transformado” dirigiu-se a Rocha Lima, “numa linguagem entre zombeteira e amistosa”:

– Você que tem vencido à custa de grandes dificuldades, como quer vencer esperando doação de terreno? Não seja tolo! Compre um terreno, meta a cara e não lhe faltará um tijolo! Você vai encontrar o terreno apropriado para comprar!

De fato, dias depois desse encontro inesperado, um amigo do presidente do grupo, Odylio Kropf de Carvalho, indicaria um terreno com uma casa velha na Estrada do Rio Grande, perto de sua residência em Jacarepaguá. Aprovado pelas entidades, o terreno foi adquirido em 25 de outubro de 1962 pelo grupo do centro espírita de Frei Luiz. A partir de então, contando com o trabalho gratuito do engenheiro Carlos Cunha, que integrava o grupo, começaria a reforma e ampliação da casa antiga, a fim de abrigar, inicialmente, 36 meninos carentes.

Depois de muita luta, em 20 de setembro de 1964, seria inaugurado oficialmente o primeiro núcleo do orfanato, batizado de Educandário Social Lar de Frei Luiz. Mas apenas a primeira grande batalha estava vencida. Ao citar esse importante momento em seu livro *Memórias de um Presidente de Trabalhos*, Rocha Lima lembrou ter sido necessário muito esforço para se restabelecer a harmonia do grupo:

– Irmãos se arvoram superiores uns aos outros, através de melindres, suscetibilidades, intrigas. Só visavam ao Poder – para mandar e ordenar, esquecidos de que o verdadeiro Poder está no Servir. Não acreditavam que o Lar de Frei Luiz fosse construído. Isso era uma quimera para eles, e quando, já construído e inaugurado, assoalhavam zombeteiramente que as crianças nunca viriam. Estes nos deixaram imensa tristeza. Hoje onde estão?

Novas lutas viriam pela frente, Rocha Lima e outros colaboradores sempre se desdobrando para conseguir recursos para manter e ampliar o Lar. Frequentavam até feiras livres para obter alimentos mais baratos para seus meninos e meninas.

– Poucos souberam quanto suor, quanto trabalho, quanta lágrima marcaram essa jornada que eu palmilhei, ao lado de minha esposa, para não deixar ruir o ideal cuja bandeira Frei Luiz me pôs nas mãos; quanto chorei pelos irmãozinhos que ficaram na estrada, vencidos pela irreflexão, e quanto ainda oro por eles, na esperança de que abram os braços ao Pai Celestial pedindo-lhe a misericórdia de Seu perdão. Quanto apoio me foi negado por quem poderia tê-lo oferecido, não a mim nem por mim, senão em favor do próximo, das criancinhas órfãs – escreveu ele em *Forças do Espírito*.

Era uma dedicação sincera, do fundo do coração, segundo as pessoas que acompanharam boa parte de sua trajetória à frente do Lar. “Você sentia quando conversava com ele: o Rocha Lima vivia para o mundo espiritual, não tinha coisas materiais para ele”, afirma o médium Ivan. “Ele conquistava recursos porque tinha que fazer as obras e tudo o mais, mas ele não tinha ambição material. Ele tinha era muito amor, muita vontade, um coração muito grande.”

O empresário Agenor Afonso do Amaral, que foi diretor do Lar, também testemunhou essa dedicação extrema: “Desde o início era correndo atrás de tostão e pedindo. Ele não tinha vergonha de pedir, pedia mesmo. E quando ele me dava uma tarefa para pedir, eu passava um sufoco enorme, porque eu não sabia pedir”.

Assim, com muita perseverança, o Lar foi crescendo. No final de 1969, após dois anos de obras e muito esforço, seria inaugurado, no lugar da casa reformada na Estrada do Rio Grande, um prédio de

três pavimentos, o que possibilitaria a criação de cem vagas para os meninos. Sem os recursos da “Fábrica do Amor”, parte do salário de Rocha Lima, doações financeiras e materiais, o edifício não teria saído do papel. Alvacoeli Neiva, a Celinha, lembra quando, aos domingos, eram promovidos chás beneficentes no jardim do educandário, para angariar mais recursos. Saíam ela, a filha Suzette e a neta Mônica para vender cartõezinhos convidando para as festas. “Era tudo pequeno, com poucas pessoas. Mas Frei Luiz sempre aparecia e dizia: ‘Meus filhos, não desanimem porque nós vamos fazer um grande orfanato. Vocês vão ver que os recursos vão chegando’.”

Celinha recorda quando apareceu um português rico que, ao saber das mensagens de Frei Luiz e do propósito da obra, afirmou: “Vamos então fazer uma coisa maior aqui, isto aqui está muito pequeno. Eu concorro com a madeira toda e com mais algum dinheiro, se for preciso”. Dali para o prédio de três andares, foi um pulo.

– Assim fomos chegando. Um arranjava tijolo, outro arranjava isso ou aquilo, e construímos aquele prédio. Ali já tínhamos gabinete dentário e dormitório dos meninos, tudo muito direitinho – conta.

Paulo Ruy relembra que, desde o início, Rocha Lima teve a preocupação de abrigar apenas meninos, por achar que era mais fácil se encontrar orfanatos para meninas. “Tanto que até hoje o Lar de Frei Luiz tem um número menor de meninas.”

Grande Investidor

Na medida em que o sonho ia sendo concretizado, outros desafios surgiam pela frente. Antes mesmo que o novo prédio do Lar de Frei Luiz fosse inaugurado, no final de 1969, a missão de Rocha Lima começaria a ganhar maior dimensão, com a compra do terreno da Estrada da Boiuna. Naquela época, o grupo contava com o centro da Travessa Santa Martinha, para suas reuniões mediúnicas públicas, o santuário para as materializações, nos fundos da casa do presidente, e o edifício em construção do orfanato, na Estrada do Rio Grande, além da “Fábrica do Amor”, funcionando em prédio alugado no bairro de Manguinhos.

Mas, com o início da destruição da mata atrás da casa do Cachambi, para a construção de edifícios, se fazia necessária a mudança do endereço para as materializações, pois as boas vibrações energéticas necessárias já não eram mais as mesmas. Por outro lado, dentro da luta por se fazer o máximo pelas crianças carentes, houve a preocupação de se ampliar as instalações do educandário, para que também coubessem meninas.

Na reunião de materialização de 8 de março de 1969, Frei Luiz autorizaria a procura de um novo terreno, para que ali fosse construído um educandário para os meninos. As meninas que entrassem ficariam então no prédio da Estrada do Rio Grande. Nessa altura, o amigo Pisani, que costumava passar o Carnaval no educandário com as crianças, já andava pelas imediações atrás de um terreno à venda. Acabou encontrando algo que parecia bom a cerca de um quilômetro do orfanato. Logo depois do Carnaval daquele ano, entraria em contato com o presidente. “Olha Rocha, encontrei uma área formidável, é mato à beça”, disse-lhe. Na verdade, Pisani tinha visto uma área de 10.000 m², que não fazia parte do terreno que viria se tornar a sede do Lar de Frei Luiz. Em suas memórias, Rocha Lima conta essa curiosa trapalhada e como teve certeza de que deveria comprar o terreno em questão:

– Não conseguimos localizar o proprietário do terreno de 10.000 m² na Boiuna. Nosso irmão Hugo Manoel Pisani localizou-o, e nos dirigimos a sua residência. Conhecemos então o fidalgo irmão Dr.

Moacyr Teixeira de Freitas. Ele não trouxe para verificá-lo. Antes, ele se deteve no Educandário Social Lar de Frei Luiz, ficando admirado com a obra monumental. Dirigimo-nos então à Boiuna, e espantados, eu e Pisani, verificamos que o terreno por nós visado não era o de sua propriedade. Seu terreno encontrava-se em uma área mais adiante, era mato virgem e brejo onde coaxavam sapos e rãs. Debaixo do frondoso tamarindo, senti a presença de Frei Luiz e que o terreno era nosso. Sem recursos, nem para a entrada, naquela ocasião, Deus nos supriu e hoje a grande área é nossa e as instruções continuam.

Não foi fácil comprar o terreno. Em princípio, Moacyr queria apenas vender uma pequena parte, pois estava interessado em lotear o restante. O presidente do grupo enviou então o médico Joaquim Vicente de Almeida, que acabara de entrar na obra, para uma missão espinhosa: convencer o proprietário a vender toda a área, e por um preço baixo.

Joaquim lembra que o dono estava irredutível, sendo convidado então a conversar com Rocha Lima, no educandário da Estrada do Rio Grande. “Na hora em que estavam regateando, eu falei: seu Moacyr, nós vamos fazer um orfanato lá em cima e o senhor não está vendo a bagunça que eles fazem? São crianças, são espíritos rebeldes. O senhor já pensou em quem for comprar isso sabendo que há um orfanato aqui, com crianças jogando pedra. Ninguém vai comprar isso do senhor. Vai ser difícil vender.”

O estratagema funcionou. Uma semana depois, o proprietário liga, informando que aceitava vender todo o terreno. Um mês depois, porém, na véspera do dia da assinatura da escritura de compra e venda, em 2 de maio de 1969, Rocha Lima ainda não tinha um tostão furado para a entrada. Mas sempre confiante em que receberia ajuda do astral para a obra, pediu aos seus mentores espirituais que o ajudassem.

À noite, inesperadamente, liga um empresário – que prefere se manter no anonimato – comunicando-lhe que ele e uns amigos tinham feito um negócio e que havia sobrado um dinheiro, que queriam doar para a obra. “Eu sei de quanto é o cheque”, disse-lhe Rocha Lima. “O senhor não pode saber porque fizemos o cheque agora”, retrucou o colaborador. O presidente acertou o valor. Atônito, o empresário perguntou-lhe como havia adivinhado. “É que amanhã eu tenho que pagar o terreno da Boiuna.”

Com os recursos da “Fábrica do Amor” e novas doações, inclusive de integrantes do grupo que passaram a se cotizar, com o pagamento de mensalidades, o terreno acabaria pago.

A exemplo da compra da área, Rocha Lima sempre enfrentou duras provas com a falta de dinheiro para a obra. Mas não era de ficar se lamentando. Nesses momentos, preferia ficar ensimesmado, meditando, pedindo ajuda aos seus mentores espirituais. A médium Eulina Guedes recorda-se de vê-lo assim algumas vezes, deprimido, quieto. “A gente sabia que ele estava com problemas. Às vezes, tinha problemas muito sérios com a obra, dívidas para pagar, e ficava assim, meio triste, pensando como é que ia conseguir recursos para isso ou aquilo. Mas ele tinha muita fé.” Gilberto Arruda lembra que, nessas horas, Rocha Lima costumava se isolar em um canto, para orar. “Ele só dizia: ‘Meu Deus, como é que eu vou fazer?’” Chamava então as pessoas mais próximas, como Gilberto e Ivan, e pedia que orassem com ele.

A ajuda acabava chegando.

No fundo, o presidente do Lar acreditou sempre que, no final de tudo, os problemas mais graves seriam resolvidos pelas pessoas de bom coração, amigos, colaboradores e até desconhecidos que surgiam inesperadamente.

Durão, personalidade estoica, nunca foi de ficar se derramando em sentimentalismos extremados. “Ele não gostava nem de choro nos enterros, nos velórios que a gente ia”, recorda Ronaldo Gazolla. Mas, quando a sobrevivência de suas crianças ficava garantida em momentos mais críticos, com o aporte de novas doações, ele acabava, sim, chorando. Certa vez, a situação financeira estava tão grave, que o choro compulsivo de Rocha Lima emocionou em especial alguns colaboradores mais próximos, como Ivan e Gazolla.

Anos 1980, época em que a inflação brasileira começou a estourar, com taxas mensais cada vez maiores e o dólar se valorizando rapidamente em relação à moeda nacional. Em meados da década de 70, para a construção de prédios no terreno da Boiuna, Rocha Lima havia contraído empréstimo atrelado ao dólar no Banco do Brasil, prática comum naquela época de dinheiro relativamente estável. Um total de cerca de US\$ 113 mil. No início dos anos 80, ao se aproximar

a data do pagamento de uma parcela equivalente a US\$ 15 mil, com a inflação aumentando e a crescente desvalorização da moeda brasileira, os encargos financeiros para a amortização da dívida, frente ao dólar, foram ficando cada vez mais pesados.

O médium Ivan Ferreira de Castro lembra que bens do Lar haviam sido penhorados para garantir o empréstimo, como o recém construído prédio da fábrica Vixoid, na Estrada da Boiuna, e o edifício do educandário na Estrada do Rio Grande.

– Na época, era muito dinheiro. Chegou a um ponto que os gerentes do banco começaram a pressionar a obra. Eles não estavam pensando em resgatar nada não, eles queriam era tomar, confiscar os bens – recorda. No entanto, firme em sua fé interior, Rocha Lima dizia: “Deus, na hora certa, não vai deixar que eles façam isso. Nós vamos conseguir os recursos”.

O tempo passando, a angústia dos integrantes da obra aumentava. José Franco Arruda, o Juca, que ajudava na administração financeira do Lar, coçava a cabeça, cada vez mais preocupado. Mas o presidente continuava firme, orando por uma solução. Ivan lembra que Rocha Lima chegou a gritar com o amigo: “Que é que há Juca, você não tem fé? Eu estou falando que vai dar certo, você tem que ter confiança”.

Numa quarta-feira venceria o prazo fatal. No sábado anterior, Ivan se deitou para dormir. A solução estava a caminho.

– Frei Luiz me apareceu, foi no sonho. Deitado, desdobrado, ele me levou assim num vale, todo verdinho, tinha uns quiosques. Aí, ele me chamou e conversou comigo: “Olha, meu filho, fala para o meu filho Rocha Lima que tem solução naquele caso. Ele que peça uma parcela de cada irmão que tenha recurso, que tem muito irmão com recurso ali”.

Na segunda-feira, quando Ivan lhe contou o sonho, Rocha Lima ficou fitando-o, demoradamente, como que estudando o caso. “Ele olhou dentro dos meus olhos. Ih, vem uma bronca aí, pensei comigo, né? Porque ele era enérgico, qualquer coisa, se fosse necessário brigar, ele brigava.”

Mas não saiu bronca nenhuma. O presidente do grupo pediu então que Ivan chamasse imediatamente Odylio Kropf Carvalho, um

de seus mais fraternos amigos e colaboradores da obra. “Odylio, vem cá, pega lá o livro de telefone e endereço dos irmãos. Vê lá quem tem recursos e diga que eu tenho uma reunião aqui na terça-feira com todos eles. Mas só chama quem tem recursos, quem não tem não adianta chamar.” Ivan lembra que o amigo ainda retrucou, querendo saber o porquê da reunião. “Não interessa, chama lá todo mundo. É ordem lá do alto.”

Terça-feira de manhã. Num barraco, onde então funcionava precariamente o escritório do Lar de Frei Luiz na Boiuna, os convidados foram chegando. Gazolla estava presente. A reunião começou.

– Ele falou, falou e ficou esperando – relata Ivan. – A turma começou então a tirar talão de cheque do bolso. Mas não davam 500 não, como Frei Luiz tinha falado, davam 1.000, 2.000. Deu para pagar toda a conta, e ainda sobrou dinheiro pro Rocha Lima pagar mais algumas dívidas pendentes que ele tinha lá.

Para alguns, a reação do presidente do grupo foi inusitada. “Ele chorou de emoção, chorou como uma criança. As lágrimas corriam assim nos olhinhos dele”, lembra Ivan.

– Era muito dinheiro, mas cada um puxou a grana. Teve gente que puxou até com dificuldade, mas puxou. Quando juntou aquilo, que ele somou, falou assim: “Saldei a dívida da Boiuna”. Aí, começou a chorar. Que coisa linda, ele chorou, chorou. Foi das poucas vezes que eu o vi chorando – completa Gazolla.

Uma das coisas que mais emocionavam Rocha Lima era o sincero desprendimento para a caridade de pessoas que haviam sido beneficiadas em vida com riquezas materiais. A alguns desses colaboradores, principalmente o empresário Antônio Piccolotto, ele escreveu e dedicou o livro *O Grande Investidor*.

Para o presidente do grupo, a riqueza, ao contrário do que muitos pensam, não é um fim, mas “um meio de atingirmos a meta – o espírito”. Assim, “quando ela se torna um fim, envenena os outros e a si própria!”. Piccolotto, segundo ele, era “um grande investidor” por ter gasto tudo que possuía na caridade. “Este livro nos mostra um outro sistema de vida, no qual não vale enriquecer, conquistar poder, fastígios e gozos!... Dá-se nele valor à construção moral de si mesmo, à ascese espiritual desde a Terra.”

Empresário paulista da área de equipamentos médicos, Piccolotto chegou a ser dono, nos anos 1930, da maior fábrica da América do Sul de seringas hipodérmicas. Homem de visão, foi o introdutor no Brasil, em 1968, da seringa plástica. No fim da vida, dedicou-se à caridade e, após financiar a construção de vários prédios do Lar de Frei Luiz, acabou terminando seus dias morando ali.

No livro em sua homenagem, Piccolotto relata a conversa que teve com a mulher, Amélia, já idosos, numa tarde de sábado de 1975, na varanda de sua residência, na praia do Flamengo, zona sul do Rio de Janeiro. Havia chegado aquele momento em que, mais cedo ou mais tarde, todos precisamos encarar de frente: o que fazer diante da morte?

Para muitos, com a chegada da velhice e a decrepitude do corpo físico, presos a um estilo de vida em que pouca coisa de útil se fez e se faz em prol da coletividade ou até mesmo da família, sobra um futuro vazio, sem sentido. Angustiante. Para o casal Piccolotto, porém, o futuro surgiu dentro de uma perspectiva positiva. “Estamos no fim de nossa existência terrena. Temos, portanto, que pensar em construir algo de útil para o nosso semelhante”, disse o marido à mulher.

Sua ideia era de que o casal liquidasse a sua organização comercial, dedicando o tempo que lhe restava para construir um internato de repouso para pessoas idosas ou um educandário para crianças. Passaram-se alguns dias e, num sonho, o marido vislumbrou tudo que estavam planejando em termos de ajuda ao próximo. O destino mais uma vez se fez valer. Uma empregada do casal vivia se lamentando, preocupada com o destino de seus dois filhos, entregues aos cuidados de duas pessoas, por falta de recursos para criá-los. Mas achava que os filhos estavam sendo maltratados.

Para tentar resolver o impasse, Amélia telefonou para uma amiga, procurando encontrar um educandário onde colocar as crianças. Foi lhe recomendado então que entrasse em contato com um senhor de nome Hugo Manoel Pisani, que fazia parte de “um educandário em Jacarepaguá”.

– Ao chegarmos ao Educandário Social Lar de Frei Luiz, qual não foi a nossa surpresa ao presenciar que tudo quanto se encontrava ali construído me fora mostrado em sonho, meses antes de visitá-lo pela

primeira vez. Passamos a fazer parte de todas as cerimônias religiosas, no centro espírita, na Travessa Santa Martinha, e as do Santuário de Frei Luiz, na Montanha Sagrada da Boiuna. Nos passeios que fazíamos em nossas visitas ao educandário, pelas alamedas ali existentes, Amélia me solicitava a investir, ao máximo, em obras no educandário, principalmente nas construções, a fim de marcar sua passagem e deixar um exemplo a quem possa realizar o mesmo.

Homem de posses, Piccolotto não se furtava a ajudar se o assunto fosse as crianças do Lar. O empresário Agenor do Amaral lembra quando, a pedido de Rocha Lima, fez uma reunião com conselheiros da obra para mostrar-lhes “o sufoco que a Boiuna estava passando para cumprir alguns compromissos”. Depois do encontro, ainda sem saber que Piccolotto era um homem rico, ofereceu-lhe uma carona, ouvindo dele: “Se o senhor precisar de alguma ajuda ligada com as crianças diretamente, especificamente com as crianças, o senhor fale comigo. Fora disso, não”.

A partir dali, Agenor conheceria um pouco mais daquele grande investidor em sua última missão na Terra. “Ele mergulhou de cabeça, fez uma obra maravilhosa. Não só fez, orientou tudo. Ele não dava colher de chá, corria atrás de tostão. Quem fizesse qualquer bobagem lá dentro, na parte financeira, partia em cima. E por quê? Porque era o que mais dava, ele sabia o valor, o que custava ganhar aquilo.”

Piccolotto era tudo o que Rocha Lima precisava naquela virada das décadas de 1970 e 1980. Já idoso, a caminho da desencarnação, o presidente do Lar havia encontrado um amigo disposto a se envolver com desgastantes questões financeiras e de execução de obras. “O Dr. Rocha Lima não queria envolvimento com dinheiro, queria ficar longe disso. Ele queria cuidar muito mais da parte espiritual”, diz Agenor.

Missão Cármica

Piccolotto não foi o primeiro nem o último colaborador dedicado do Lar de Frei Luiz. Seja bancando obras, pagando mensalidades facultativas de manutenção, doando alimentos ou outros produtos e mesmo trabalhando de graça, inúmeras pessoas ajudam até hoje a manter a obra. Em troca, os que precisam também são auxiliados. O próprio Piccolotto, em novembro de 1975, teve um tumor no cérebro retirado por Frederick von Stein materializado. Ele e sua mulher ainda passariam ali por outras operações de cura.

Com essa corrente de solidariedade, Rocha Lima conseguiria presenciar, antes de desencarnar, a consolidação de sua razão de ser. No final dos anos 80, antes que caísse de cama doente, a sede do Lar de Frei Luiz, na Estrada da Boiuna, estava preparada para receber toda a estrutura do educandário, serviços de apoio médico e também as reuniões públicas mediúnicas. Desde 1973, com a inauguração do novo Santuário de Frei Luiz, as reuniões de materializações já vinham sendo realizadas na Boiuna, mas os encontros públicos das quartas-feiras continuavam sendo feitos no Centro da Travessa Santa Martinha, na Abolição.

E mais uma vez, o ato final de transferência de todos os trabalhos do grupo para a sede da Boiuna, em 1989, demonstraria a vontade de Rocha Lima de conviver em paz com seus semelhantes, sem radicalismos. Tudo começou quando a direção da Igreja Universal do Reino de Deus, então em seus momentos iniciais de proselitismo, comprou um cinema na Avenida Suburbana, que viria a ser a grande sede desses evangélicos. O cinema, porém, possuía uma saída para a Travessa Santa Martinha. Em breve, assim, começariam os atos de obscurantismo.

Para os evangélicos e cristãos de uma forma geral, é impossível a aceitação de temas caros ao espiritismo, como a reencarnação e o conseqüente processo de evolução espiritual. Nada mais natural, pois essa visão religiosa – pelo menos como chegou aos nossos tempos, pois há estudos mostrando que o cristianismo, no início, aceitava a ideia da reencarnação – tem como base o sacrifício de Jesus na cruz para salvar

a humanidade de seus pecados, abrindo a porta da ressurreição eterna para os que assumam a sua culpa de pecadores.

Uma versão triste, pesada, da condição humana que bate de frente com o ensinamento do livre-arbítrio. O problema para esses evangélicos é que a visão cristã do sacrifício de Jesus perde todo o sentido se aceitarem que o homem e a mulher podem passar por um processo de aprendizagem, a partir de suas próprias decisões, superando assim seus “pecados” e ascendendo espiritualmente, através de diferentes encarnações.

Seres iluminados como Rocha Lima deixariam essas diferenças apenas no plano teórico e prático de cada grupo social, sem qualquer ação perseguitória. Infelizmente, para a turma da Universal, não é assim que a banda toca. Em sua maneira de ver o mundo, a incorporação mediúnicamente é coisa de demônios, anjos decaídos a mando de Satanás.

O médium Eduardo Frutuoso recorda que as manifestações provocativas foram aumentando cada vez mais. “Nós vínhamos de branco, e o pessoal da Igreja Universal começou a vir de branco também, distribuindo cartõezinhos para a gente. Pressionando cada vez mais, começaram a fazer um corredor quando a gente passava, gritando ‘Satanás, esconjuro’. Algumas pessoas eram agredidas.” Numa quarta-feira à noite, o tempo fechou de vez. A coisa ficou tão feia que teve até polícia e imprensa. Paulo Ruy estava no local, e por pouco não foi agredido:

– O Rocha Lima já tinha chegado, estava um tumulto total. Eles encheram a travessa de carros e vieram para a rua, cortando a luz no transformador da Light. A gente ligava pra Light, e a Light não vinha. O Rocha Lima, preocupado, ficava orando lá dentro. Eu fui lá fora e identifiquei que o chefe era um coronel da Aeronáutica da reserva, cassado na Revolução. Um sujeito completamente perturbado. Como oficial da Aeronáutica ainda na ativa, fui falar com ele. Mas ele não queria se render, porque estava com todo o pessoal em volta dele, e a coisa começou a engrossar. Aí apareceu o Cortes, que era brigadeiro da reserva, e veio em meu auxílio. Eu sei que a muito custo chamamos a polícia e levamos o sujeito pra delegacia. Só mesmo com a proteção do alto não se quebrou nada, não houve agressão física às pessoas. Eles estavam a fim de depredar tudo e promover uma grande violên-

cia. Havia mais de mil pessoas deles na travessa. O pessoal do centro ficou lá dentro, orando. O Rocha Lima ficou dentro do centro orando, instigando os irmãos a orar. O poder de oração de todo mundo dentro do centro foi muito grande, e por isso eles se sentiram inibidos.

Na manhã seguinte, Eduardo, que não havia ido ao centro naquela noite conturbada, receberia um telefonema avisando que Rocha Lima decidira transferir as reuniões públicas para a Boiuna. O prédio da Travessa Santa Martinha seria então alugado, e nunca mais se ouviria falar de reuniões espíritas no local. “O Dr. Rocha Lima ficou chateado, mas reagiu bem”, avalia Eulina Guedes.

A transferência de todos os trabalhos para a Boiuna inauguraria uma nova era para o Lar, mas, por outro lado, assinalaria o início do declínio físico de seu fundador. De forma gradativa, o vigoroso Rocha Lima foi perdendo os movimentos do corpo. Primeiro, começou a arrastar as pernas. Com o tempo, passaria a andar de cadeira de rodas. Com o aumento das falhas de memória, falou cada vez menos.

– Mas foi tudo assim muito suave, não teve nada de uma hora pra outra – afirma Paulo Ruy. Quando ficou sem andar, aumentaram as dificuldades para que ficasse em sua casa, e acabou indo morar na Boiuna, em 1990. “Nós não queríamos que ele fosse morar lá. Mas acontece que ele ficou sem andar. Ele era muito pesado, era bem gordo. A cadeira de rodas não dava para entrar no banheiro”, lembra a filha Marilene. Nessa época, um integrante do grupo, Agostinho Silva, foi de uma dedicação extremada, ajudando-o em sua higiene pessoal.

Num sábado, Eduardo telefonou para Rocha Lima, que ainda morava no Cachambi, para comunicar que estava indo para a Boiuna, e perguntou se ele queria algo. “Diga pro pessoal que estou me sentindo abandonado, estou me sentindo muito sozinho”, respondeu. Telefonemas foram então trocados e os médicos Luiz Augusto de Queiroz, Paulo Cesar Fructuoso e Ronaldo Gazolla decidiram que havia chegado a hora de levar o presidente do grupo para aquela que seria a sua última morada na Terra: o Lar de Frei Luiz.

No início, o médium e amigo Eduardo ainda sonharia com a sua recuperação física. “Eu tentei de tudo para ele se recuperar. Acupuntura, cromoterapia, massagem. Fazia exercícios, levava ele no tamarineiro

todo dia.” Mas não teve jeito. A partir de 1991, já extremamente debilitado, Rocha Lima não mais se levantaria de sua cama na Casa de Felipe, o lar de idosos da obra.

Em fevereiro daquele ano, o médico Paulo Cesar, filho de Eduardo, colocaria no presidente a primeira sonda nasogástrica. “O Rocha Lima estava consciente, ainda falava, com dificuldades. Mas não estava comendo nem bebendo”, recorda Eduardo. No final de uma reunião dominical, ele falaria pela última vez. Eduardo lembra que chamou Gazolla e Luiz Augusto para fazerem uma prece no pequeno quarto da Casa de Felipe.

– O Rocha Lima então, com o dedo indicador esquerdo, chamou a gente. Aí, nós demos as mãos. Eu fiquei no meio, o Gazolla ficou a minha direita e o Luiz Augusto, a minha esquerda, segurando a mão dele. Nós fizemos uma mentalização, e ele falou, pausado: “Eu amo vocês, eu amo vocês”. Foram as últimas palavras que escutei do Rocha Lima.

Até desencarnar, em 23 de outubro de 1995, Luiz da Rocha Lima passaria quatro anos sem se comunicar diretamente com o mundo exterior. Mas sua aparência sempre lembrou a de uma pessoa em boas condições. Sua pele tinha vivacidade. Mesmo deitado, de olhos sempre fechados, como em um sono profundo, exalava energia.

Um mês e meio antes do seu falecimento, a jornalista Luzia Salles foi lhe fazer uma visita, já que estava no Lar para uma reportagem sobre a obra para a revista *Destino*. Ela conta que começou a acariciar seus pés delicadamente, depois o braço. “Aí, ele abriu aqueles olhos, e sorriu. Não me esqueço mais disso, aquele homem imenso de grande sorrindo pra mim.”

Gazolla afirma que qualquer médico diria que Rocha Lima estava com arteriosclerose ou com mal de alzheimer ou até demência senil. “Deixa que vejam do jeito que quiserem, porque não é nada disso, é outra coisa.” Para ele, o fundador do Lar de Frei Luiz estava ali, paralisado, sofrendo a ação do seu carma final – mantendo a sua presença física, símbolo forte de disciplina e respeito, para que, lentamente, de forma natural, um novo poder fosse surgindo na obra, para substituí-lo sem que todo aquele esforço soçobrasse.

Em geral, lembra Gazolla, a história dos centros espíritas revela que, ao se ter um líder muito forte, carismático, “quando ele morre o centro se dissolve, porque há uma luta fraticida pelo poder”. Para o médico, se Rocha Lima morresse de repente, não haveria ninguém preparado para assumir o Lar.

– Todo mundo dizia assim: “Na hora que o Rocha Lima não puder, não tem mais materialização. Na hora que o Rocha Lima não estiver mais presente, não tem mais isso”. Então, para evitar isso, ele não criou uma comoção, com um desencarne repentino. Ele foi se apagando lentamente, igual a uma velinha, para que os que estivessem ali dentro não percebessem, e fosse cada um ocupando o seu espaço.

Sem querer entrar em detalhes – “Eu não tenho esse direito” –, Gazolla lembra que “houve lutas grandes” dentro do Lar ainda com Rocha Lima na cama, inconsciente. Mas, desdobrado, ele continuava trabalhando, astralmente, pela harmonia do grupo. “Ele foi contemporizando aquilo e mantendo um equilíbrio, para que nós fôssemos adquirindo confiança de que as coisas poderiam continuar do mesmo jeito.”

De fato, antes e logo depois do seu desencarne, o Lar seria sacudido por uma desarmonia intensa, com grupos disputando o caminho que achavam o mais correto para a obra. Uma desarmonia latente, infelizmente ainda comum em qualquer trabalho coletivo, que precisa ser permanentemente combatida.

Mas Rocha Lima deixou uma lição para o grupo: sem um espírito de coesão intensa, passando-se por cima de pequenas desavenças, comuns em qualquer relacionamento humano – para que não se tornem problemas insuperáveis –, o Lar de Frei Luiz desmorona. Da mesma forma que a obra se tornou muito grande, atraindo milhares de pessoas, a fama e o reconhecimento de um esforço benfeito provocam também o descontrole de alguns egos. Daí para o desastre, é um passo.

O gigantismo do Lar torna mais difícil a missão de educar seu corpo mediúnico para lidar com frequentadores que, em princípio, não têm o mesmo preparo e vibração harmônica. Em princípio, porque mesmo no grupo ainda existem pessoas que, considerando-se com poderes mediúnicos – se é que entendem o que isso significa –, se arvoram em agir como donos da verdade, querendo atuar de forma independente num local em que o espírito coletivo e a disciplina têm

que ser a base de tudo. São pessoas que acham estar cumprindo uma missão de ajuda – mas antes precisam é de auxílio.

Para aumentar a disciplina e a espiritualização do grupo, o corpo mediúnico é incentivado então a passar por aulas de formação, discutindo pontos considerados importantes para o autoconhecimento, o equilíbrio psíquico e espiritual.

Mas, quando se fala de um centro com centenas de médiuns, pode-se entender a complexidade dessa tarefa, o que demanda cuidados especiais. No fundo, alguns médiuns e outros colaboradores da casa precisam estar atentos para se prepararem melhor para o crescimento da Boiuna. No dia a dia, percebem-se pessoas sendo grosseiras, irritadiças, vaidosas, sem o preparo adequado para atender gente aflita, quanto mais em multidão.

Como em qualquer agrupamento humano, há deficiências que acabam prejudicando a harmonia do lar – como fofocas ou mesmo médiuns que se sentem rejeitados só porque não foram designados para determinadas tarefas ou para sentar em algum lugar considerado especial, durante as reuniões.

Para complicar, existe um problema do grupo a ser superado, algo sempre alertado por Rocha Lima e seus mentores espirituais: o carma da Inquisição. Em diferentes vidas, principalmente durante a Inquisição, muitos ali já se cruzaram, inclusive crianças carentes que hoje estão no Lar, fazendo mal a outros, mandando opositores para a fogueira, criando antipatias mútuas. Até mesmo o próprio Rocha Lima, que foi um cardeal da Igreja na Idade Média, precisou ajustar suas contas com o passado. Assim, ensinava, o Lar de Frei Luiz era a oportunidade que todos ali tinham para queimar seus carmas negativos.

Por isso, repetia, os médiuns que ali trabalham não devem se deixar levar pela vaidade, pelo orgulho, pois, ao contrário de seres superiores, são os mais endividados de todos. Nesse sentido, em uma palestra de 1986, ele conclamava seus colaboradores a viver uma nova fé, uma força interior positiva, em busca da libertação, da autorrealização – desligando-se “daquela fé religiosa que ergueu fogueiras para queimar criaturas vivas”, enforcou e usou “instrumentos de potros para castigo, dor, enfermidade e morte daqueles que eram e são nossos irmãos”.

Apesar de desavenças não superadas, a forte presença de Rocha Lima no Lar de Frei Luiz continua sendo um auxílio fundamental para a consolidação dos necessários laços de fraternidade do grupo. Ainda em vida, ele receberia a seguinte mensagem de Frei Luiz: “Por ordem de nosso mestre Jesus, você conseguiu, através desta obra, sua libertação. Você não precisará reencarnar mais. Desencarnado, você vai ajudar, colaborar nesta obra em espírito, e da espiritualidade, junto comigo, muito poderemos fazer por ela”.

Em dezembro de 1997, dois anos depois de desencarnar, Rocha Lima se materializaria pela primeira vez no Santuário de Frei Luiz, demonstrando, de viva voz, que ainda está presente, zelando pela unidade do grupo.

– Foi uma emoção muito grande. A gente terminou a reunião chorando. É muito forte Frei Luiz se materializar e falar. Mas é mais forte ainda a gente ter convivido com uma pessoa como o Rocha Lima e ele se materializar e vir conversar com a gente. O tom de voz, tudo, tudo... Foi uma emoção muito grande – repete Gilberto Arruda.

No início dos trabalhos na sede da Boiuna, Rocha Lima costumava prever que ali não ia caber de tanta gente. Depois, do alto do acerto de sua previsão, dizia também que chegaria um dia – se houvesse merecimento do grupo – em que, durante as sessões públicas, com ambiência favorável, espíritos de amigos e de familiares desencarnados se materializariam nas cadeiras ao lado. O auditório das palestras ficaria assim lotado de encarnados e desencarnados materializados.

Se houver merecimento.

– Muitos irmãos do grupo têm antipatias e empatias. Aqui é uma oportunidade para a gente se entender. O Rocha Lima veio com essa missão de unir muitos espíritos que estavam desunidos. Esta obra é um ponto de vibração muito importante dentro do Brasil – sustenta Gazolla.

É e será, enquanto vibrar positivamente.

Posfácio

Algumas vezes, conversando com céticos sobre reencarnação e materialização de espíritos, tenho a impressão de que sou visto de forma estranha. Mas como sempre fui um jornalista de firme senso ético profissional e ponto de vista crítico sobre a sociedade e a política, fica mais difícil acharem que, inocente útil, posso estar sendo enganado por alguma seita misteriosa.

Como não sou dado a misticismos e reconheço até hoje o quanto o estudo do marxismo foi fundamental para a visão filosófica que tenho do mundo, me sinto à vontade para afirmar aos materialistas e descrentes em geral: os fenômenos discutidos neste livro são verdadeiros e merecem muito mais do que comentários sarcásticos ou irados. Merecem uma nova visão científica e filosófica despreconceituosa, com pessoas sérias dedicando-se, cada vez mais, à prática e ao aprofundamento teórico da ciência da espiritualidade.

Picaretas e charlatões existem em qualquer grupamento humano, seja profissional ou não. No jornalismo, na literatura, na política, na medicina, na psicanálise, na terapia de vidas passadas, no espiritismo, na família. Curioso. Quando um médico erra e mata alguém, as entidades e profissionais de saúde são sempre muito cuidadosos ao tratar do assunto, apontando o direito de defesa, de se conhecer melhor o caso. É justo.

Agora, quando é um médium que erra, por exemplo, aí vem o dilúvio. A partir do engano de uma pessoa, tenta-se, preconceituosamente, apontar como errada, enganosa, de má-fé, não apenas aquela pessoa, mas toda uma prática terapêutica e de cura. É como condenar a medicina pelo erro de alguns médicos. É justo?

Este livro tenta mostrar que não. Ao leitor mais sensível, mesmo que ateu ou agnóstico, deixo a seguinte sugestão: não importa se Deus existe ou não, os exemplos, as histórias que povoam este planeta, ligados ao chamado mundo da espiritualidade, demonstram que há sim outras realidades “materiais”, energéticas, que vão muito além do que conhecemos como corpo físico. O que cria essas realidades infinitas,

pouco importa, a não ser que sirva para esquentar debates democráticos de cunho filosófico e religioso. Tentar dar respostas definitivas a isso é não só prepotência humana, mas um caminho certo para discussões intermináveis que não levam a lugar nenhum. Ou melhor: acabam levando a lutas, perseguições, até mesmo a guerras e mortes.

Com a chegada do século 21, temos que adotar outra postura – nem que seja por respeito à diversidade de pensamento, de culturas. Com um vigor científico e filosófico renovado, precisamos nos lançar a decifrar esses fenômenos, o máximo que pudermos. Este é um caminho fundamental para construirmos um novo mundo, pois, ao entender melhor essa fenomenologia espiritual, compreenderemos que a reforma interior de cada um será sempre a base das grandes transformações sociais.

Dois objetivos precisam estar casados na vida de uma pessoa de bem: lutar para mudar a sociedade e o seu próprio comportamento individual. Dialeticamente, um influenciando o outro. Não basta falar de um mundo equilibrado e justo. É preciso praticar ao máximo o que se defende em casa, nas ruas, no trabalho. Mesmo sob condições adversas.

Ficar, a essa altura do campeonato, com posições radicalmente racionalistas, é pueril. Quando falo que já vi uma pessoa falecida se materializar a minha frente, infelizmente há sempre alguém para dizer: que idiota! Só que, como demonstrado neste livro, esse crítico terá que atacar um número incontável de pessoas que já presenciaram fenômenos semelhantes. Terá que desconsiderar por completo pessoas respeitadas socialmente – como o ex-secretário de Saúde Ronaldo Gazolla, que, de louco, não tinha nada.

No fundo, esse preconceito esconde um problema maior: a falta de conhecimento do assunto e de sensibilidade para captar novas realidades. Não percebem que estamos entrando em um novo mundo científico e filosófico, em que os parâmetros puramente cartesianos – que dividem a mente do corpo, como se este fosse uma máquina comandada por aquela – não fazem mais sentido.

O próprio estudo da história, tendo o materialismo histórico à frente, terá que ser renovado. A psicanálise também. O modo de

produção capitalista está fazendo água por todos os cantos, as pessoas estão cada vez mais neuróticas, fóbicas, angustiadas, ansiosas, sem um sentido claro para a vida. Discussões sobre a formação psicológica, ideológica e cultural das sociedades – fundamentais para construirmos um novo planeta – ganharão outro patamar teórico quando incorporarem noções científicas e filosóficas sobre a importância do carma e de vidas passadas na estruturação da personalidade e da visão de mundo das populações.

Não podemos mais adotar posições fechadas. No futuro, boa parte das explicações contidas neste livro sobre fenômenos espirituais estará também ultrapassada – devendo, portanto, ser renovada, aprofundada. Assim caminha a ciência dialética. Mas, mesmo que tenhamos conceituações mais elaboradas sobre essas questões, um fato me parece indiscutível desde já: à luz dos novos conhecimentos, principalmente da física quântica, matéria e energia são a mesma coisa, em estados diferentes, podendo se transformar uma na outra. Aceitar essa realidade muda radicalmente nossa visão de vida.

Somos muito mais do que uma máquina a serviço da consciência. Somos muito mais do que um corpo que morre. A energia que habita em nós, e desaparece visivelmente com a morte do corpo físico, segue o seu caminho de evolução universal. Para onde, ninguém sabe ao certo. Cada caso é um caso. Mas, com certeza, estaremos fazendo uma viagem mais serena e consciente na medida em que possamos ajudar, aqui e agora, a construir um mundo material melhor para todos.

Só amando generosamente, combatendo o nosso egoísmo, a nossa visão de propriedade da terra e das pessoas, é que conseguiremos construir um planeta mais harmonioso.

É urgente acabarmos com a ilusão do racionalismo puro, que vê o corpo, a sociedade e o meio ambiente como simples apêndices da mente humana, da criação racional. Estamos vivendo momentos decisivos, de guerras, lutas sociais, pobreza e violência crescentes, destruição ambiental, catástrofes naturais que aumentam em intensidade. Se não mudarmos a rota do desenvolvimento histórico, a vida na Terra ficará insustentável para a maioria da humanidade, dos mais pobres aos mais ricos. E não vai demorar muito.

É chegada a hora. As chances de revertermos esse processo, sem grandes traumas, são poucas. Precisamos, assim, abandonar com urgência as visões preconceituosas que só atrasam o despertar da humanidade.

Ronie Lima

Bibliografia

A Dança do Universo: Dos Mitos de Criação ao Big-Bang (Companhia das Letras, 1997), de Marcelo Gleiser

A Fonte da Juventude: Os Segredos Seculares dos Monges Tibetanos para o Rejuvenescimento Perene (Editora Best Seller, 21ª edição), de Peter Kelder

A Luta contra a Bruxaria (Educandário Social Lar de Frei Luiz), de Luiz da Rocha Lima

A Mente Holotrópica: Novos Conhecimentos sobre Psicologia e Pesquisa da Consciência (Editora Rocco, 1994), de Stanislav Grof, com Hal Zina Bennett

Além do Cérebro: Nascimento, Morte e Transcendência em Psicoterapia (McGraw-Hill, 1987), de Stanislav Grof

As Vidas de Chico Xavier (Editora Rocco, 1994, 2ª edição), de Marcel Souto Maior

Através da Barreira do Tempo: Um Estudo sobre a Precognição e a Física Moderna (Editora Pensamento, 1989), de Danah Zohar

Autobiografia de um Iogue (Self-Realization Fellowship/Summus Editorial, 1981), de Paramahansa Yogananda

Buda e o Budismo (Livraria Agir Editora, 1958), de Maurice Percheron

Da Elite ao Povo: Advento e Expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro (Editora Bertrand do Brasil, 1994), de Sylvia F. Damazio

Depois da Morte (Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira, 9ª edição), de Léon Denis

Forças do Espírito (Educandário Social Lar de Frei Luiz, 5ª edição, 1988), de Lauro Neiva e Luiz da Rocha Lima

Frei Luiz, o Operário do Brasil (Educandário Social Lar de Frei Luiz), de Luiz da Rocha Lima

História do Espiritismo (Editora Pensamento), de Arthur Conan Doyle

Luizinho, o Poeta de Deus (Educandário Social Lar de Frei Luiz, 2ª edição, 1986), de Luiz da Rocha Lima

Materializações de Espíritos (Editora Eco, 4ª edição), de Paul Gibier e Ernesto Bozzano

Medicina dos Espíritos (Educandário Social Lar de Frei Luiz, 2ª. Edição), de Luiz da Rocha Lima

Memórias de um Presidente de Trabalhos (Educandário Social Lar de Frei Luiz, 1982), de Luiz da Rocha Lima

Memórias, Sonhos, Reflexões (Editora Nova Fronteira, 1990, 13ª edição), C.G.Jung

Mensagens dos Espíritos pelo Telefone (Educandário Social Lar de Frei Luiz, 1985), de Luiz da Rocha Lima

Mistérios e Magias do Tibete (Editora Freitas Bastos), de Chiang Sing

O Bhagavad-gita como Ele É (Fundação Bhaktivedanta, 1986), sua Divina Graça A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupáda

O Colapso da Modernização: Da Derrocada do Socialismo de Caserna à Crise da Economia Mundial (Paz e Terra, 1996, 4ª edição), de Robert Kurz

O Evangelho Segundo o Espiritismo (Lake – Livraria Allan Kardec Editora, 1994, 43ª edição)

O Grande Investidor (Educandário Social Lar de Frei Luiz, 1983), de Luiz da Rocha Lima

O Tao da Física: Um Paralelo Entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental (Editora Cultrix, 1989), de Fritjof Capra

O Universo Autoconsciente: Como a Consciência Cria o Mundo Material (Editora Rosa dos Tempos, 1ª edição), de Amit Goswami, com Richard E. Reed e Maggie Goswami

Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios? (Editora Gráfica Universal, 16ª edição), de Edir Macedo Bezerra.

Projeções da Consciência: Diário de Experiências Fora do Corpo Físico (Livraria e Editora Universalista, 1989, 3ª edição), de Waldo Vieira

Retalhos Cósmicos (Companhia das Letras, 1999), de Marcelo Gleiser

Shambhala: A Misteriosa Civilização Tibetana (Livraria Bertrand, 1979), de Andrew Tomas

Terapia de Vidas Passadas: Uma Viagem no Tempo para Desatar os Nós do Inconsciente (Editora Record/Nova Era, 1999), de Célia Resende

The Mysteries of Sedona: He New Age Frontier (Hummingbird Publishing, 1988), de Tom Dongo

The Spirits'Book (Lake-Livraria Allan Kardec Editora, 5ª edição), de Allan Kardec

Transcomunicação Instrumental: Contatos com o Além por Vias Técnicas (FE Editora Jornalística, 1996), de Sonia Rinaldi

Um 'Fluido Vital' Chamado Ectoplasma (Publicações Lachâtre, 1997), de Matthieu Tubino

Para saber mais sobre nossos títulos e autores,

visite o nosso site:

www.mauad.com.br